

IDENTIDADE, ARQUITETURA E PERTENCIMENTO:

Proposta de Centro Comunitário
para o Quilombo Alto Santana

Isadora Souza Medeiros
2024

Universidade Federal de Goiás (UFG)
Unidade Acadêmica de Ciências Sociais Aplicadas (UAECSA)

Isadora Souza Medeiros

IDENTIDADE, ARQUITETURA E PERTENCIMENTO:
Proposta de Centro Comunitário para o Quilombo Alto Santana

Goiás - GO
2024



UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS
UNIDADE ACADÊMICA ESPECIAL DE CIÊNCIAS SOCIAIS APLICADAS

TERMO DE CIÊNCIA E DE AUTORIZAÇÃO PARA DISPONIBILIZAR VERSÕES ELETRÔNICAS DE TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO DE GRADUAÇÃO NO REPOSITÓRIO INSTITUCIONAL DA UFG

Na qualidade de titular dos direitos de autor, autorizo a Universidade Federal de Goiás (UFG) a disponibilizar, gratuitamente, por meio do Repositório Institucional (RI/UFG), regulamentado pela Resolução CEPEC no 1240/2014, sem ressarcimento dos direitos autorais, de acordo com a Lei no 9.610/98, o documento conforme permissões assinaladas abaixo, para fins de leitura, impressão e/ou download, a título de divulgação da produção científica brasileira, a partir desta data.

O conteúdo dos Trabalhos de Conclusão dos Cursos de Graduação disponibilizado no RI/UFG é de responsabilidade exclusiva dos autores. Ao encaminhar(em) o produto final, o(s) autor(a)(es)(as) e o(a) orientador(a) firmam o compromisso de que o trabalho não contém nenhuma violação de quaisquer direitos autorais ou outro direito de terceiros.

1. Identificação do Trabalho de Conclusão de Curso de Graduação (TCCG)

Nome(s) completo(s) do(a)(s) autor(a)(es)(as): Isadora Souza Medeiros

Título do trabalho: IDENTIDADE, ARQUITETURA E PERTENCIMENTO: Proposta de Centro Comunitário para o Quilombo Alto Santana

2. Informações de acesso ao documento (este campo deve ser preenchido pelo orientador) Concorda com a liberação total do documento [X] SIM [] NÃO¹

[1] Neste caso o documento será embargado por até um ano a partir da data de defesa. Após esse período, a possível disponibilização ocorrerá apenas mediante: a) consulta ao(à)(s) autor(a)(es)(as) e ao(à) orientador(a); b) novo Termo de Ciência e de Autorização (TECA) assinado e inserido no arquivo do TCCG. O documento não será disponibilizado durante o período de embargo.

Casos de embargo:

- Solicitação de registro de patente;
- Submissão de artigo em revista científica;
- Publicação como capítulo de livro.

Obs.: Este termo deve ser assinado no SEI pelo orientador e pelo autor.



Documento assinado eletronicamente por **Jose Rodolfo Pacheco Thiesen, Professor do Magistério Superior**, em 05/02/2024, às 09:59, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no § 3º do art. 4º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



Documento assinado eletronicamente por **Isadora Souza Medeiros, Discente**, em 05/02/2024, às 10:28, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no § 3º do art. 4º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



A autenticidade deste documento pode ser conferida no site https://sei.ufg.br/sei/controlador_externo.php?acao=documento_conferir&id_orgao_acesso_externo=0, informando o código verificador **4342655** e o código CRC **ADDF616E**.

Referência: Processo nº 23070.004322/2024-85

SEI nº 4342655

Isadora Souza Medeiros

IDENTIDADE, ARQUITETURA E PERTENCIMENTO:
Proposta de Centro Comunitário para o Quilombo Alto Santana

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao curso de Arquitetura e Urbanismo, da Unidade Acadêmica de Ciências Sociais Aplicadas, da Universidade Federal de Goiás (UFG), como requisito para obtenção do título de bacharel/licenciatura em Arquitetura e Urbanismo.

Orientador (a): Me. José Rodolfo Pacheco Thiesen

Coorientador (a): Dr. João Paulo Oliveira Huguenin

Goiás - GO
2024

Ficha de identificação da obra elaborada pelo autor, através do Programa de Geração Automática do Sistema de Bibliotecas da UFG.

Medeiros, Isadora Souza
IDENTIDADE, ARQUITETURA E PERTENCIMENTO [manuscrito]
: Proposta de Centro Comunitário para o Quilombo Alto Santana /
Isadora Souza Medeiros. - 2024.
80 f.

Orientador: Prof. José Rodolfo Pacheco Thiesen; co-orientador
Dr. João Paulo Oliveira Huguenin.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) - Universidade
Federal de Goiás, Unidade Acadêmica Especial de Ciências
Sociais Aplicadas, Arquitetura e Urbanismo, Cidade de Goiás, 2024.

Bibliografia.

Inclui siglas, mapas, fotografias, abreviaturas, tabelas, lista de
figuras, lista de tabelas.

1. Alto Santana. 2. Centro Comunitário. 3. Quilombo. I. Thiesen,
José Rodolfo Pacheco, orient. II. Título.

CDU 72



UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS
UNIDADE ACADÊMICA ESPECIAL DE CIÊNCIAS SOCIAIS APLICADAS

ATA DE DEFESA DE TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO

Aos trinta e um dias do mês de janeiro do ano de dois mil e vinte e quatro iniciou-se a sessão pública de defesa do Trabalho de Conclusão de Curso II (TCC II) intitulado “IDENTIDADE, ARQUITETURA E PERTENCIMENTO: Proposta de Centro Comunitário para o Quilombo Alto Santana”, de autoria de Isadora Souza Medeiros, do curso de Arquitetura e Urbanismo, da Unidade Acadêmica Especial de Ciências Sociais Aplicadas da UFG. Os trabalhos foram instalados pelo Me. José Rodolfo Pacheco Thiesen – orientador (UAECSA-RG/UFG) com a participação dos demais membros da Banca Examinadora: Gabriel Teixeira Ramos (UAECSA-RG/UFG) e Juliano Ferreira de Souza (externo). Após a apresentação, a banca examinadora realizou a arguição da estudante. A banca destacou a relevância do objeto escolhido, bem como a capacidade da discente em dar respostas aos desafios dele decorrentes. Foi ressaltada ainda a importância do vínculo estabelecido com a comunidade. Posteriormente, de forma reservada, a Banca Examinadora atribuiu a nota final de 10,0, com recomendação para publicação de produtos derivados do trabalho, tendo sido o TCC II considerado aprovado.

Proclamados os resultados, os trabalhos foram encerrados e, para constar, lavrou-se a presente ata que segue assinada pelos Membros da Banca Examinadora.



Documento assinado eletronicamente por **Jose Rodolfo Pacheco Thiesen**, **Professor do Magistério Superior**, em 05/02/2024, às 09:27, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no § 3º do art. 4º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



Documento assinado eletronicamente por **Gabriel Teixeira Ramos**, **Professor do Magistério Superior**, em 05/02/2024, às 09:28, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no § 3º do art. 4º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



A autenticidade deste documento pode ser conferida no site https://sei.ufg.br/sei/controlador_externo.php?acao=documento_conferir&id_orgao_acesso_externo=0, informando o código verificador **4342651** e o código CRC **935C2997**.



Agradecimentos

Agradeço a todos que contribuíram para a realização deste trabalho de conclusão de curso. Este projeto representa não apenas uma etapa acadêmica, mas também um processo de aprendizado e crescimento pessoal.

Aos meus pais, que sempre me ofereceram todo o apoio, suporte e incentivo durante todo o percurso.

Aos meus orientadores, pela dedicação nas orientações ao longo de todas as etapas deste trabalho. Ao professor João Huguenin, que guiou os primeiros passos em TCC 1, e ao professor José Thiesen, pela continuidade e orientação no TCC 2. Agradeço por compartilharem conhecimento, experiência e tempo, contribuindo significativamente para o desenvolvimento e aprimoramento deste trabalho.

A todos os professores e professoras, pelo conhecimento compartilhado ao longo do curso, que significativamente contribuíram para minha formação acadêmica.

À Associação Quilombola Alto Santana e à equipe do projeto de extensão “Tem um Quilombo nas trilhas de Goiás”, por todas as trocas e experiências compartilhadas.

Às amigas que tive a honra de cultivar ao longo desse processo, meu agradecimento pelo constante incentivo e motivação durante todo o curso, e por tornarem essa jornada mais leve.

Obrigada!

Resumo

Este trabalho de conclusão de curso tem o objetivo de apresentar o embasamento para a elaboração do projeto arquitetônico de um centro comunitário para a comunidade do Quilombo Alto Santana, que atualmente enfrenta questões relacionadas à falta de um espaço permanente para a sede da organização. Diante disso, o desenvolvimento desse trabalho, realizado a partir da aproximação com a comunidade, busca compreender suas relações com território, sua identidade e suas principais necessidades. Para o desenvolvimento da pesquisa, adota-se uma metodologia experimental, partindo da concepção do projeto participativo enquanto modelo. Além disso, também foram utilizadas abordagens quali-quantitativas para o levantamento de dados, por meio de pesquisas documentais, observação participante, relatos etnográficos e estudos de caso. Possibilitando, assim, um entendimento do contexto em que comunidades remanescentes quilombolas se encontram inseridas, bem como a relevância de equipamentos comunitários e aspectos arquitetônicos fundamentais para elaboração desses espaços. Também se buscou um entendimento aprofundado da localidade de interesse, considerando elementos essenciais que foram incorporados na concepção do projeto com a participação da comunidade, para assim desenvolver uma proposta que atenda às suas demandas específicas e que contribua para fortalecer o senso de pertencimento e identidade local.

Palavras-chave: Alto Santana. Centro Comunitário. Quilombo.

Abstract

This course conclusion work aims to present the basement for the elaboration of the architectural project of a community center for the Quilombo Alto Santana community, which currently faces challenges related to the lack of a permanent space for the organization's headquarters. In view of this, the development of this work, carried out through close engagement with the community, seeks to understand its relations with the territory, their identity, and their main needs. For the development of the research, an experimental methodology is adopted, starting from the conception of the participatory project as a model. Additionally, quali-quantitative approaches were also used for data collection, through documentary research, participant observation, ethnographic accounts, and case studies. Thus, enabling an understanding of the context in which remaining quilombo communities are inserted, as well as the relevance of community equipment and fundamental architectural aspects for the elaboration of these spaces. Furthermore, a comprehensive understanding of the specific locality of interest was pursued, considering essential elements that were incorporated into the project's conception with the participation of the community, aiming to develop a proposal that addresses their specific demands and contributes to strengthening their sense of belonging and local identity.

Keywords: Alto Santana. Community Center. Quilombo.

Lista de figuras:

Figura 01: Vista aérea Quilombo Alto Santana	pág. 12	Figura 31: Centro Produtivo Comunitário Las Tejedoras – Térreo	pág. 48
Figura 02: Mapa de localização	pág. 13	Figura 32: Centro Produtivo Comunitário Las Tejedoras – Primeiro pav.	pág. 48
Figura 03: Vista para cidade de Goiás	pág. 23	Figura 33: Centro Produtivo Comunitário Las Tejedoras – Corte	pág. 48
Figura 04: Mapeamento de CRQs certificadas no estado de Goiás	pág. 24	Figura 34: Centro Produtivo Comunitário Las Tejedoras – Pátio interno	pág. 49
Figura 05: Morros que conformam a paisagem do Alto Santana	pág. 26	Figura 35: Lavanderia	pág. 51
Figura 06: Primeiros eixos de ocupação e primeiras igrejas	pág. 27	Figura 36: Planta de localização do Quilombo Alto Santana	pág. 52
Figura 07: Feira do Quilombo Alto Santana – 4ª edição	pág. 33	Figura 37: Terreno da lavanderia	pág. 52
Figura 08: Feira do Quilombo Alto Santana – 4ª edição	pág. 34	Figura 38: Vista satélite Quilombo Alto Santana	pág. 53
Figura 09: Feira do Quilombo Alto Santana – 3ª edição	pág. 35	Figuras 39 a 47: Contextualizando o lugar	pág. 53
Figura 10: Localização dos Exemplos de Centros Comunitários Quilombolas	pág. 37	Figura 48: Levantamento do terreno	pág. 54
Figura 11: Centro Quilombola do Barroso	pág. 38	Figura 49: Vista isométrica lavanderia	pág. 54
Figura 12: Espaço comunitário anexado	pág. 38	Figura 50: Temperatura média horária em Goiás	pág. 55
Figura 13: Biblioteca Antônio Correia	pág. 38	Figura 51: Direção do vento em em Goiás	pág. 55
Figura 14: Participação da comunidade na construção do anexo	pág. 39	Figura 52: Diagrama ilustrado de insolação e ventilação	pág. 55
Figura 15: Centro Comunitário Flávio F. dos Santos – Fachada	pág. 40	Figura 53: Lavanderia Comunitária	pág. 58
Figura 16: Centro Comunitário Flávio F. dos Santos – Anexo	pág. 40	Figura 54: Estudos esquemáticos – térreo	pág. 60
Figura 17: Espaço Comunitário Quilombo Jarimane	pág. 40	Figura 55: Ilustração da atual topografia do terreno	pág. 60
Figura 18: Centro Comunitário Quilombo Galvão	pág. 40	Figura 56: Corte esquemático	pág. 60
Figura 19: Centro Quilombola do Barroso – Croqui	pág. 41	Figura 57, 58 e 59: Estudos volumétricos	pág. 62
Figura 20: Centro Comunitário Flávio F. dos Santos – Croqui	pág. 41	Figura 60: Maquete física – blocos	pág. 62
Figura 21: Centro Étnico Educacional Walirumana. – Fachada	pág. 42	Figura 61: Roda de conversa	pág. 62
Figura 22: Centro Étnico Educacional Walirumana – Planta baixa	pág. 43	Figura 62: Maquete física – disposição apresentada	pág. 62
Figura 23: Centro Étnico Educacional Walirumana – Diagrama	pág. 43	Figura 63: Fluxograma	pág. 63
Figura 24: Centro Étnico Educacional Walirumana. – Volumetria	pág. 43	Figuras 64 a 69: Materialidade	pág. 63
Figura 25: Centro Comunitário Camburi	pág. 44	Figura 70: Perspectiva fachada frontal	pág. 72
Figura 26: Centro Comunitário Camburi – Planta baixa	pág. 45	Figura 71 : Perspectiva horta e lavanderia.	pág. 73
Figura 27: Centro Comunitário Camburi – Fachada	pág. 45	Figura 72: Perspectiva pátio central	pág. 74
Figura 28: Centro Comunitário Camburi – Módulo estrutural	pág. 46	Figura 73: Perspectiva segundo pavimento	pág. 75
Figura 29: Centro Comunitário Camburi – Área coberta	pág. 46	Figura 74: Perspectiva segundo pavimento	pág. 76
Figura 30: Centro Produtivo Comunitário Las Tejedoras – Pátio externo	pág. 47		

Lista de tabelas:

Tabela 01: Legislação incidente no município de Goiás pág. 54

Tabela 02: Programa de necessidades pág. 59

Lista de abreviaturas e siglas:

ANPAP: Associação Nacional de Pesquisadores em Artes Plásticas

AQAS: Associação Quilombola Alto Santana

ATHIS: Assistência Técnica em Habitação de Interesse Social

CAU/GO: Conselho de Arquitetura e Urbanismo de Goiás

CONAQ: Coordenação Nacional de Articulação das Comunidades Negras Rurais Quilombolas

CRQs: Comunidades Remanescentes de Quilombos

FCP: Fundação Cultural Palmares

NEABI-NUANCES: Núcleo de Estudos Afro-Brasileiros e Indígenas, de Gênero e Sexualidades

SEDS|GO: Secretaria de Estado de Desenvolvimento Social de Goiás

SUMÁRIO

Introdução 12

Tema e Problemática	12
Justificativa	14
Questões norteadoras	14
Objetivos	14
Metodologia	15
Referencial Teórico	16
Cronograma	20

01

O Quilombo Alto Santana 22

1.1 Comunidades Remanescentes de Quilombos no estado de Goiás	24
1.2 Quilombo Vilaboense	26
1.2.1 Vivências comunitárias: a história contada pelos filhos da terra	28
1.3 Associação Quilombola Alto Santana	32

02

Arquitetura e Pertencimento 36

2.1 Exemplos de Centros Comunitários Quilombolas	37
2.2 Estudo de caso 01: Centro Étnico Educacional Walirumana	42
2.3 Estudo de caso 02: Centro Comunitário Camburi	44
2.4 Estudo de caso 03: Centro Produtivo Comunitário Las Tejedoras	47

03

Estudo de viabilidade

3.1 Localização	52
3.2 Levantamento métrico	54
3.3 Legislação	54
3.4 Condicionantes físicos e climáticos	55

04

Um Centro Comunitário para o Quilombo

4.1 Nossa Casa Coletiva: Construção do programa de necessidades	58
4.1.1 Tabela do Programa de Necessidades	59
4.2 Processo	60
4.2.1 Estudos de pré-dimensionamento	60
4.2.2 Estudos volumétricos	61
4.3 Roda de Conversa: Diálogo sobre a proposta projetual	62
4.4 Conceito e partido	63
4.5 Fluxograma	63
4.6 Materialidade	63
4.7 Projeto Arquitetônico	64
- Localização e Planta de Situação	65
- Planta baixa Térreo	66
- Planta baixa Pavimento superior	67
- Planta de Cobertura	68
- Corte AA e Corte BB	69
- Elevação A e B	70
- Elevação C e E	71
- Perspectivas	72

Considerações Finais

77

Referências

78



INTRODUÇÃO

Tema e Problemática

O Quilombo Alto Santana se encontra localizado no município de Goiás - GO, na região entre a Igreja Santa Bárbara, o Morro das Lajes e a rua Alto Santana. O início da ocupação desse território se deu em 1907, por pessoas que vieram do norte da Bahia e de fazendas próximas do entorno de Goiás.

Em meio ao processo de luta pelo reconhecimento de suas terras foi fundada a Associação Quilombola Alto Santana (AQAS), em 10 de outubro de 2017, e o bairro recebeu o certificado pela Fundação Cultural Palmares¹ em 25 de outubro de 2017, que se trata do reconhecimento, demarcação e registro de terras ocupadas por comunidades remanescentes de quilombolas, e que contribui para a preservação da identidade cultural e histórica do país. A certificação pela Fundação Cultural Palmares e a mobilização da associação tem papel fundamental na busca por melhorias para os moradores da comunidade, no que se diz respeito ao enfrentamento de “vulnerabilidades sociais, como desemprego, baixa escolaridade, renda e formação profissional, deficiências no saneamento básico, dentre outras” (Rodrigues et al., 2021, p.342).

O Quilombo também participou ativamente de algumas reuniões de escuta da população no final do ano de 2021 no processo de revisão do Plano Diretor Participativo do município de Goiás. Essas reuniões contribuíram para a elaboração da análise da condição urbana do município, buscando um estudo mais próximo da realidade da cidade e possibilitando um levantamento das demandas da população. No relatório de escuta comunitária desse

Figura 01: Vista aérea Quilombo Alto Santana. Fonte: Google Earth 2023 - com adaptações da autora.

1. Para visualizar a tabela completa de Comunidades Remanescentes de Quilombos no estado de Goiás, acesse: <https://www.palmares.gov.br/sites/mapa/crqs-estados/crqs-go-22082022.pdf>.

estudo, a prefeitura apontou que durante esses debates, um dos pontos destacados pelos moradores foi a necessidade de um espaço físico adequado para funcionar como sede do Quilombo Alto Santana.

Em conversas com a comunidade² foi relatado que os encontros e atividades atualmente ocorrem de maneira provisória na casa da ex-presidente, atual vice-presidente da AQAS, o que demonstra um grande esforço da comunidade em tentar contornar essa demanda por um espaço, mas também deve-se levar em conta o impacto que isso pode gerar nas relações familiares e na interação dos demais moradores, pois além de tirar a privacidade da família desta associada, acaba reforçando um não reconhecimento desse espaço como algo de todos.

A comunidade ressalta a necessidade de um local permanente para a sede, onde se sintam à vontade para usar e se apropriar do espaço, permitindo realizar uma variedade de atividades, como reuniões, oficinas, ações solidárias, armazenamento de equipamentos, compartilhamento da culinária e outras iniciativas que contribuam para o desenvolvimento da comunidade e para fortalecimento dos laços entre os moradores.

Desse modo, este trabalho pretende desenvolver um estudo sobre o Quilombo Alto Santana, considerando sua identidade, atividades desenvolvidas, cultura e principais demandas, a fim de elaborar o projeto arquitetônico de um equipamento comunitário para essa organização. Propondo um espaço voltado para atividades culturais, educacionais, artísticas, recreativas, entre outras, como forma de apoio às necessidades dos moradores e que também contribua para o fortalecimento da identidade local, de modo que proporcione um espaço de qualidade para o convívio da comunidade, que abrigue e potencialize as atividades que já são realizadas.



2. Visita ao Quilombo, dia 09 de maio de 2023.
Figura 02: Localização. Fonte: Elaborado pela autora.

Justificativa

Inicialmente, a escolha do tema parte de um interesse acadêmico principalmente por temas relacionados arquitetura social, que foi despertado durante o processo de graduação, uma vez que o curso de Arquitetura e Urbanismo no Câmpus Goiás, está vinculado a uma unidade acadêmica de ciências sociais aplicadas e apresenta um caráter voltado ao resgate e estímulo ao papel social da arquitetura e urbanismo, onde segundo o Projeto Político-Pedagógico do curso tem-se como alguns de seus objetivos:

formar arquitetos-urbanistas (...) tornando-o um agente participativo nos processos de transformação social, com especial interesse pela arquitetura pública e pela produção coletiva dos espaços nas cidades e demais assentamentos humanos. (...)

Ampliar a formação do arquiteto-urbanista para atuar com culturas, populações e comunidades até então negligenciadas, tanto pela academia como pela profissão, como comunidades indígenas e quilombolas. (Universidade Federal de Goiás, 2017, p.18).

Partindo desse ponto, surgiu a ideia de projetar um equipamento comunitário, devido ao potencial de transformação social que um equipamento do tipo pode proporcionar para áreas de desproteção social. Mediante algumas orientações e pesquisas iniciais, foram alinhadas algumas sugestões para delimitar a proposta. Assim, levando em consideração a realidade persistente de luta que muitas comunidades quilombolas enfrentam ainda nos dias atuais, parte-se de um interesse acadêmico, profissional e também pessoal que motivou a escolha do local onde a proposta seria desenvolvida, partindo do propósito de contribuir para a comunidade do Quilombo Alto Santana.

Nesse sentido, considerando o atual cenário, fica evidente necessidade de suprir a demanda do bairro por uma sede para comunidade, com intuito de fortalecer e ampliar as atividades já existentes, evidenciando a relevância que o equipamento pode assumir fortalecendo o envolvimento a comunidade, potencializando suas relações e fomentando um senso de pertencimento, além de que o trabalho

também pode ser utilizado enquanto instrumento de luta. Portanto, o projeto a ser desenvolvido pretende possibilitar melhores condições para organização comunitária, que é fundamental para conseguir buscar meios de contornar os desafios sociais enfrentadas pelo quilombo. Busca-se criar um espaço que contribua para valorização cultural e histórica da comunidade, além de auxiliar na reafirmação desses espaços, uma vez que o procedimento para reconhecimento, delimitação, demarcação e titulação de suas terras tem sido um processo de luta que muitas comunidades remanescentes de quilombos têm enfrentado atualmente.

Questões norteadoras

Durante o desenvolvimento deste trabalho, busca-se aprofundar o conhecimento acerca do tema da pesquisa a partir de algumas questões que servirão como base e direcionamento para esse estudo.

Dessa forma, pretende-se investigar: Como os conceitos de quilombos, identidade e espaços comunitários se conectam e correlacionam entre si? De que forma um centro comunitário pode contribuir para fortalecer a identidade do Quilombo Alto Santana? Como repensar e projetar um espaço que promova um senso de pertencimento e fortaleça os laços comunitários no quilombo? Qual é a relação da arquitetura com a identidade local no contexto do Quilombo Alto Santana?

A partir dessas questões, tem-se como objetivo ampliar o conhecimento, assim como compreender o papel e a relevância de um equipamento comunitário na preservação e fortalecimento da identidade quilombola, além de explorar formas de como a arquitetura pode desempenhar um papel fundamental na criação de espaços que contribuam para isso, reforçando o senso de pertencimento da comunidade.

Objetivos

Objetivo geral:

Desenvolver o anteprojeto arquitetônico de um centro comunitário como forma de fortalecimento da identidade cultural para a comunidade do Quilombo Alto Santana.

Objetivos específicos:

- Compreender o potencial da arquitetura social em promover transformações socioespaciais;
- Compreender a relação dos moradores com o lugar e as atividades desenvolvidas, com intuito de desenvolver um equipamento que contribua para atender às principais demandas da comunidade;
- Refletir sobre os processos de constituição do espaço e a noção de pertencimento dos atores envolvidos;
- Contribuir para articulação política da Associação Quilombola Alto Santana na busca de criação de seu espaço comunitário;
- Aplicar diretrizes projetuais voltadas para técnicas construtivas que tenham relação com as características socioculturais da comunidade.

Metodologia

O seguinte trabalho apresenta uma pesquisa com base em métodos experimentais, que segundo a arquiteta e professora Ajla Akšamija, “é possível de ser utilizado quando há possibilidade de manipulação do pesquisador sobre as variáveis (ou fatores) do fenômeno estudado” (apud Moreira Neto, 2022, p.7). Dentre as possíveis formas de desenvolver uma pesquisa experimental na área de arquitetura e urbanismo, Serra (2006) aborda o projeto como um modelo, pois se trata da representação de algo a ser construído, que otimiza inúmeras variáveis em busca de boas soluções.

(...) o projeto arquitetônico, utilizando-se de todo o potencial que o processamento eletrônico permite, é um modelo essencial no exercício das profissões ligadas à construção de adaptações espaciais e no estudo e projeto de suas aglomerações. (Serra, 2006, P.97)

Partindo desse princípio, na pesquisa é possível adotar essa abordagem através da construção de alguns modelos que fazem parte das etapas de um projeto, exemplificadas por Serra (2006), entre os quais estão: modelos do espaço natural, modelos exploratórios e de planejamento e modelos preditivos e descritivos. Que serão sucessivamente executados, desde as análises realizadas para estudo do lugar, à etapa de estudo preliminar, identificando formas de como centro comunitário pode contribuir para a comunidade, até o fim do projeto, para o qual serão desenvolvidos modelos físicos e analógicos, como maquete, plantas, cortes, elevações, entre outros (Serra, 2006).

Além disso, também serão necessárias abordagens quali-quantitativas, por meio de pesquisas documentais, observação participante, relatos etnográficos e estudos de caso. Através da participação no projeto de extensão “Tem um Quilombo nas trilhas de Goiás”, desenvolvido pelo Núcleo de Estudos Afro-Brasileiros e Indígenas, de Gênero e Sexualidades (NEABI-NUANCES), do IFG Câmpus Goiás, em parceria com a Associação do Quilombo Alto Santana, será possível uma interação com a comunidade, a fim de estabelecer um vínculo mais direto com os moradores e

também ter contato com outras instituições e pesquisadores que desenvolvem trabalhos com a organização.

Com base nessa metodologia, iremos operacionalizar a pesquisa com bases nessas ferramentas:

Observação participante:

Faz-se necessário uma aproximação com a comunidade, com intuito de conhecer a mesma, compreender a relação dos moradores com o local e os espaços de uso coletivo, relações de vizinhança, atividades realizadas, os processos de lutas e identificar as principais necessidades, para o desenvolvimento do processo de projeto participativo, para assim chegar a uma proposta coerente para a comunidade. Para o desenvolvimento dessa etapa será elaborado alguns relatos etnográficos a partir das visitas e de um envolvimento com a comunidade.

Revisão bibliográfica:

Estudo a partir da pesquisa e leitura de livros, artigos, periódicos, dissertações e trabalho de conclusão de curso, entre outros, que além de contribuir para estruturar a pesquisa, abordem temas e assuntos gerais relacionados à proposta, principalmente voltados a arquitetura social, centros comunitários, comunidades quilombolas e projetos participativos. Para assim, fundamentar e ampliar o conhecimento sobre informações referentes ao tema e fornecer um embasamento para a proposta projetual.

Estudo do lugar:

Será realizado levantamentos referentes ao contexto do bairro, legislação, plano diretor, localização do terreno, estudos do local de implantação do projeto e seu entorno, assim como análise dos condicionantes físicos e climáticos.

Estudo de caso:

Desenvolver análises de projetos similares já executados e de projetos que tenham tido processo participativo, que contemplem boas soluções projetuais de uso de materiais, técnicas construtivas, programa proposto, forma, entre outros, de modo que possam auxiliar no desenvolvimento do projeto.

Projeto Participativo:

Para o processo de projeto serão realizadas 3 oficinas com a comunidade, que estão alinhadas aos objetivos e diretrizes da Política Nacional de Assistência Técnica e Extensão Rural (Pnater), que usa de “metodologias que assegurem a participação dos beneficiários em todas as fases do processo de desenvolvimento” (VERDEJO, 2010, p.3). As seguintes oficinas têm o intuito de possibilitar uma maior interação com a comunidade, para que seja levado em consideração a perspectiva dos moradores, permitindo um estudo mais próximo da realidade, considerando suas demandas e expectativas, com objetivo de elaborar um projeto que tenha resultados significativos para o local.

1: Nossa Casa Coletiva:

Construção do programa de necessidades: jul/2023

2: Roda de Conversa:

Diálogo sobre a proposta projetual: nov/2023

3: Retorno:

Apresentação e entrega do projeto: fev/2024

Referencial Teórico

Com a intenção de desenvolver uma base teórica que fundamente a proposta, inicia-se por ampliar o conhecimento sobre elementos que caracterizam um quilombo, com a finalidade de refletir sobre a identidade de comunidades quilombolas e, por fim, identificar meios e formas de como a arquitetura está relacionada a isso e explorar como ela pode contribuir para fortalecê-la nessa perspectiva.

Portanto, foram estabelecidos três autores principais que discutem acerca de ideias centrais relacionadas ao tema deste trabalho, que terão um papel significativo para o desenvolvimento da pesquisa. Os principais assuntos abordados são: o conceito de quilombo, a partir dos estudos de Beatriz Nascimento (2007 [1982 e 1985]); a identidade como uma construção social, conforme discorre Manuel Castells (2018); e o papel das espacialidades arquitetônicas como elementos capazes de promover o pertencimento e fortalecimento comunitário, como argumenta Herman Hertzberger (1999).

O quilombo enquanto prática

Para aprofundar em questões quilombolas faz-se necessário um entendimento mais detalhado e abrangente do termo quilombo, levando em consideração sua construção conceitual e seus significados atuais. Em vista disso, toma-se como referencial teórico acerca desse tema estudos realizados por Maria Beatriz Nascimento, importante historiadora e uma das pesquisadoras que mais se dedicou ao estudo de formações quilombolas no Brasil (Ratts, 2007).

Em meio ao surgimento de vários trabalhos acadêmicos o envolvendo o termo quilombo, Beatriz Nascimento se depara com o aparecimento disso na mídia e em trabalhos provenientes de suas pesquisas, entretanto a historiografia de sua época, especialmente no fim da década de 70 e início da década de 80, apresentava “interpretações reducionistas de um fenômeno tão vasto e variado no tempo e no espaço” (Ratts, 2007, p.56), não abarcando sua

real importância e deixando evidente a falta de interesse e consideração pela temática.

Sua crítica à historiografia sobre os quilombos brasileiros partia do reduzido número de títulos dedicados ao tema, que eram, em geral muito descritivos, e que generalizavam o termo quilombo a partir de situações como Palmares. (Ratts, 2007, p.57).

Com objetivo de contornar isso, Beatriz Nascimento aprofunda suas pesquisas a uma abordagem mais ampla, disseminando sua experiência por meio de sua pesquisa intitulada “Sistemas sociais alternativos organizados pelos negros - dos quilombos às favelas”, onde buscava retratar uma “continuidade histórica³ entre o quilombo e suas representações e redefinições nos dias atuais” (Nascimento, 2007 [1982], p.113).

Na primeira parte de sua pesquisa realizou um levantamento de áreas que possuíam nomes de ex-quilombos para um estudo de caso. Por meio dessa pesquisa de campo buscou investigar a origem do motivo pelo qual a região de Carmo da Mata foi denominada quilombo e obteve várias respostas, por parte dos negros, que relacionaram a origem a um acontecimento milagroso, o que despertou o interesse em desenvolver um estudo sobre os conceitos histórico-culturais relacionados ao termo (Nascimento, 2007 [1982]).

É do nosso interesse ampliar o conceito de quilombo, de modo a extrapolar sua característica puramente histórica, na média em que uma das principais hipóteses da pesquisa refere-se à permanência de populações em função de suas características geográficas. Os locais onde se formaram quilombos, no passado, possuem características climáticas e de relevo bastante similares. (...) Questionamos, ainda, se não foi justamente esta característica, de ser região de fronteira, que levou aos ataques e a destruição dos quilombos no passado. (Nascimento, 2007 [1982], p.115).

Ao longo de sua pesquisa, Beatriz Nascimento também busca evidenciar algumas semelhanças notadas entre os quilombos africanos e brasileiros, fazendo uma comparação com documentações da história angolana e de quilombos que visitou. Uma das principais dificuldades de sua

pesquisa era “estabelecer linhas de contato direto entre a formação de um quilombo no Brasil e suas origens territoriais e de composição étnica em Angola” (Nascimento, 2007 [1985], p.119), sendo perceptível uma maior influência ao Quilombo dos Palmares.

Inicialmente, é importante ressaltar a visão inicial, que foi provocada após sua viagem a Angola em 1979:

Quilombo é um conceito próprio dos africanos bantus, habitantes da África Centro Ocidental e Leste (sic). Este conceito vem sendo modificado através dos séculos da História do Brasil. Já em 1740, o Conselho Ultramarino define quilombo como qualquer e toda habitação que possuísse 5 fugitivos. (...)

O nome original vem de Angola, que em determinado momento da história da resistência angolana queria dizer acampamento de guerreiros na floresta, administrado por chefes rituais de guerra. (...)

Do ponto de vista de uma organização social, a África era extremamente diversificada. Tudo fazia parte de um sistema. Assim o Quilombo, neste período [século XVII] era um sistema social baseado em povos de origem caçadora [jaga ou imbangala] e por isso mesmo guerreiros. (Nascimento, 1989 apud Ratts, 2007 p.58).

Em seus estudos a autora apresenta uma contextualização a respeito do termo quilombo, abordando desde sua origem até os significados que foram sendo adquiridos ao longo dos anos. Primeiramente, caracteriza Kilombo como uma “instituição africana”, onde os Kilombos são os próprios membros da sociedade Imbangala, que devido a sua forma de dar continuidade a organização, por meio de ritos de iniciação, não se baseando em descendência, fazia com que o Kilombo cortasse “transversalmente as estruturas de linhagem e estabelecia uma nova centralidade de poder frente às outras instituições de Angola” (Nascimento, 2007 [1985], p.119). Nesse contexto, também havia outros

3. “Continuidade histórica é um termo ainda mais abstrato do que “sobrevivência” ou “resistência cultural” dos antropólogos. A continuidade seria a vida do homem - e dos homens - continuando aparentemente sem clivagens, embora achatada pelos vários processos e formas de dominação, subordinação, dominância e subserviência”. (NASCIMENTO, 2007 [1982], p.110).

significados para o termo Kilombo, como o próprio local onde aconteciam esses ritos, o acampamento de escravos refugiados e caravanas comerciais em Angola.

Em seguida, Beatriz Nascimento traz uma perspectiva do quilombo como “instituição no período colonial e Imperial no Brasil”, o termo foi surgir em meados século XVI em registros oficiais do período colonial, mas só foi “definido” por autoridades portuguesas em 1740, após à destruição do Quilombo dos Palmares, como “toda a habitação de negros fugidos que passem de cinco” (Nascimento, 2007 [1985], p.119), uma vez que com o desmembramento do Quilombo dos Palmares, a quantidade desses territórios livres do poder colonial cresceu. Em meio a isso, a autora evidencia um paralelo entre o Quilombo dos Palmares com acontecimentos na Angola, reforçando que outros quilombos no Brasil se afastam desse modelo africano, em busca de alternativas que melhor atendam às suas necessidades.

Talvez seja este quilombo o único a se poder fazer correlação entre o Kilombo instituição angolana e quilombo no Brasil colonial. O auge da resistência Jaga se dá exatamente entre 1584 e meados do outro século, após o qual esta etnia se alia ao esforço negreiro português. Neste mesmo momento se estrutura Angola-Janga, conhecido como quilombo dos Palmares no Brasil. (Nascimento, 2007 [1985], p.120).

Já no século XVIII, com o desmembramento de alguns quilombos, o quilombo passa por uma reestruturação que varia de acordo com fatores como localização geográfica, repressão e diversidade étnica. Até o século XIX, os quilombos funcionavam como grupos de resistência ao sistema escravista, o que gerou certa instabilidade, onde “a fuga passa a ser uma instituição decorrente desta fragilidade colonial” (Nascimento, 2007 [1985], p.122).

Por fim, a autora traz o conceito de quilombo evidenciado no fim do século XIX, deixando de ser instituição e se tornando um símbolo de resistência ao sistema colonial. Com o fim desse sistema, o quilombo deixa de estar diretamente associado a resistência a escravidão e “volta-se como código que reage ao colonialismo cultural,

reafirma a herança africana e busca um modelo brasileiro capaz de reforçar a identidade étnica” (Nascimento, 2007 [1985], p.124).

A construção de identidades coletivas

Com o avanço de inúmeras expressões de identidades coletivas, Manuel Castells (2018) transmite sua teoria por meio da análise de movimentos sociais em contextos culturais e institucionais, desenvolvendo sua perspectiva ao investigar a formação de identidades coletivas e como esse processo está relacionado às organizações sociais e as disputas de poder, reconhecendo o impacto que o estabelecimento e reafirmação da identidade tem no fortalecimento de mudanças sociais.

Em seus estudos, a identidade é definida como a essência do significado e experiência de um grupo, o “processo de construção de significado com base em um atributo cultural, ou ainda um conjunto de atributos culturais inter-relacionados” (Castells, 2018, p.54), com base nisso, para compreender melhor o conceito de identidade ele reforça a necessidade de fazer uma distinção entre a ideia de “identidade” e de “papéis” que são estabelecidos em uma sociedade.

Papéis (...) são definidos por normas estruturadas pelas instituições e organizações da sociedade. A importância relativa desses papéis no ato de influenciar o comportamento das pessoas depende de negociações e acordos entre os indivíduos e essas instituições e organizações. Identidade, por sua vez, constituem fontes de significados para os próprios atores, por eles originadas, e construídas por meio de um processo de individualização. (...) identidades organizam significados, enquanto papéis organizam funções. (Castells, 2018, p.54-55)

Para Castells (2018), toda e qualquer identidade é formada através da interação de múltiplos elementos, seja “pela história, geografia, biologia, por instituições produtivas e reprodutivas, pela memória coletiva, por fantasias pessoais, pelos aparatos de poder e revelações de cunho religioso” (Castells, 2018, p.55), onde é fundamental que o indivíduo se identifique e reconheça como pertencente,

estabelecendo um significado e gerando uma conexão com outros membros de determinada comunidade. O autor destaca identidade coletiva como um elemento que resiste à homogeneização, uma vez que apresentam características culturais e sociais distintas que não podem ser reduzidas, o que poderia causar a perda dessa diversidade e pluralidade cultural.

Portanto, para definir alguns conceitos-chaves, Castells (2018, p.55-56) estabelece uma diferenciação entre três tipos de manifestações de identidades coletivas:

Identidade legitimadora: introduzidas pelas instituições dominantes no intuito de expandir a racionalizar sua dominação em relação aos atores sociais. (...)

Identidade de resistência: criadas por atores que se encontram em posições/condições desvalorizadas e/ou estigmatizadas pela lógica da dominação, construindo assim, trincheiras de resistência e sobrevivência com base em princípios diferentes dos que permeiam as instituições da sociedade. (...)

Identidade de projeto: quando os atores sociais (...) constroem uma nova identidade capaz de redefinir sua posição na sociedade e, ao fazê-lo, de buscar a transformação de toda a estrutura social.

A partir de suas análises a movimentos sociais, Castells (2018) constata que as identidades de resistência podem passar por um processo de projeto, ampliando-se para abranger a transformação da sociedade, de forma que resulte em identidades legitimadoras ou dominantes, uma vez que é uma forma de identidade que estimula a criação de comunidades, originando novas formas de resistência coletiva diante das opressões.

Aprofundando em questões de identidade relacionadas a comunidades locais, Castells (2018) evidencia que com o apagamento de algumas comunidades mediante aos processos de urbanização e suburbanização, percebe-se o ressurgimento da comunidade em âmbitos locais, entretanto esses contextos específicos não são suficientes para se estabelecer uma identidade única, pois é preciso levar em conta outros fatores histórico-culturais, influências sociais, entre outros.

De acordo com Castells (2018), as pessoas têm a tendência de se organizar em grupos comunitários, criando um senso de pertencimento, que conseqüentemente gera uma identidade cultural coletiva. Entretanto, é preciso reforçar que para que isso ocorra é essencial uma mobilização social em torno de interesses comuns. Para ele, esses movimentos sociais urbanos geralmente estão em busca de três objetivos principais: “necessidades urbanas de condições de vida e consumo coletivo; afirmação da identidade cultural local; e conquista da autonomia política local e participação na qualidade de cidadãos” (Castells, 2018, p.110), portanto, os movimentos sociais desempenham um papel fundamental na consolidação da identidade de uma comunidade local.

Outro ponto importante ressaltado pelo autor, é que essas comunidades locais criam seu próprio “Estado de bem-estar social” (na ausência de políticas governamentais responsáveis para fazê-lo) à base de redes de solidariedade e reciprocidade” (Castells, 2018, p.112), e isso é extremamente importante para a busca por melhores condições de vida de parte da população. Essa identidade coletiva é fundamental para contornar vulnerabilidades sociais, exclusão, desigualdade, entre outros padrões dominantes, tendo um papel importante na construção de uma sociedade mais justa.

Espacialidades na construção do pertencimento do lugar

Com intuito de aprofundar a compreensão sobre a relação de espaços comunitários e espaços públicos, em busca de possíveis formas que a arquitetura pode contribuir para criar um senso de pertencimento e auxiliar no fortalecimento da organização comunitária, toma-se como referencial teórico Herman Hertzberger, que em seu livro Lições de Arquitetura, busca “estimular os estudantes, despertar neles uma mentalidade arquitetônica que pudesse capacitá-los a fazer seu próprio trabalho” (Hertzberger, 1999, n.p).

Inicialmente é abordado alguns conceitos relacionando arquitetura e urbanismo a um contexto público e privado, que para o autor pode ser definido como “coletivo” e “individual”. A definição desses conceitos em relação a um determinado espaço está diretamente ligada a questões de configuração e facilidade de acesso (Hertzberger, 1999).

Pública é uma área acessível a todos a qualquer momento; a responsabilidade por sua manutenção é assumida coletivamente. Privada é uma área cujo acesso é determinado por um pequeno grupo ou por uma pessoa, que tem a responsabilidade de mantê-la. (Hertzberger, 1999, p.12).

Entretanto, várias configurações de acesso podem ser planejadas, ou mesmo alteradas por marcos territoriais, que podem ser impostos pela sociedade a depender de seus modos de vida e de sua cultura, fazendo com que a definição de um espaço público não dependa só da facilidade de acesso, mas também de seus usos e usuários, originando espaços intermediários (Hertzberger, 1999).

No mundo inteiro encontramos gradações de demarcações territoriais, acompanhadas pela sensação de acesso. Às vezes o grau de acesso é uma questão de legislação, mas, em geral, é exclusivamente uma questão de convenção, que é respeitada por todos. (...)

(...) são inadequados os termos público e privado, enquanto as áreas chamadas semiprivadas ou semipúblicas (...) são equívocas demais para acomodar as sutilezas que devem ser levadas em conta ao projetar cada espaço e cada área. (Hertzberger, 1999, p.15-16)

Contextualizado alguns conceitos, a partir de análises de alguns edifícios públicos, Hertzberger (1999) traz alguns exemplos de como um arquiteto pode planejar um espaço de modo a deixar evidente seu intuito de ser um espaço de uso coletivo. Configurando-o de modo a deixar alguns ambientes mais acessíveis do que outros, seja pela configuração dos cômodos, pela disposição dos mobiliários, ou até mesmo por meio do uso de materiais construtivos que permitam uma certa visibilidade, como o uso do vidro, por exemplo.

Portas de vidro entre espaços igualmente públicos e, portanto, igualmente acessíveis, por exemplo, proporcionam ampla visibilidade de ambos os lados (...) Portas sem painéis transparentes têm de dar acesso a espaços mais privados, menos acessíveis. Quando um código desse tipo é adotado coerentemente em todo o edifício, é entendido racional ou intuitivamente por todos os usuários do prédio e assim pode contribuir para esclarecer os conceitos subjacentes à organização do acesso. (Hertzberger, 1999, p.18)

Inúmeras são as formas de delimitar e demarcar um espaço, “podemos expressar essas diferenças pela articulação de forma, material, luz e cor, e introduzir certo ordenamento no projeto como um todo” (Hertzberger, 1999, p.19), o que influencia diretamente no acesso e na configuração do ambiente. Também é importante ressaltar que as variações delimitadas por esses “marcos territoriais”, mesmo que sutis, influenciam diretamente na forma como as pessoas se sentem ao frequentar determinado espaço.

O caráter de determinado local também está diretamente associado a quem cuida e se sente responsável pelo ambiente, e isso também pode ser reforçado a depender das escolhas na elaboração do projeto arquitetônico. Hertzberger (1999), evidencia o quão importante é criar essa relação entre o projeto e os seus usuários e a diferença que faz quando os projetos permitem que as pessoas personalizem seus ambientes, por meio de algumas intervenções que dão um toque pessoal para o lugar.

(...) para começar, a própria forma do espaço deve oferecer as oportunidades, incluindo os acessórios básicos etc., para que os usuários preencham os espaços de acordo com suas necessidades e desejos pessoais. (Hertzberger, 1999, p.24)

Relacionado a isso, o autor traz um conceito de “usuário a morador”, onde, por meio da criação desse senso de responsabilidade com o local, é gerado um maior envolvimento com o espaço, incentivando que “cada membro da comunidade contribua à sua maneira para um ambiente com o qual possa se relacionar e se identificar” (Hertzberger, 1999, p.45), fazendo com que as pessoas invistam no local e desperte uma ligação emocional com o mesmo. Além disso, também é reforçado a contribuição que

um projeto pode oferecer para gerar esse sentimento de pertencimento e identificação com o espaço, resultando em uma melhoria significativa para a qualidade do local.

Hertzberger (1999) demonstra como é importante garantir essa liberdade para que o usuário contribua para o projeto, seja por meio de intervenções pessoais ou coletivas. Entretanto, a partir do exemplo de um projeto de centro comunitário onde acabaram deixando os usuários livres demais para isso, ele ressalta que é fundamental ponderar para encontrar um equilíbrio. Esse projeto em questão, de Schalm, previa:

conceber um centro comunitário como uma rua capaz de acomodar uma variedade de acréscimos potenciais, segundo as necessidades que possam surgir de acordo com os recursos disponíveis. (...) planejado de tal modo que possa evoluir ao longo dos anos, graças à sua capacidade de adaptar-se a necessidades específicas; em outras palavras, deve ser sempre possível acrescentar novos elementos e alterá-los ou até mesmo demoli-los. (Hertzberger, 1999, p.112)

Segundo o autor, ainda que com boas intenções e se revelando uma ótima iniciativa para estimular as atividades da comunidade em si, os resultados do projeto não foram tão positivos conforme o esperado, de um ponto de vista da estrutura formal, pois os usuários não conseguiram realizar sozinhos tudo que foi imaginado. Por isso a importância de se ponderar até que ponto deve-se intervir em um espaço, de forma a garantir os meios necessários para que os usuários utilizem e se apropriem do mesmo (Hertzberger, 1999).

O que indivíduos conseguem em seus domínios privados não é necessariamente conseguido por um grupo num espaço comunitário. O projeto é um exemplo do que acontece quando se dá demasiadamente liberdade para o usuário. O resultado é desapontador quando se compara com a riqueza das possibilidades espaciais que um arquiteto poderia ter oferecido a eles. (Hertzberger, 1999, p.113)

Sob essa ótica, Hertzberger (1999), aborda formas de como é possível elaborar um projeto arquitetônico que torne o edifício mais acolhedor, a partir da análise de alguns edifícios públicos do século XIX, em uma época onde os espaços públicos deixam de ser vistos só como ambientes ao ar livre. Devido às novas materialidades, permitidas pelo processo da revolução industrial, muitos edifícios começam a ser projetados fazendo uso de vidro e de estruturas mais leves, o que garante mais visibilidade e gera uma sensação de conexão entre ambientes internos e externos.

Aliado a isso, o autor também ressalta que para projetar espaços acolhedores, deve-se valorizar uma forma convidativa, que para ele é denominada como: “a forma que possui mais afinidade com as pessoas” (Hertzberger, 1999, p.174). Para esse objetivo, é preciso elaborar espaços que contenham um certo potencial para adaptação, de modo que atenda às necessidades e incentive usos variados, permitindo outras articulações do espaço, tornando o ambiente mais receptivo e acolhedor para usos em contextos diferentes do que foi estabelecido inicialmente (Hertzberger, 1999).

Nesse sentido, faz-se necessário refletir acerca de alguns conceitos como funcionalidade e flexibilidade dos edifícios, pois também é um ponto que exige uma certa ponderação, em razão de que “a extrema funcionalidade de um projeto torna-o rígido e inflexível, isto é, oferece ao usuário do objeto projetado muito pouca liberdade para interpretar sua função” (Hertzberger, 1999, p.177). Além disso, segundo Hertzberger (1999), na arquitetura funcionalista, por vezes acabam adotando uma neutralidade tão grande, em busca de garantir que um edifício possa atender vários usos e novas demandas com o passar do tempo, que pode acabar gerando um local sem identidade. Portanto, ele reforça que o ideal seria projetar de forma que permita que as cidades se adaptem às mudanças, mas de modo que a identidade seja preservada.

O essencial, portanto, é chegar a uma arquitetura que, quando os usuários decidirem dar-lhe um uso diferente do que foi originalmente concebido pelo arquiteto, não seja perturbada a ponto de perder sua identidade. (...) a arquitetura deveria oferecer um incentivo para que os usuários a influenciassem sempre que possível, não apenas para reforçar sua identidade, mas especialmente para realçar e afirmar a identidade de seus usuários. (Hertzberger, 1999, p.148)

Nessa perspectiva de afirmação a identidade dos usuários, Hertzberger (1999) ressalta novamente a importância de despertar o senso de responsabilidade e de cuidado com o ambiente, pois “só podemos desenvolver afeição pelas coisas com as quais nos identificamos - coisas sobre as quais podemos projetar nossa própria identidade” (Hertzberger, 1999, p.170). Segundo o autor, um projeto deve sempre garantir uma liberdade para que o usuário utilize e se aproprie de determinado local da maneira que achar mais adequada, com base em suas próprias interpretações do espaço.

Cronograma

		TCC 1									TCC 2											
		ABR		MAI		JUN		JUL		AGO		OUT		NOV		DEZ		JAN		FEV		
		16-30	01-15	16-31	01-15	16-30	01-15	16-31	01-15	16-31	01-15	16-31	01-15	16-31	01-15	16-30	01-15	16-31	01-15	16-31	01-15	
Projeto de Pesquisa	Tema	x	x																			
	Problemática		x	x																		
	Justificativa		x	x																		
	Questões Norteadoras		x	x																		
	Objetivos		x																			
	Metodologia		x	x	x																	
	Referencial teórico		x	x	x																	
Estudos etnográficos	Encontros - projeto de extensão		x	x	x					x	x											
	Relatos etnográficos		x	x				x	x	x					x							
	Etnografia de arquivo					x	x	x														
Projeto Participativo	Nossa casa coletiva							x														
	Roda de conversa														x							
	Retorno																					x
Pesquisa bibliográfica e documental	Revisão Bibliográfica		x	x	x	x	x	x														
	Estudo de caso							x	x													
	Levantamento de fontes secundárias					x	x	x														
Redação do TCC	Capítulo 1					x	x	x														
	Capítulo 2							x	x			x										
	Capítulo 3							x	x			x	x	x								
	Capítulo 4											x	x	x	x	x	x	x				
	Considerações finais										x											x
	Diagramação							x	x						x	x	x	x				
	Revisão										x									x	x	
Entrega / Apresentação	Entrega - TCC 1									x												
	Apresentação										x											
	Entrega - TCC 2																					x
	Apresentação / Banca Final																					



01 O Quilombo Alto Santana

Cap 1 - O Quilombo Alto Santana

Este capítulo tem como foco principal o Quilombo Alto Santana e visa abordar suas características específicas, o processo de ocupação de seu território, vivências relatadas pelos moradores e a atuação da associação local na conquista de sua certificação e na busca por melhorias para a comunidade, assim como o processo de autorreconhecimento da identidade quilombola, suas manifestações culturais e as ações realizadas para preservar e reafirmar sua identidade.

Antes de adentrarmos nesse tema, foi realizada uma breve contextualização sobre Comunidades Remanescentes de

Quilombos no contexto do estado de Goiás, explorando os processos pelos quais essas comunidades buscam para conseguir suas certificações e titulações de seus territórios. Além dessas questões, essas comunidades também têm enfrentado obstáculos sociais e culturais, lutando contra a marginalização, discriminação e com a ameaça da invasão de seus territórios. Também se faz necessário compreender a relação entre a identidade das comunidades quilombolas e seus territórios, para assim, entender seus processos de construção de identidade coletiva.

Figura 03: Vista para cidade de Goiás. Fonte: Acervo da autora, 2023.



1.1 Comunidades Remanescentes de Quilombos no estado de Goiás

Retomando o conceito de quilombo como um símbolo de resistência, comunidades quilombolas além de contribuir significativamente para a diversidade cultural do país, desempenham um papel fundamental na luta pela preservação e fortalecimento de sua identidade, “se reconhecendo pessoa que realmente deve lutar por melhores condições de vida, porque merece essas melhores condições de vida desde o momento em que faz parte dessa sociedade” (Nascimento, 1989 apud Ratts, 2007 p.53).

Nesse contexto, dentre os inúmeros obstáculos que dificultam seu desenvolvimento socioeconômico atualmente, um dos principais desafios enfrentados por essas comunidades é a titulação de seus territórios. Embora sejam identificadas pela FCP, muitas comunidades oficialmente reconhecidas ainda aguardam pela titulação de suas terras, deixando evidente a lentidão no andamento desses processos, o que se torna um problema, uma vez que é um dos principais instrumentos para a sua preservação. De acordo com Carlos Moura, primeiro presidente da Fundação Palmares:

Não há um número certo, mas eu admitiria que pelo levantamento da Fundação Palmares, do INCRA e de várias organizações, de que nós temos cerca de 3500 quilômetros. Desses 3500 quilômetros nós temos aproximadamente uns 2500 reconhecidos pela Palmares. Agora lamentavelmente nós não temos 300 comunidades quilombolas tituladas. Que aí é a inércia do estado. (RÁDIO E TV JUSTIÇA, 2019)

O Decreto N° 4887/2003, que regulamenta esse procedimento de identificação, reconhecimento, delimitação, demarcação e titulação de terras ocupadas por quilombos, define remanescentes das comunidades quilombolas como “grupos étnico-raciais, segundo critérios de auto-atribuição, com trajetória histórica própria, dotados de relações territoriais específicas, com presunção de ancestralidade negra relacionada com a resistência à opressão histórica sofrida” (Art. 2º, Brasil, 2003).

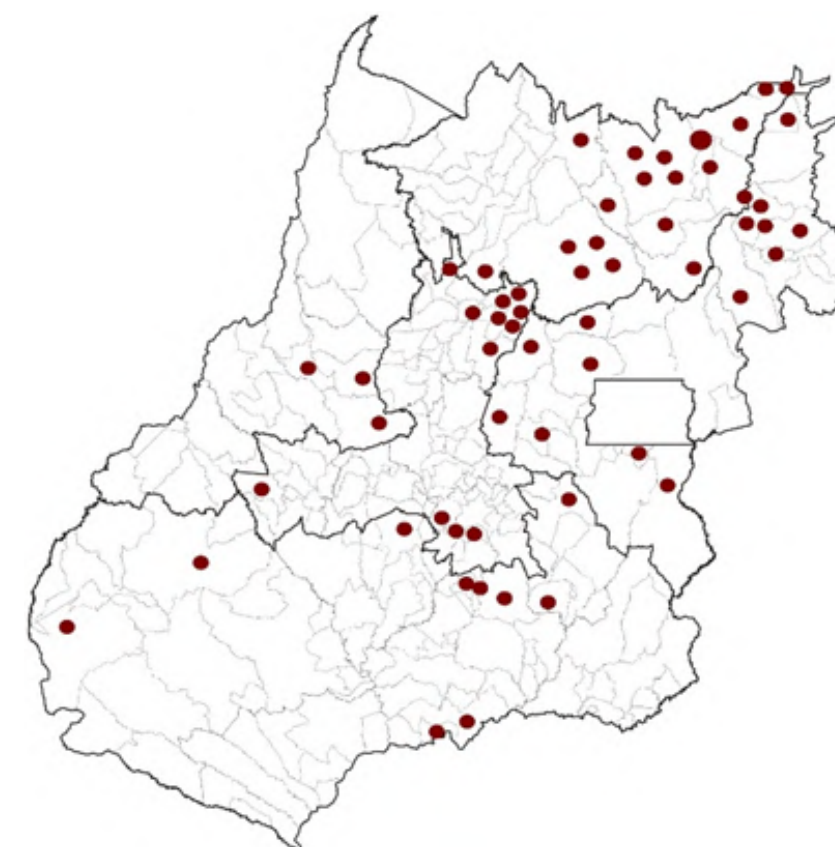
O processo de titulação acontece após o reconhecimento e certificação do território e da população quilombola, que de acordo com a Portaria FCP n° 57, de 31 de março de 2022, que estabelece os requisitos necessários, a comunidade deve apresentar os respectivos documentos: ata de reunião ou de assembleia para a autodefinição como comunidade remanescente quilombola; relato histórico da comunidade com dados, documentos ou informações a respeito do patrimônio, história e suas manifestações culturais; e um requerimento solicitando a certificação à presidência da FCP.

Vale ressaltar, que segundo Carlos Moura, é de responsabilidade da Fundação Palmares a certificação das comunidades remanescentes de quilombos que se autoidentificam, a partir dos “seus valores telúricos de vivência naquele espaço, em função da ancestralidade, dos valores afro-brasileiros, em função da negritude” (RÁDIO E TV JUSTIÇA, 2019). Dessa forma, a certificação só ocorre a partir do processo de autorreconhecimento por parte da comunidade.

(...) esta FCP não certifica essas comunidades a partir de um trabalho de conferência de quem é ou não quilombola, mas, sim, respeitando o direito à autodefinição preconizado pela Convenção n° 169 da Organização Internacional do Trabalho (OIT), certifica aquelas comunidades que assim se declaram. (Fundação Cultural Palmares, 2023)

Segundo dados de 2023, a Fundação Cultural Palmares⁴ tem registro de um total de 3563 comunidades quilombolas reconhecidas, onde dentre essas, 2901 possuem certificação, sendo a região Nordeste a que apresenta o maior número dessas comunidades, com o total de 61% das certidões emitidas no país. Já a região Centro-Oeste, corresponde a 5% das comunidades certificadas, onde no estado de Goiás há um total de 69 Comunidades Remanescentes de Quilombos (CRQs) reconhecidas pela fundação e 58 certificadas (Figura 04). Entretanto, a Coordenação Nacional de Articulação das Comunidades Negras Rurais Quilombolas - Coordenação de Goiás (CONAQ) estima que há cerca de 82 comunidades

quilombolas no estado (SEDS - GO, 2020).



Dentre elas estão os Kalunga, na região Norte e Nordeste do estado de Goiás, região marcada pela grande presença de “vãos, serras e morros, depressões e vales estreitos, rios encaixados, uma vegetação de cerrado, cerradão e campos cerrados” (ALMEIDA, 2010, p.37), conhecida como Vãos da Serra Geral, região onde se localiza o Sítio Histórico e Patrimônio Cultural Kalunga, em uma área de 253 hectares com cerca de 62 povoados distribuídos pelo território.

4. Para visualizar o quadro geral de CRQs por estados e regiões acesse: <https://www.gov.br/palmares/pt-br/midias/arquivos-menu-departamentos/dpa/comunidades-certificadas/quadro-geral-por-estados-e-regioes-14-03-2023.pdf>.

Figura 04: Mapeamento de CRQs certificadas no estado de Goiás. Fonte: Iasi, 2021.

Um ponto destacado por Almeida (2010) é em relação a construção subjetiva em torno dos símbolos naturais e culturais da região, que é caracterizada pela significativa presença de serras e rios. Bonnemaïson (1981) citado por Almeida (2010, p.39), relaciona essa característica ao conceito de geossímbolo, “um lugar, um itinerário, um acidente geográfico, que por razões políticas, religiosas, históricas ou culturais possuem aos olhos de certos grupos sociais ou povos uma dimensão simbólica que alimenta e conforta sua identidade”. Nesse sentido, é possível retomar uma das principais hipóteses da pesquisa de Nascimento (2007 [1982]), que dizia a respeito à formação e a permanência de comunidades quilombolas em função de suas características geográficas, que nos remete novamente ao conceito de continuidade histórica defendido pela autora.

Os Kalunga apresentam uma forte identidade territorial dada a relação que estabelecem com a terra, conforme ressaltado por Almeida (2010, p.43) o território se configura mais do que um espaço físico: “é uma convivialidade, uma espécie de relação social, política e simbólica que liga o homem à sua terra e, ao mesmo tempo, constrói sua identidade cultural”. Logo, a preservação desse território desempenha um papel fundamental para a manutenção da identidade Kalunga.

No entanto, os Kalunga têm enfrentado diversos conflitos pelo uso das terras, dentre eles, a pressão e apropriação de seus territórios por fazendeiros, garimpeiros, entre outros, e o fomento ao turismo. De acordo com Almeida (2010), desde a década de 1970, os Kalunga enfrentam invasões de pessoas em suas terras, o que tem ameaçado sua preservação. Isso ocorreu em grande parte devido à falta de titulação e a pressão do mercado de terras, limitando as práticas tradicionais, como a agricultura e a criação de animais.

Além disso, a exploração turística também representa um desafio para preservação de sua identidade, pois segundo Almeida (2010, p.57), “a atual turistificação do patrimônio,

tanto o cultural quanto o natural, favorece sua mercantilização”, e esse processo de comercialização do patrimônio, gerou um clima de tensão nas relações sociais em algumas comunidades.

Enquanto quilombos localizados em contexto rurais têm enfrentado desafios relacionados à preservação de suas terras, “haja vista que grande parte dessas comunidades já teve perda brusca de hectares via procedimentos ilegais” (Oliveira e D’Abadia, 2015, p.258), quilombos urbanos lidam com dificuldades em um outro contexto, geralmente enfrentando uma realidade marcada pela segregação socioespacial, conforme ressaltado por Oliveira e D’Abadia (2015, p.259):

comunidades quilombolas urbanas se veem inseridas em meio aos problemas próprios de espaços urbanos carregados da complexidade e da heterogeneidade que permeiam a vida cidadina. A apropriação de seus territórios se vincula, geralmente, à realidade da periferia e/ou de espaços marginalizados e/ou segregados. São espaços etnicamente diferenciados por serem constituídos por grupos identitários que buscam o reconhecimento de sua identidade e a segurança jurídica de seu direito à propriedade para romper o ciclo da segregação espacial.

No contexto dos quilombos urbanos, os autores reforçam a importância de se compreender o processo de construção identitária dessas comunidades, levando em conta os obstáculos encontrados em meio ao contexto urbano, onde é notável a escassez de políticas públicas adequadas que atendam às suas demandas específicas. No processo de organização dessas comunidades, a relação entre o espaço em que estão inseridos e sua identidade é fundamental. Um exemplo que se assemelha ao do Alto Santana, é o processo de construção identitária do quilombo urbano Jardim Cascata, localizado na cidade de Aparecida de Goiânia - Goiás, uma vez que:

sua “postura identitária” atual desarticula as identidades estáveis do passado (de constante submissão, ao se pensar na população negra), abrindo a possibilidade de novas articulações. Nessa lógica, há a criação de novas identidades e a produção de novos sujeitos. (Oliveira e D’Abadia, 2015, p.270)

De acordo com Oliveira e D’Abadia (2015), no processo de se identificar enquanto quilombola, ao assumir essa “postura identitária” os integrantes da comunidade reafirmam sua identidade, reinterpretando sua relação com o território e possibilitando uma visão que reconhece o território como um espaço ocupado por pessoas que compartilham trajetórias de vida similares, indo além da ancestralidade como único critério de identificação.

Outro exemplo de quilombo urbano é a comunidade Ana Laura, localizada no município de Piracanjuba, interior do estado de Goiás. O quilombo teve sua certificação pela FCP em 2015, por meio do movimento da Associação Ana Laura, que contou, principalmente, com a iniciativa de mulheres da comunidade. A certificação foi um elemento fundamental para o fortalecimento do reconhecimento da população e para que outras pessoas se auto identificassem como remanescentes quilombolas (Villamil, 2018).

sua “postura identitária” atual desarticula as identidades estáveis do passado (de constante submissão, ao se pensar na população negra), abrindo a possibilidade de novas articulações. Nessa lógica, há a criação de novas identidades e a produção de novos sujeitos. (Oliveira e D’Abadia, 2015, p.270)

Atualmente, a Comunidade e Associação Ana Laura são reconhecidas como ponto de referência “tanto para as famílias afrodescendentes da cidade como para o processo organizativo dos Quilombos no estado de Goiás” (Villamil, 2018, p.58), devido seu compromisso e suas ações que demonstram um esforço contínuo por melhores condições de vida para famílias negras.

De acordo com Villamil (2018), a associação se encontra inserida em um contexto que envolve outras organizações quilombolas, o que permite uma interação significativa e a consolidação de uma rede de apoio mútuo entre elas. Criando um ambiente propício para a troca de experiências, conhecimentos e recursos, além de fortalecer a mobilização em prol dos seus direitos e suas demandas, possibilitando a conquista de resultados mais significativos

para as comunidades quilombolas. Ao estabelecer essa rede de cooperação, tem-se como resultado uma significativa contribuição para fortalecimento dos laços comunitários e para construção de uma identidade quilombola coletiva.

Conforme mencionado por Castells (2018), a consolidação de uma identidade coletiva é fundamental para a mobilização da comunidade em lutas por melhorias no território. Nesse contexto, destaca-se a relevância da articulação da Associação Ana Laura na busca por direitos no campo da arquitetura e urbanismo. Por meio dessa articulação, a comunidade foi contemplada com recursos obtidos por meio do edital de Assistência Técnica em Habitação de Interesse Social (ATHIS), promovido pelo Conselho de Arquitetura e Urbanismo de Goiás (CAU/GO), o que possibilitou a prestação de assessoria técnica para concepção de projetos habitacionais destinados às famílias quilombolas de Piracanjuba, durante o período de maio a novembro de 2022 (Noelle; Habitar a Cidade, 2023).

1.2 Quilombo Vilaboense

O Quilombo Alto Santana, localizado as margens da Cidade de Goiás, aos pés do Morro das Lajes, que segundo Nascimento (2007) é uma característica bem recorrente de se encontrar no Brasil, além de frequentemente se localizarem nos arredores das cidades, muitos dos locais onde se estabeleceram os quilombos apresentam relevo notavelmente similares, geralmente em altos relevos, próximo aos rios, vales e outros caminhos naturais. Nessa perspectiva, nota-se um estabelecimento de comunidades quilombolas em áreas estratégicas, em busca de um melhor aproveitamento das condições proporcionadas pelo território, como forma de facilitar acesso, proteção e a permanência.

Outro elemento que Beatriz Nascimento observa semelhanças, é em relação às condições climáticas, morfológicas e naturais que proporcionam uma “sensação de espaço aberto, diríamos, oceânica e infinito” (2007

[1982], p.115), essa característica também pode ser percebida no Quilombo Alto Santana, dada a configuração do território e a paisagem formada pelo Morro das Lajes e demais morros do entorno, notável pela grande presença de vegetação que cria um contraste com as edificações e o céu aberto, o que confere um valor paisagístico ao local e contribui de forma significativa para essa sensação (Figura 05).

As primeiras ocupações na cidade de Goiás, se estabeleceram nas regiões adjacentes ao Rio Vermelho, elemento que influenciou diretamente no desenho das primeiras ruas e da malha urbana, ao longo das ruas Dom Cândido e Cambaúba, atual Bartolomeu Bueno (Figura 06). Segundo Oliveira (2014), a definição da localização e do traçado desses primeiros eixos da cidade foram determinados em razão dos elementos naturais e da atividade econômica. As características topográficas e a presença do Rio Vermelho foram elementos fundamentais para a ocupação da região, por se configurar como uma localização estratégica em relação às áreas de produção e serviços e devido ao eixo de circulação para outras localidades.

A Rua Dom Cândido, fazia a ligação entre a Capela de Sant’Anna e a Igreja do Rosário, que foram construídas em lados opostos do Rio Vermelho. Essa configuração do território levou a um processo de segregação sócio-racial do espaço urbano, muito evidenciada pela “concentração dos pardos, mulatos e negros forros na Cambaúba, que era uma das saídas da cidade” (Coelho, 2001, p.176 apud Olivera, 2014, p.32), além da divisão marcada pelo fato de que a frequência na Capela de Sant’Anna se restringia exclusivamente às pessoas brancas, enquanto negros frequentavam a Igreja do Rosário (Oliveira, 2014). Morais (2018) também aborda a segregação evidente resultante desse processo, e faz referência aos “sujeitos do outro lado do rio”⁵, mencionando aqueles que moram na parte popular

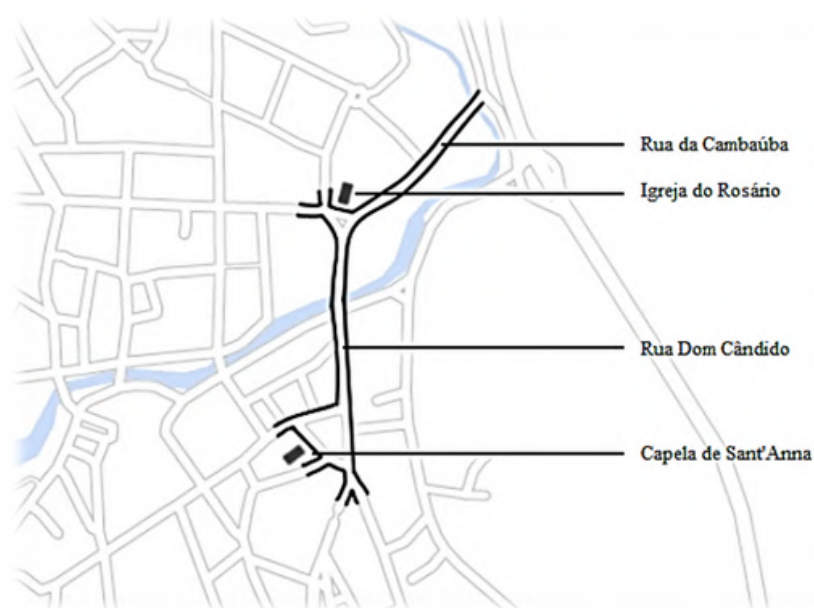
5. Expressão popular vilaboense (Morais, 2018).

Figura 05: Morros que conformam a paisagem do Alto Santana. Fonte: Acervo da autora, 2023.



da cidade, adjacente ao centro histórico:

É o rio que divide as classes desde o período colonial. Do outro lado do rio encontra-se com o benzedor, a rezadeira, a imperatriz da festa, o vendedor, o radialista, a criança brincando na rua, os idosos na porta de casa, dentre tantos outros. (Morais, 2018, p.45)



Outro fator que contribuiu para essa segregação durante o processo de desenvolvimento urbano, foi a consolidação de espaços de poder por meio da implantação de equipamentos institucionais em áreas estrategicamente escolhidas. Logo, as áreas públicas, como os largos do entorno desses equipamentos, foram requeridas por marcarem regiões mais nobres da cidade e esses espaços se tornaram elementos determinantes na definição e na delimitação da ocupação privada na região (Oliveira, 2014).

(...) é fundamental considerar que estes aspectos se refletem na constituição do tecido residencial urbano, e que a delimitação de espaços de poder institucional e religioso sinalizou uma espécie de primeiro zoneamento, muito atrelado à segregação social. (Oliveira, 2014, p.32)

Segundo o Relatório Antropológico e Histórico da Comunidade Alto Santana⁶ (2017), as terras próximas ao Largo da Carioca, inicialmente ocupadas por remanescentes

quilombolas, também foram requeridas pelo governo, o que fez com que a comunidade se distanciasse da região em busca de ocupar outras terras públicas próximas ao Morro das Lajes.

Levando em consideração os elementos mencionados anteriormente, ao longo dessas transformações, a “tentativa de apagamento da memória negra em Goiás sob discursos de desenvolvimento urbano, ao processo de expulsão do centro” (Faria, 2020, p.34), teve como resultado esse deslocamento de pessoas para regiões distantes do centro urbano, como uma delas sendo a região próxima à Igreja Santa Bárbara, onde hoje se localiza o Quilombo Alto Santana.

Vale ressaltar que a ocupação de áreas menos urbanizadas, localizadas nas margens das cidades, apresentam a oferta de moradias de forma mais acessível economicamente, porém acarreta diversos impactos negativos, devido a topografia acidentada e por serem consideradas áreas de risco para ocupação, essas regiões apresentam desafios significativos e carecem de infraestrutura adequada, o que restringe o acesso a serviços essenciais, como saúde, educação e emprego, reforçando a segregação socioespacial e dificultando a busca por melhores condições de vida. Esse é o caso do Quilombo Alto Santana, onde, segundo Rodrigues et al. (2021), a comunidade luta em busca dos meios necessários para o desenvolvimento da comunidade, no que se diz respeito às fragilidades sociais relacionadas ao desemprego, educação, qualificação profissional, além de questões de saneamento básico.

Figura 06: Primeiros eixos de ocupação e primeiras igrejas. Fonte: Elaborado pela autora a partir de Martins, 2004, p.43 apud Oliveira, 2014, p.28.

6. Documento enviado para FCP para o processo de certificação de CRQs. O documento foi disponibilizado pela FCP, mediante solicitação pela Plataforma Integrada de Ouvidoria e Acesso à Informação do Portal Gov.br.

1.2.1 Vivências comunitárias: a história contada pelos filhos da terra

As vivências relatadas pelos quilombolas do Alto Santana, fazem um resgate a suas memórias e contam parte da história da comunidade e do início da ocupação da região. A partir das narrativas dos moradores mais antigos do bairro, que compartilham suas experiências sobre como foi a chegada a esse território, é possível identificar elementos importantes da história da comunidade e da construção de sua identidade.

Formação e memória

Por volta de 1907, uma família pioneira decidiu se estabelecer nesse território, em busca de uma região desabitada onde pudessem se fixar, com passar do tempo, logo surgiram outras famílias que também se instalaram no local, construindo ali uma boa relação de vizinhança e um senso de comunidade que foi estabelecido desde os primeiros moradores, o que se tornou fundamental para o desenvolvimento da comunidade. A partir da ajuda mútua entre eles, foram abrindo novos caminhos e construindo suas casas, utilizando principalmente de técnicas vernaculares, como adobe e pau-a-pique (Relatório, 2017). Essa relação de cooperação pode ser considerada um marco importante na formação da comunidade e a preservação dessa memória é essencial para entendermos as origens da região. A partir dos relatos dos moradores é possível ver como essas memórias destacam essa colaboração mútua entre os moradores da comunidade, tanto na obtenção dos lotes quanto no trabalho coletivo para construção de suas moradias.

"Aqui virou um povoado mais foi por causa dela, isso aqui era mato, aí depois foi adquirindo. Foi chegando um chegando outro."
- Dona Cândida

"Ah aqui mudou muito, antigamente quando nós morava, quando nós viemos pra cá, minha mãe comprou essa terra aqui, aqui só tinha colômbio."
- Dona Cândida

"É de Adobe, já viu falar em casa que ergue com Adobe? Naquele tempo as coisas eram mais difíceis, foi fazendo aos pouquinhos, cada dia fazia uma parede porque teve que fazer os adobes primeiro para poder levantar ela, ela tem cinco cômodos, demorou quase um ano inteiro fazendo a casa. (...) Ela é de Adobe, mas graças a Deus tá firme."
- Dona Nair

"- E onde que vocês arrumavam o barro pra fazer as casas?
- Uai no quintal. Ela fazia o buraco e nois fazia adobe, assentava com o pé...
- Todo mundo ajudava?
- Todo mundo ajudava, tinha de ajudar."
- Dona Cândida

"antigamente os filho mais velho que resolvia os problemas aí pegou e: 'ó então vamo fazer o seguinte nós viemos para cá mas nós fazemos o adobe e você ajuda ai a levantar a casa', foi acontecendo fizemos a casinha, levantamos ai saiu daqui do aluguel e passou para lá inclusive tem ela até hoje..."
- Sr. Poeira

"A senhora não pode ceder um pedaço do quintal? Uns 2 metros aí pra fazer uma rua porque se ele for morar lá em cima fazer uma casinha lá tem que levar materiais e ainda tem que subir né como é que faz? aí ela falou - pode, você tá pedindo, então vou atender você. Aí ela cedeu lá uns 4 metros de quintal, uns 4 m de estrada mas assim feito mais é na enxada não tinha patola esses trem pra subir lá não."
- Sr. Poeira

As citações de falas dos moradores utilizadas nessa seção são transcrições de um material ainda não publicado, cedidas pelo projeto de extensão "Tem um Quilombo nas trilhas de Goiás", 2023.

Rio como forma de subsistência

Um dos fatores determinantes para escolha da região foi devido a disponibilidade de água do Rio Vermelho e outros cursos hídricos que tinham nas proximidades, inclusive, “uma das minas de água da região ainda fornece águas para a lavanderia pública instalada no bairro desde a década de 80” (Relatório, 2017, n.p). Antes da implantação da lavanderia e do fornecimento de água no bairro, moradores relatam que, principalmente as mulheres, se deslocavam até o Rio Vermelho ou demais fontes - Carioca, Biquinha, Cachoeirinha - para poder lavar suas roupas. Além disso, algumas desempenhavam o papel de lavadeiras como forma de trabalho.

Lavanderia

A construção da lavanderia pública se deu no início da década de 80, a partir de uma fonte de água que havia no local e teve um impacto significativo para a comunidade, evitando a necessidade de deslocamento para essas outras regiões, amenizando o desgaste e os riscos relatados pelos moradores.

Atualmente, esse espaço ainda é utilizado por alguns moradores da comunidade, reconhecido como um ponto central no bairro e marcante na história do quilombo, dada mudanças positivas que trouxe para o local, uma vez que ali foi estabelecido “um espaço de convivência essencial das relações que constituíram a comunidade” (Morais, 2018, p.67).

No fim de 2017, a lavanderia passou por uma restauração promovida por meio de uma colaboração entre a Associação Quilombola Alto Santana e a Prefeitura de Goiás (Entrega, 2017).



“Hoje eu não tenho muita saúde, por causa das friagens nas pernas, porque a água dava assim no Rio Vermelho. Quando eu não estava no Rio Vermelho eu estava na Cachoeirinha.”
- Dona Nair

“Minha avó ia lá lavar muita roupa rio, e quando chovia, a gente tinha que ir na biquinha ou na cachoeirinha, porque lá quase não sujava água. Já no Rio Vermelho era uma chuvinha que dava e já sujava nós ia pra lá.”
- Dona Lurdes

“Quando eu vim aqui para Goiás, sabe o que eu fazia? (...) quando eu não estava no rio mato arrancando capim eu estava no rio lavando roupa, lavei roupa trinta anos para eu poder aposentar, aposentei como lavadeira.”
- Dona Nair

“E essa lavanderia foi ótima porque o rio igual quando sujava a água e ia lá pra essa biquinha e era muita lavadeira e não tinha nem espaço, e essa lavanderia foi uma ótima opção que eles fez para nós (...) e era cheinha a lavanderia no começo tinha vez que você chegava não achava um tanque e tinha que esperar a pessoa terminar pra gente lavar a da gente.”
- Dona Lurdes

“(…) quando começou a lavanderia eu já tinha uma idade avançada aí eu já era casado e aí eu resolvi tomar uma providência também por que, graças a Deus toda vida eu fui procurado aqui no Alto Santana. Aí eu fui levantar, fazer a lavanderia, aí precisava de um servente, um pedreiro, aí foi e procurou nós.
(…) Aí foi bom como ela falou ela ia pro rio, quando o rio vermelho tava cheio ia pra biquinha que tem aqui você não conhece? Muita água lá outras mulheres que moravam aqui também iam mas era perigoso, muito mato e evitar ir pra dentro do rio eu achei bom né.”
- Sr. Poeira

Identidade e resistência

Outro ponto destacado tanto nas narrativas, quanto em conversas com a comunidade, foi em relação ao nome do bairro, atualmente conhecido como Alto Santana, mas que já foi conhecido como “bairro chupa osso”, uma denominação pejorativa que fazia referência a pessoas que buscavam ossos para retirar “sobejos de carnes, ligamentos e cartilagens para produzirem a própria alimentação” (Relatório, 2017, n.p) em um matadouro existente na década de 80, onde hoje se localiza a praça de eventos. Entretanto, mesmo sendo um termo visto como depreciativo, ainda há placas nomeando uma das ruas como “beco do chupa osso”, uma das principais vias de acesso ao quilombo.

Em conversa com moradores, também foi relatado que em alguns pontos os próprios moradores fazem suas plaquinhas como forma de reafirmar o nome da rua, demonstrando resistência em afirmar e valorizar a identidade do local, não permitindo serem definidos dessa forma.



“(…) nós já morando aqui no alto Santana, tinha até um apelido aí que muita gente não gosta (...) que é chupa osso.”
-Sr. Poeira

“Quando nós viemos para cá já tinha um senhor de idade que morava aqui nesse setor, me contaram a história dele, que ele morava sozinho e Deus, mas ele gostava muito de carne de vaca, ir no açougue, o matadouro que tinha aqui na cidade de Goiás, de lá ele vinha com uma perna de vaca nas costas e trazia para alimentar aqui na sua casa, aqui no setor, não sei onde é, ai ele tinha uma casinha, um ranchinho (...) muito atencioso, era benzedor e ai muita gente vendo aquilo falava assim: ‘onde que esse homem vai com essa perna de vaca?’ aí falavam ‘ele vai lá pro chupa osso’, ‘onde fica chupa osso?’, ‘fica encostado no morro da laje’.
Inclusivamente era tipo de mata mesmo, tipo isolado porque não tinha morador.”
-Sr. Poeira

Quilombo hoje: continuidade e essência

A partir dessa aproximação com o Quilombo Alto Santana, nota-se que atualmente, os moradores ainda mantêm esse forte senso de comunidade, dando continuidade a essa rede de cooperação e apoio que se iniciou desde os primeiros moradores da região, preservando suas raízes e reforçando esses laços através de sua história e cultura compartilhada. Esse senso de comunidade também é reforçado pelo trabalho em conjunto em projetos e iniciativas que realizam atualmente, principalmente pelas ações da AQAS, que tem como objetivo beneficiar a todos e se traduz em ações colaborativas para melhorar a qualidade de vida dos moradores. Esses laços fazem parte da essência da identidade da comunidade e seguem se fortalecendo com o passar do tempo.

"Hoje eu vejo aqui felicidade, porque meus amigos minhas amigas, todos gostam de mim. (...) Tem uns molequinhos que já falou assim pra mim, me respeita e tudo, passa na minha porta fala comigo, eles todos me consideram."
-Dona Cândida

"Eu acho que foi ótimo porque já veio muitos benefícios pra gente, já tá ajudando muito essas crianças, eu achei maravilhoso né, o nosso Alto Santana ser um quilombo foi ótimo, uniu mais as pessoas, quando tem reunião as pessoas vão querer saber o que ta acontecendo, achei muito bom."
-Dona Lurdes

1.3 Associação Quilombola Alto Santana

Fundada no final de 2017, a AQAS desempenha um papel fundamental para o bairro, mobilizando ações e iniciativas com os moradores para uma colaboração voluntária em prol de melhorias para a comunidade local, além do objetivo de “ampliar suas ações por meio do estímulo à autonomia na elaboração de projetos e captação de recursos” (Rodrigues et al., 2021, p.342). Essas atividades e manifestações culturais promovidas pela associação, além de preservar a herança cultural, exercem uma influência significativa para o fortalecimento da identidade coletiva da comunidade. Dentre essas práticas, atualmente são desenvolvidas no quilombo Alto Santana:

(...) oficinas de turbantes e penteados afro, elaboração de pratos e alimentos da culinária negra, bem como artesanato e ações para a saúde, apresentações culturais (samba de roda, catira, maculelê, capoeira), mutirões para a melhoria da infraestrutura do bairro e estímulo às discussões na resolução conjunta dos problemas que afetam a comunidade. (Rodrigues et al., 2021, p.342)

A fundação da AQAS, se deu em um contexto de mobilização dos moradores em busca do reconhecimento e certificação do Quilombo Alto Santana pela Fundação Cultural Palmares, que ocorre a partir de um processo de autoidentificação por parte da comunidade, enquanto comunidade remanescente de quilombo. Conforme pontuado pela presidente da AQAS, citada por Batista (2021), houve uma certa resistência e um pouco de dificuldade enfrentada por algumas pessoas em se reconhecerem como quilombolas. De início, muitos recusaram essa identificação, por terem uma visão de que o termo “quilombola” tivesse um significado negativo, e somado a discriminação racial já enfrentada por pessoas pretas, acabou dificultando esse processo de reconhecimento e autoidentificação, conforme aponta alguns relatos:

Na minha cabeça era um termo pejorativo, pessoas escravizadas, pessoas que era escrava. Sinônimo de preto. Era uma coisa que pra gente que recebe muito xingamento,

muita fala assim que dói dentro da gente de ouvir, então eu não queria ser quilombola não. (Informação verbal, 2021, apud Batista, 2021, p.54)

No entanto, a partir de algumas conversas com Marta Ivone, Superintendente de Promoção da Igualdade Racial na época, que foi uma das responsáveis pela iniciativa de buscar a certificação do quilombo, trouxe para a comunidade um novo entendimento sobre o significado de ser quilombola, trazendo uma perspectiva que ressalta a importância cultural e histórica da identidade quilombola. A partir disso, esse reconhecimento adquiriu outro significado, passou a ser uma busca significativa pela valorização e preservação da cultura e do conhecimento transmitidos por seus antepassados (Batista, 2021).

Aí eu falei, eu vou correr atrás disso. Na realidade eu não pensei se era bom ou ruim, se tinha dinheiro ou se não tinha, eu pensei em reconhecimento das pessoas que fazem e produzem, tanta a cultura quanto o fazer, o saber, que a gente entende que não podia deixar morrer. (Informação verbal, 2021, apud Batista, 2021, p.54)

Os relatos compartilhados pelos moradores, revelam as dificuldades enfrentadas por algumas pessoas para se reconhecerem como quilombolas, evidenciando a importância da conscientização e da valorização da identidade e das raízes culturais para enfrentar essas dificuldades e fortalecer a identidade quilombola. A presidente da AQAS, citada por Batista (2021), ressalta a importância dessa certificação para o Quilombo Alto Santana, que para além da preservação da memória da comunidade, também traz investimentos para educação e saúde do município.

Segundo Nunes (2006) o surgimento dessas organizações comunitárias, como foi o caso da origem da AQAS, por meio da mobilização dos moradores, está diretamente relacionado ao rápido processo de urbanização que tem acontecido nos últimos anos. À medida que áreas urbanas se desenvolvem rapidamente, os moradores podem se sentir deslocados e como forma de enfrentar as necessidades e os desafios enfrentados, levando a essa mobilização de

grupos comunitários, reconhecendo a importância de se organizarem para defender seus interesses e lutar por melhorias.

A urbanização acelerada dos últimos 50 anos e a evolução política do mundo a partir dos anos 1960 levaram os habitantes das comunidades locais a uma mobilização constante na defesa dos seus interesses. É por conta dessa transformação que aparecem na cena urbana novos tipos de representação do cidadão: associações, comitês e conselhos se constituíram para dar voz aos habitantes nas intervenções em seus bairros e cidades. (Nunes, 2006, p.13-14)

Nesse contexto, a associação desempenha um papel fundamental na construção e fortalecimento da identidade coletiva, uma vez que reúne os moradores em torno de objetivos comuns, como por exemplo fomentar políticas públicas, reivindicar serviços básicos, como melhorias em sua infraestrutura, saneamento e saúde, com objetivo de garantir que as necessidades e demandas locais sejam ouvidas e atendidas, sendo essenciais para fortalecer a voz coletiva dos moradores, mobilizar recursos e promover mudanças positivas para o desenvolvimento da comunidade.

Conforme apontado por Castells (2018), esse processo de construção da identidade coletiva, aliada a identidade territorial, desempenha um papel crucial no surgimento e na mobilização de comunidades. Além disso, é importante ressaltar que esse processo não se limita apenas a âmbitos locais e contribui para a transformação da sociedade como um todo. Essa construção identitária está diretamente ligada aos conflitos de interesses sociais e a estruturação social global, ganhando uma relevância cada vez maior nos últimos anos, com um notável impacto nos conflitos sociais e na organização da sociedade.

(...) a identidade destinada à resistência, leva à formação de comunas, ou comunidades (...). É provável que seja esse o tipo mais importante de construção de identidade em nossa sociedade. Ela dá origem a formas de resistência coletiva diante de uma opressão que, do contrário, não seria suportável, em geral com base em identidades que, aparentemente, foram definidas com clareza pela história, geografia ou biologia, facilitando assim a “essencialização” dos limites da resistência. (Castells, 2018, p.57)

Castells (2018) reforça a importância que a variedade de ações de comunidades locais tem se mostrado essencial para encontrar caminhos alternativos para contornar os desafios sociais enfrentados. Diante das lacunas deixadas por movimentos sociais de grande escala que sejam capazes de promover mudanças em todos os âmbitos da sociedade atual, essas comunidades atuam em conjunto a esses grandes movimentos sociais, estabelecendo soluções mais próximas e adaptadas às necessidades das pessoas. Dessa forma, “essas comunidades locais organizadas têm desempenhado um papel fundamental na sobrevivência diária de uma parcela significativa da população urbana mundial” (Castells, 2018, p.112).

No contexto de busca por melhorias por parte da comunidade, uma importante conquista da AQAS, foi a realização da Feira do Quilombo Alto Santana, um projeto que teve um impacto significativo nos âmbitos da cultura, arte e economia da comunidade. Conforme ressaltado pela presidente da AQAS na época, a feira sempre foi um desejo da comunidade, entretanto devido à falta de recursos e de um espaço para comercialização dos produtos, veio a ser realizada somente após a certificação pela Fundação Cultural Palmares, com a mobilização da comunidade através dos recursos necessários para a execução do projeto (Batista, 2021; Rodrigues et al., 2021). Segundo a presidente da AQAS, conforme citado por Batista (2021), em 2018 a comunidade escreveu e submeteu a iniciativa para o Fundo de Arte e Cultura de Goiás, com a ajuda da Associação Nacional de Pesquisadores em Artes Plásticas - ANPAP:

Nós sonhávamos com a feira, mas não conseguíamos escrever projeto. Não passávamos em projeto, aí a presidente da ANPAP ajudou a gente a escrever esse projeto, ela sabia todos os caminhos pra conseguir ganhar. A gente sentou com ela lá na livraria em Goiânia “Palavrear” ela foi pondo tudo no papel e a gente só foi mandando documentações pra ela. A gente foi falando ela transcrevendo, só que com as palavras que o projeto pede, não com as nossas palavras, só os nossos significados ela foi transferindo. E isso fez com que nos fosse aprovado pra comprar as barracas, porque muitos não montavam a feira porque num tinha barraca. (Informação verbal, 2021, apud Batista, 2021, p.60)



Figura 07: Feira do Quilombo Alto Santana - 4ª edição. Fotografia: Renato Prado, 2021. (Rodrigues et al., 2021)

Segundo Rodrigues et al. (2021, p.343), “a produção das pessoas pretas de nosso município [Goiás-GO] ainda é invisível para muitas pessoas”, e um dos meios encontrados como forma de contornar isso e contribuir para a renda da comunidade local, foi a organização da feira, sendo realizadas 5 edições nesse primeiro momento que ocorreram entre o final de 2021 e início de 2022 na Praça do Elivel. As feiras foram executadas por meio de recursos do Fundo de Arte e Cultura de Goiás, projeto resultante dessa busca da comunidade por estratégias de geração de renda e capacitação. Apesar da inscrição ter sido feita em 2018, o projeto precisou ser adiado para novembro de 2021 devido à pandemia da COVID-19. (Rodrigues et al., 2021). Um ponto de destaque ressaltado por Batista (2021), é a presença expressiva de mulheres ocupando diversas atividades e espaços da feira, tanto nas barracas de vendas, quanto na dinâmica geral do evento, tornando a feira mais do que um espaço para comercialização de produtos artesanais e pratos da culinária negra, mas também um local de manifestações culturais, expressões artísticas e momentos de lazer. Um aspecto significativo da feira é a venda de artesanatos feitos pelas mulheres da comunidade, que produzem uma ampla variedade de itens, como “panelas de barro, bonecas de pano, vassouras de palha, tapetes de crochê, cestas de palha, panos de prato bordados e tiaras de cabelo” (Batista, 2021, p.61), produtos que carregam consigo uma herança cultural e reforçam a identidade da comunidade.

A feira, além de ter um impacto direto na geração de renda da comunidade local, abrange uma ampla variedade de atividades que envolve artesanato, venda alimentos típicos, remédios caseiros tradicionais e uma diversidade de manifestações culturais, dentre as quais se destacam as tranças-afro, rodas de capoeira, ensaios de escola de samba, entre outras. Por meio dessas manifestações, o quilombo Alto Santana mantém viva sua cultura, suas crenças e seus conhecimentos tradicionais (Rodrigues et al., 2021).



Entretanto, é importante destacar que, segundo uma moradora da comunidade⁷, após as 5 edições realizadas, a feira infelizmente não continuou acontecendo devido à falta de recursos e de um espaço onde pudessem continuar desenvolvendo as atividades coletivamente, ela ressalta a importância desse projeto ser transformado em uma política pública para que continuem realizando a feira e isso se torne uma tradição na comunidade.

A feira representa um espaço significativo no qual a comunidade pode compartilhar suas histórias, conhecimentos e identidade, desempenhando um papel fundamental na valorização e preservação das tradições quilombolas. Adicionalmente, foi destacada pela vice-presidente da AQAS, a importância de reinstaurar a feira no próprio quilombo, em contrapartida à sua realização na praça, como forma estratégica de atrair visitantes locais e incentivar o interesse das pessoas em conhecer a comunidade.

Figura 08: Feira do Quilombo Alto Santana – 4ª edição. Ensaio Aberto do Bloco Cultural Comuna que Pariu. Fotografia: Renato Naves Prado, 2021. (Rodrigues et al., 2021)
7. Conversas com a comunidade, dia 20 de maio de 2023.



Figura 09: Feira do Quilombo Alto Santana - 3ª edição. Roda de Capoeira com Meninos de Angola. Fotografia: Renato Prado, 2021. (Rodrigues et al., 2021)



02

Arquitetura e Pertencimento

Cap 2 - Arquitetura e Pertencimento

O presente capítulo foi dividido em duas partes que tem como objetivo se complementarem para servir de referência para a proposta projetual. Inicialmente, foi feito um estudo das características arquitetônicas encontradas em alguns centros comunitários quilombolas, com intuito de compreender melhor o contexto que esses espaços estão inseridos. Nesse sentido, buscou-se identificar quais atividades são desenvolvidas, o programa de necessidades adotado, a materialidade, as principais técnicas construtivas e outras características específicas. No entanto, uma das principais dificuldades encontradas foi a escassez de exemplos e de materiais disponíveis sobre esses espaços.

Na segunda parte do capítulo, é explorado alguns estudos de referência para auxiliar nas escolhas projetuais. Entre eles, um estudo de caso aborda um centro comunitário específico para comunidades quilombolas e caiçaras, enquanto os outros dois são voltados para outras comunidades localizadas na América do Sul. A escolha dos estudos de caso foi baseada em seus programas de necessidades, a materialidade que apresentam, a relação da arquitetura com elementos da cultura local, a flexibilidade e a configuração dos espaços de uso coletivo, elementos que permitirá identificar soluções que se alinhem aos objetivos do projeto a ser desenvolvido.

2.1 Exemplos de Centros Comunitários Quilombolas

Os exemplos aqui analisados, onde foi possível observar alguns elementos em comum, são: o Centro Quilombola do Barroso - Daniel Docílio (1); o Centro Comunitário Flávio Firmino dos Santos, situado no Quilombo da Caçandoca (2); o Espaço Comunitário do Quilombo Jatimane (3); e o Centro Comunitário Quilombo Galvão (4).

Os aspectos mais relevantes encontrados foi em relação ao envolvimento e participação ativa da comunidade no processo de projeto e construção desses espaços e, em alguns casos, a valorização da cultura e história local, que se destacou nos elementos arquitetônicos e no uso de materiais que ressaltam a identidade coletiva dessas comunidades. Embora esses equipamentos apresentem essas características, alguns exemplos são concebidos como espaços multiusos onde é perceptível que há oportunidades para serem aprimorados de forma a torná-los mais adequados às necessidades locais.



Figura 10: Localização dos Exemplos de Centros Comunitários Quilombolas. Fonte: Elaborado pela autora.

Centro Quilombola do Barroso

O Quilombo do Barroso, certificado pela FCP em 2008, se localiza na zona rural, a aproximadamente 30 km de Camamu, cidade da Bahia. A comunidade é composta por 35 famílias, onde a economia é principalmente baseada na agricultura familiar (Nanbiwí, 2022).

O Centro Quilombola do Barroso, surgiu com intuito do resgate e da valorização das raízes históricas e culturais da comunidade, resultando na proposta de estabelecer um acervo histórico no local de uma antiga casa de um ancestral do quilombo, construída utilizando-se da técnica de pau a pique. Assim, feito pela própria comunidade, o centro abriga um museu que possui um acervo de mais de 300 peças cedidas pelos moradores, que resguardam “a história local através de objetos, fotografias, vestuários e moedas de pessoas que pertenceram ao lugar no passado e no presente” (Barbosa; Moy; Silva, 2016, p.215). Devido a um dos princípios fundamentais da comunidade, a busca pela educação acessível a todos, junto ao museu também foi feita uma pequena biblioteca para auxiliar nos estudos dos moradores (Nanbiwí, 2022).

Anexado ao centro quilombola, foi construído coletivamente “por profissionais da região e finalizado pelas mãos da comunidade” um espaço comunitário, inaugurado no final de 2021, sendo uma área aberta com cobertura para realização de eventos culturais, reuniões, oficinas, festas, encontros, almoços coletivos e outras atividades que envolvem a comunidade (Nanbiwí, 2022).

Além desse espaço, o Quilombo do Barroso também possui uma cozinha comunitária, que foi inaugurada no final de 2021, que surgiu em resposta a demanda de uma equipe de mulheres que tinham como objetivo tanto independência financeira quanto a busca por “estar em espaços seguros com outras mulheres” (Nanbiwí, 2022). A comunidade demonstra que essa iniciativa, evidencia uma busca pelo resgate e fortalecimento da cultura local, além de ter um impacto positivo no aspecto financeiro e na rotina das famílias envolvidas.



Figura 11: Centro Quilombola do Barroso. Fonte: Luciana Faustine, 2021.
Figura 12: Espaço comunitário anexado. Fonte: Comunidade do Barroso, disponível em: Observatório Quilombola e Territórios negros.
Figura 13: Biblioteca Antônio Correia. Fonte: Nanbiwí, 2022.



*“São nossos valores sendo passados de maneira feliz e aquilombada.”
(Quilombo do Barroso, 2022)*

Figura 14: Participação da comunidade na construção do anexo. Fonte: Nanbiwí, 2022.

Centro Comunitário Flávio Firmino dos Santos

A comunidade quilombola da Caçandoca se encontra localizada no litoral do estado de São Paulo, na praia da Caçandoca, município de Ubatuba. Atualmente, a comunidade é formada por aproximadamente 50 famílias, e enfrenta uma especificidade em seu território, onde parte da população quilombola foi expulsa devido ao processo de avanço especulação imobiliária que a região enfrentou na década de 70, o que levou a perda de parte significativa de suas terras (QUILOMBUSBR, 2022a).

O Centro Comunitário do Quilombo da Caçandoca, se encontra localizado na estrada que dá acesso à praia e se configura como um espaço multiuso fechado onde acontecem os eventos, oficinas, produções artesanais, reuniões e eleições da comunidade. O centro apresenta uma arquitetura típica dos exemplos citados, construído com uso de bambu a pique. Além disso, foi acrescentado um anexo para um banheiro, que foi construído posteriormente com características arquitetônicas que destoam da edificação principal (QUILOMBUSBR, 2022b).



Espaço Comunitário Quilombo Jatimane

O Quilombo Jatimane, certificado pela FCP em 2005, se encontra localizado em Nilo Peçanha, Bahia. Apesar da falta de informações ou fotos detalhadas para uma melhor compreensão do espaço comunitário e as atividades realizadas no local, o equipamento mostra algumas semelhanças com os exemplos citados anteriormente, devido a sua construção que utiliza da técnica de bambu a pique, o que lhe confere uma expressiva materialidade.



Centro Comunitário Quilombo Galvão

Localizada nos municípios de Eldorado e Iporanga, estado de São Paulo, a comunidade do Quilombo de Galvão é composta por aproximadamente 140 pessoas (INCRA, 2021). Também não foi possível encontrar dados mais específicos do centro comunitário, ao que parece se trata de um galpão com um amplo espaço multiuso para atividades e armazenamento, fruto de um projeto realizado pela Secretaria de Agricultura e Abastecimento do estado de São Paulo, que promoveu algumas ações para comunidades tradicionais formadas por indígenas e quilombolas (Lage, 2019).



Figura 15: Centro Comunitário Flávio Firmino dos Santos - Fachada. Fonte: QUILOMBUSBR, 2022a)

Figura 16: Centro Comunitário Flávio Firmino dos Santos - Anexo. Fonte: QUILOMBUSBR, 2022a)

Figura 17: Espaço Comunitário Quilombo Jarimane. Fonte: ENCONTRO, 2021.

Figura 18: Centro Comunitário Quilombo Galvão. Fonte: Lage, 2019.

Estudo comparativo

De modo geral, os equipamentos comunitários quilombolas aqui apresentados, são concebidos como amplos espaços multiuso, com exceção do Centro Quilombola do Barroso, que também possui um museu e uma biblioteca em seu programa de necessidades. Já em relação a materialidade e o modo de construção, nota-se o uso recorrente de técnicas vernaculares, como pau a pique e bambu a pique, exceto o Centro Comunitário Quilombo Galvão que foi uma obra do governo do estado de São Paulo. Apesar da simplicidade, a construção desses espaços, quando inclui a participação da própria comunidade, como o caso do Centro do Quilombola do Barroso, contribui

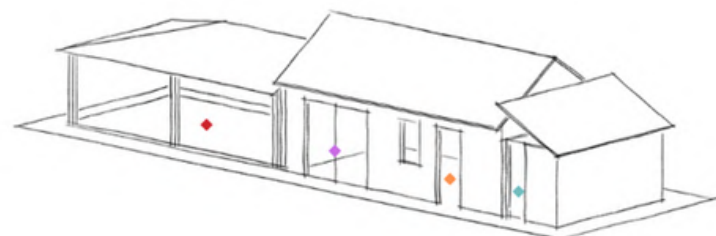
significativamente para a troca de experiência entre os moradores, estabelecendo um vínculo de pertencimento com o local.

Ao ouvir a líder contar a história da comunidade, a começar pela casa de taipa de valores, “uma construção antiga e a gente quer manter sempre as originalidade”, permeada de ancestralidade e legados é possível perceber através das falas e gestos o sentimento de identidade e pertencimento. (Barbosa; Moy; Silva, 2016, p.216)

Conforme pontuado por Hertzberger (1999), a liberdade em que os usuários têm para contribuir no projeto, possibilita criar um vínculo e um maior envolvimento com o local, reforçando o senso de pertencimento e identificação com o espaço. De modo geral, é essencial que projetos de

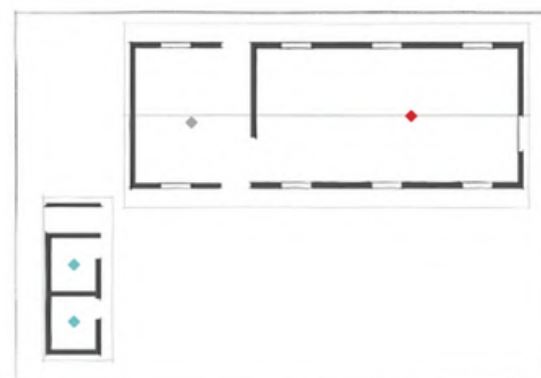
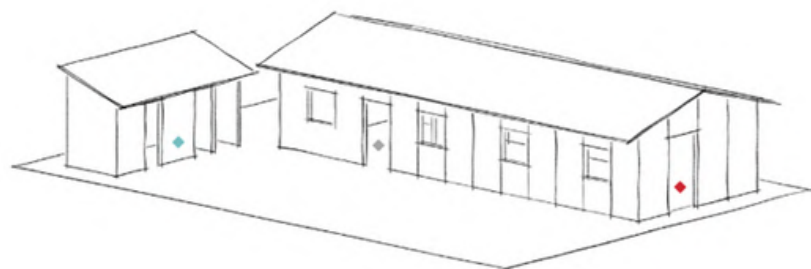
equipamentos comunitários utilizem de uma abordagem arquitetônica cuidadosa, valorizando a arquitetura como uma ferramenta a potencializar o uso desses espaços, de forma que tenha um impacto positivo na comunidade, criando espaços que promovam convivência, cultura e aprendizado, enriquecendo a experiência dos moradores. Quando a arquitetura é devidamente considerada no planejamento de centros comunitários, surgem possibilidades para maximizar a potencialidade desses espaços tornando-os mais atrativos para a comunidade, promovendo uma integração com o entorno e criando ambientes mais acolhedores, além de favorecer a realização de diferentes atividades de forma mais eficiente.

Centro Quilombola do Barroso



- ◆ Banheiro
- ◆ Biblioteca
- ◆ Espaço comunitário
- ◆ Museu

Centro Comunitário Flávio Firmino dos Santos



- ◆ Banheiro
- ◆ Espaço comunitário
- ◆ Uso não identificado

Figura 19: Centro Quilombola do Barroso - Croqui. Fonte: Elaborado pela autora.

Figura 20: Centro Comunitário Flávio Firmino dos Santos - Croqui. Fonte: Elaborado pela autora.

2.2 Estudo de caso 01: Centro Étnico Educacional Walirumana

Ficha técnica:

Arquitetos: Salba

Área: 290 m²

Ano: 2020

Localização: Uribia, Colômbia

Fotografias: Juan Salamanca Balen

Materialidade:

Bambu

(estrutura e esquadrias)

Blocos de terra compactada

(paredes)

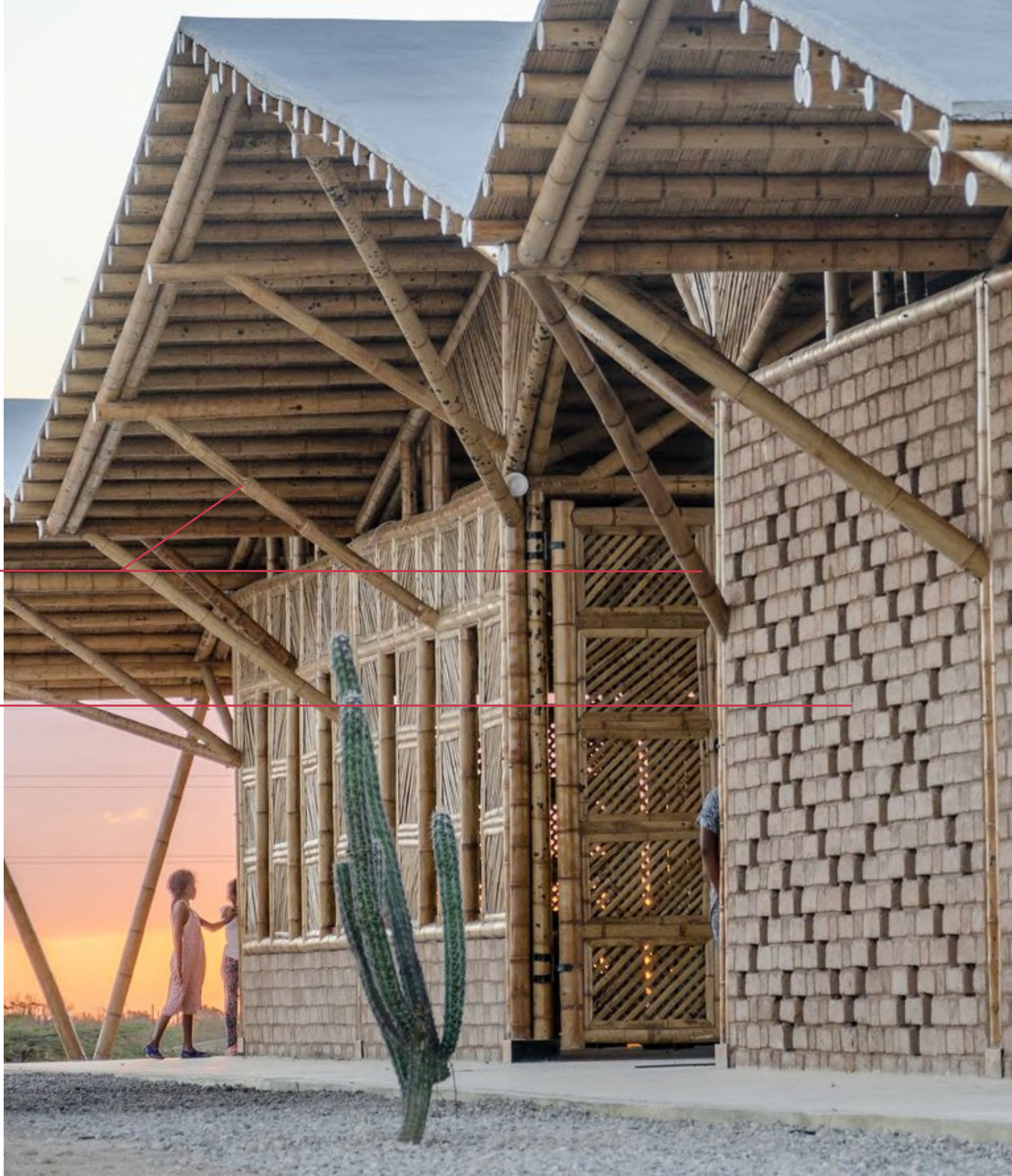


Figura 21: Centro Étnico Educacional Walirumana. – Fachada. Fonte: Juan Balen.

O Centro Educacional Walirumana, foi projetado em busca de promover o desenvolvimento da cultura indígena de comunidades Wayuu e contribuir para amenizar dificuldades encontradas em relação a renda, falta de infraestrutura, serviços básicos e outros fatores que atingem essas comunidades. Para atender às suas necessidades, o equipamento foi projetado com espaços flexíveis, para que pudesse se adaptar a diferentes usos conforme o público. Essa flexibilidade foi feita por meio de portas giratórias nas extremidades e no meio que permitem transformar o espaço interior conforme a demanda (ArchDaily, 2022).

A construção do centro foi concebida de forma a refletir a cultura local, resgatando elementos da memória coletiva Wayuu por meio de sua materialidade, que utilizando-se de blocos de terra compactada permite tramados nas paredes para ventilação natural e desenhos típicos da cultura local. Além disso, a forma do telhado faz referência a paisagem de montanhas da região, enquanto as paredes do salão principal são feitas de bambu, recriando o padrão das construções locais (ArchDaily, 2022).

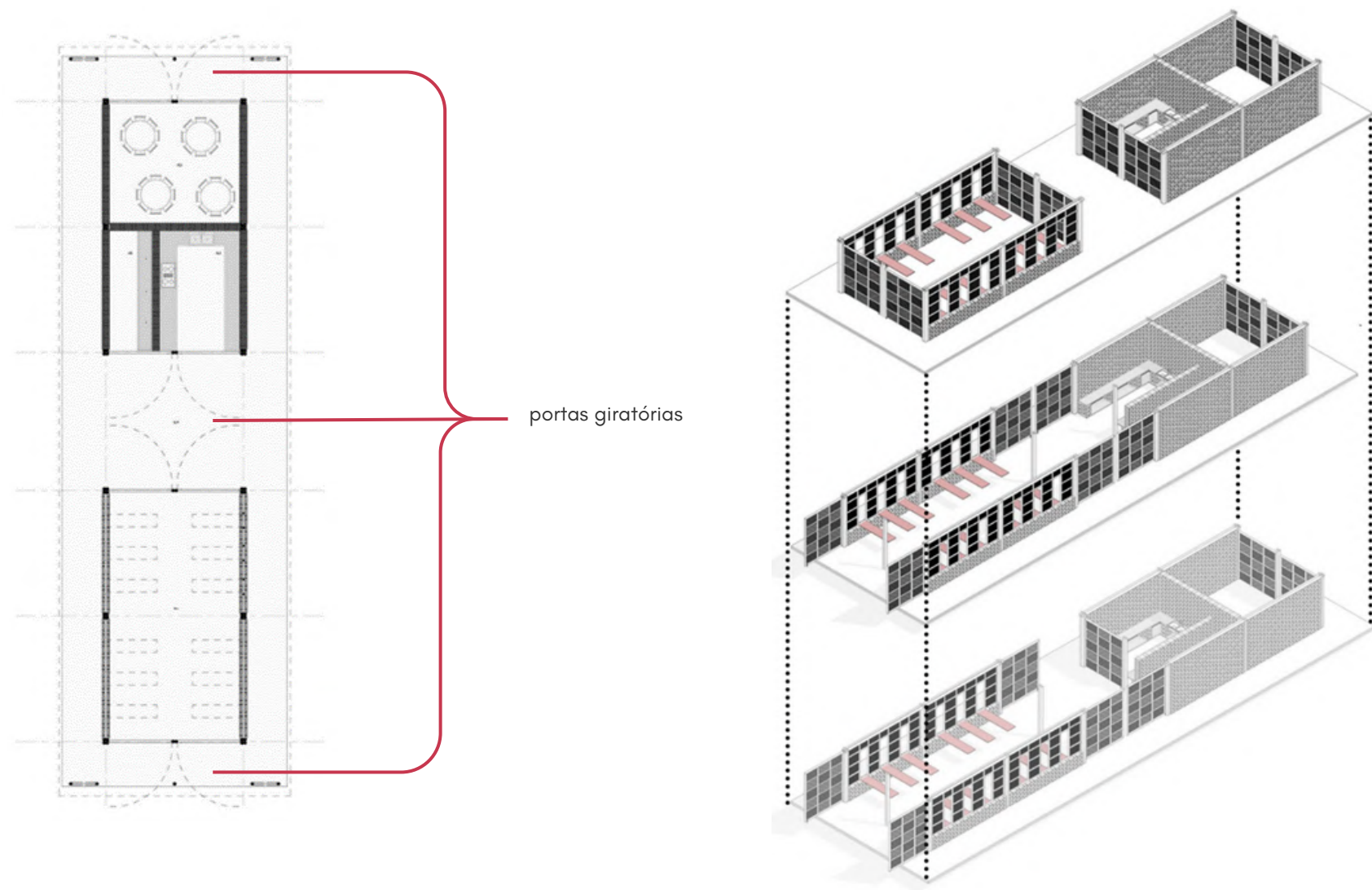


Figura 22: Centro Étnico Educacional Walirumana - Planta baixa..
Fonte: ArchDaily Brasil.

Figura 23: Centro Étnico Educacional Walirumana - Diagrama. Fonte:
ArchDaily Brasil.

Figura 24: Centro Étnico Educacional Walirumana. - Volumetria. Fonte:
Juan Balen.



2.3 Estudo de caso 02: Centro Comunitário Camburi

Ficha técnica:

Arquitetos: CRU! Architects

Área: 175 m²

Ano: 2018

Localização: Ubatuba - São Paulo, Brasil

Fotografias: Nelson Kon

Materialidade:

Taipa

(Estrutura e paredes)

Bambu

(estrutura, esquadrias e paredes)

Adobe

(Estrutura e paredes)



Figura 25: Centro Comunitário Camburi. Fonte: Nelson Kon.

O projeto se encontra localizado na praia de Camburi e foi designado às comunidades quilombolas e caiçaras que residem nas reservas florestais de Ubatuba (SP). A construção do centro comunitário começou em 2004, e com o tempo passou por ajustes de ampliação para atender novas demandas da população (Farias, 2023).

O CRU! ofereceu assistência técnica e financeira para as obras. Porém, foram os moradores que decidiram todo o conteúdo e programa, mesmo com algumas construções sendo realizadas em diferentes épocas”, ressalta o arquiteto Sven Mouton. (Farias, 2023)

A associação local apontou três requisitos principais para o projeto: um espaço comunitário para reuniões, atividades escolares e outros eventos; tornar o equipamento um ponto de referência e destaque para comunidade local; integração com a paisagem circundante e com a escola que se encontra no mesmo terreno. O programa do centro comunitário foi adaptado à medida que foram sendo feitas as ampliações. Inicialmente contava apenas com um espaço para reuniões e com o tempo foram acrescentados uma escola de surf e música, sala de informática, biblioteca, pátio para a pré-escola, entre outros (Farias, 2023).



- Legenda:
- Área externa coberta
 - Armazenamento
 - Banheiros
 - Escritório da associação
 - Espaço comunitário
 - Loja
 - Padaria e cozinha comunitária
 - Pátio

- Não identificados em planta*
- Biblioteca
 - Escola de surf e música
 - Sala de informática

Figura 26: Centro Comunitário Camburi - Planta baixa. Fonte: ArchDaily Brasil - com adaptações da autora.
 Figura 27: Centro Comunitário Camburi - Fachada. Fonte: Nelson Kon.



Outros elementos que se destacam na concepção desse projeto são em relação a sustentabilidade ambiental, que foi um dos princípios norteadores, dado o contexto local de reservas florestais que permeiam a região litorânea onde o projeto se encontra inserido, e também em relação a modulação da planta baixa e de toda a estrutura do edifício, que é composta por aproximadamente “500 toras de bambu, taipa e adobe” (Farias, 2023).

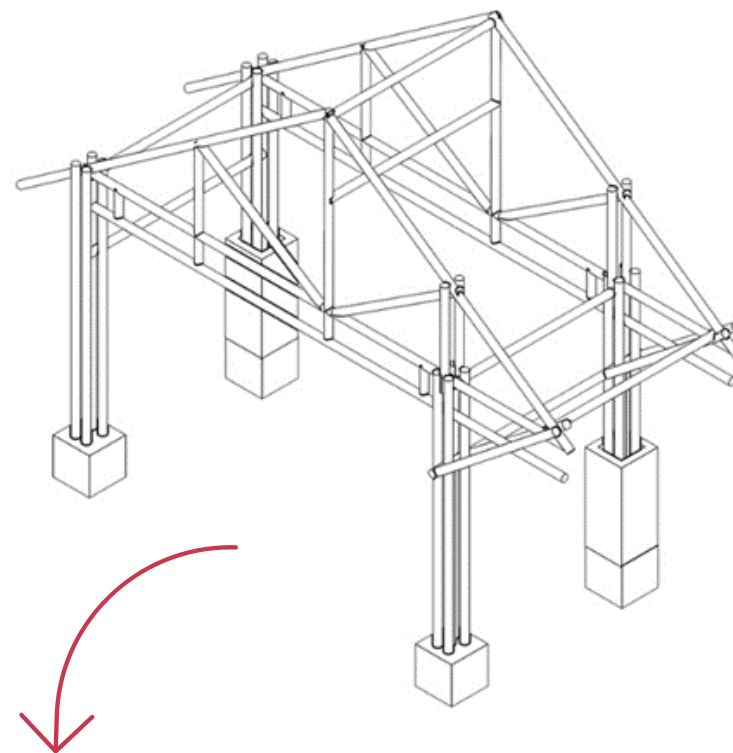


Figura 28: Centro Comunitário Camburi – Módulo estrutural. Fonte: ArchDaily Brasil.

Figura 29: Centro Comunitário Camburi – Área coberta. Fonte: Nelson Kon.



2.4 Estudo de caso 03: Centro Produtivo Comunitário Las Tejedoras

Ficha técnica:

Arquitetos: Juan Bamba, Natura Futura Arquitectura

Área: 665 m²

Ano: 2023

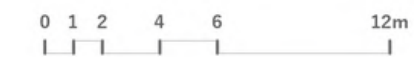
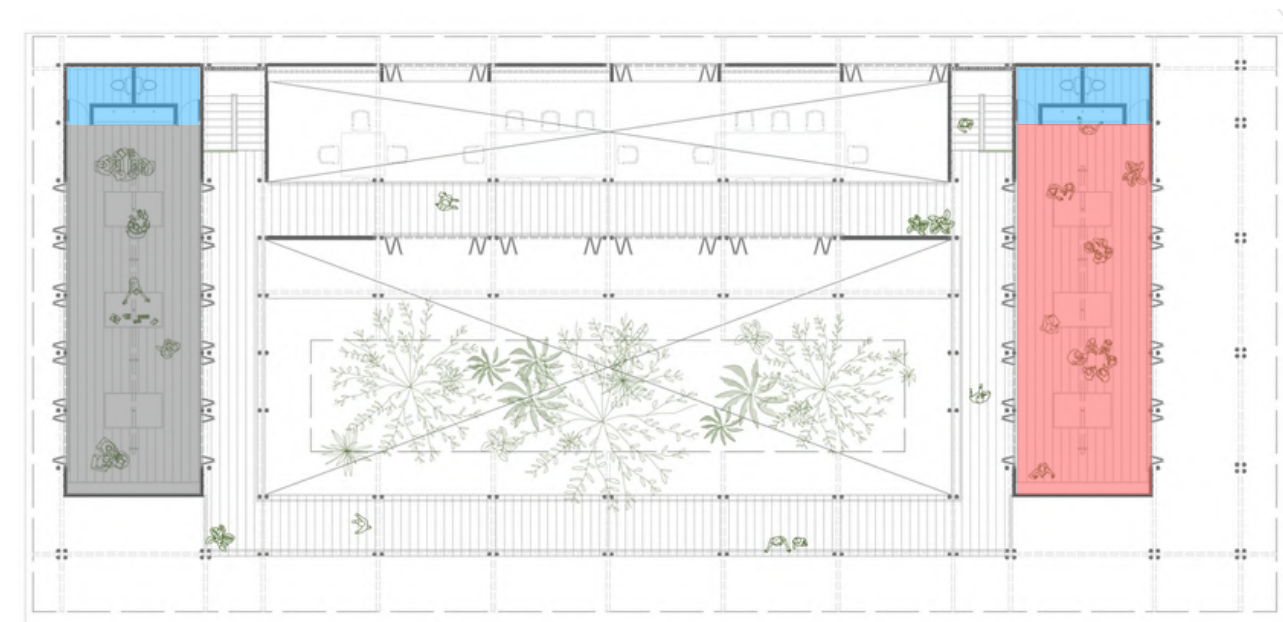
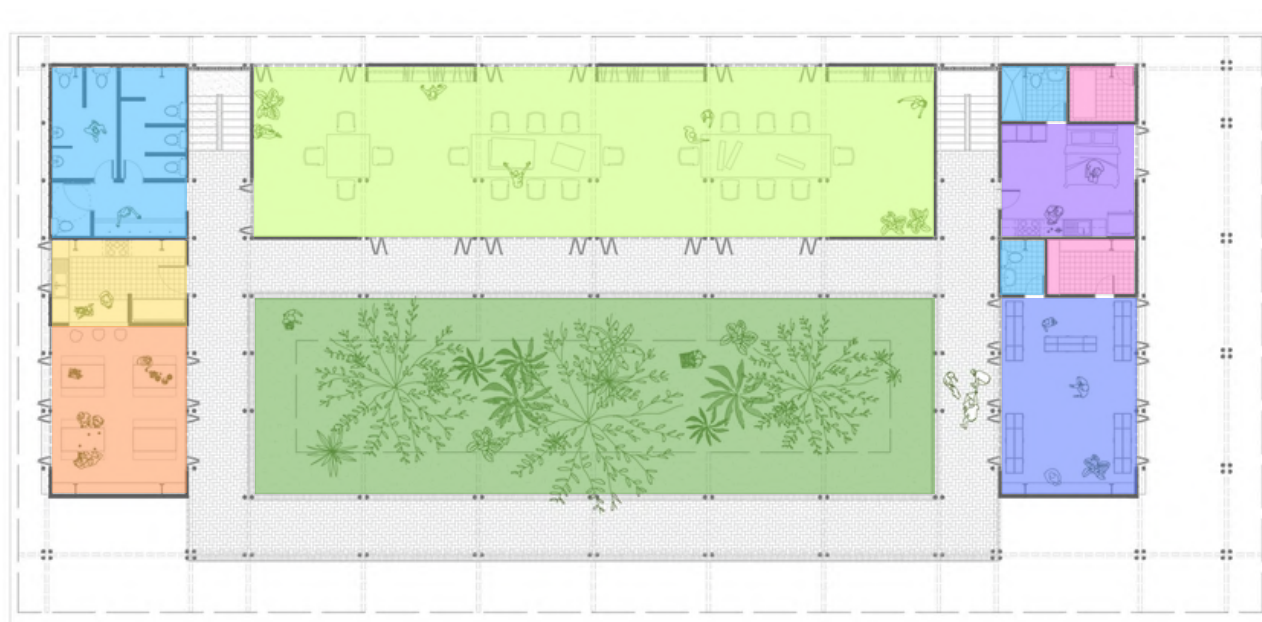
Localização: Chongón, Equador

Fotografias: JAG Studio

O Centro "Las Tejedoras" se encontra localizado na periferia de Chongón e tem como objetivo fortalecer a cultura local, apoiando mulheres tecelãs que desejam se inserir no mercado. O projeto foi desenvolvido com a colaboração ativa da comunidade por meio de oficinas. Trata-se de um centro produtivo destinado a troca de experiências, conhecimento, integração, promovendo a produção e venda de artesanato. O edifício foi projetado com dois pátios centrais, para encontros e produções artesanais, e duas alas, sendo uma destinada a salas de treinamento teórico, refeitório e banheiros, enquanto a outra contém oficinas de aprendizagem prática, dormitório, depósito e loja (ArchDaily, 2023).



Figura 30: Centro Produtivo Comunitário Las Tejedoras - Pátio externo.
Fonte: JAG Estudio.



- Legenda:
- Banheiros
 - Cozinha
 - Depósitos
 - Dormitório
 - Loja
 - Pátio para produções artesanais
 - Pátio com vegetação nativa
 - Refeitório
 - Sala de aprendizagem prática
 - Sala de treinamento teórico

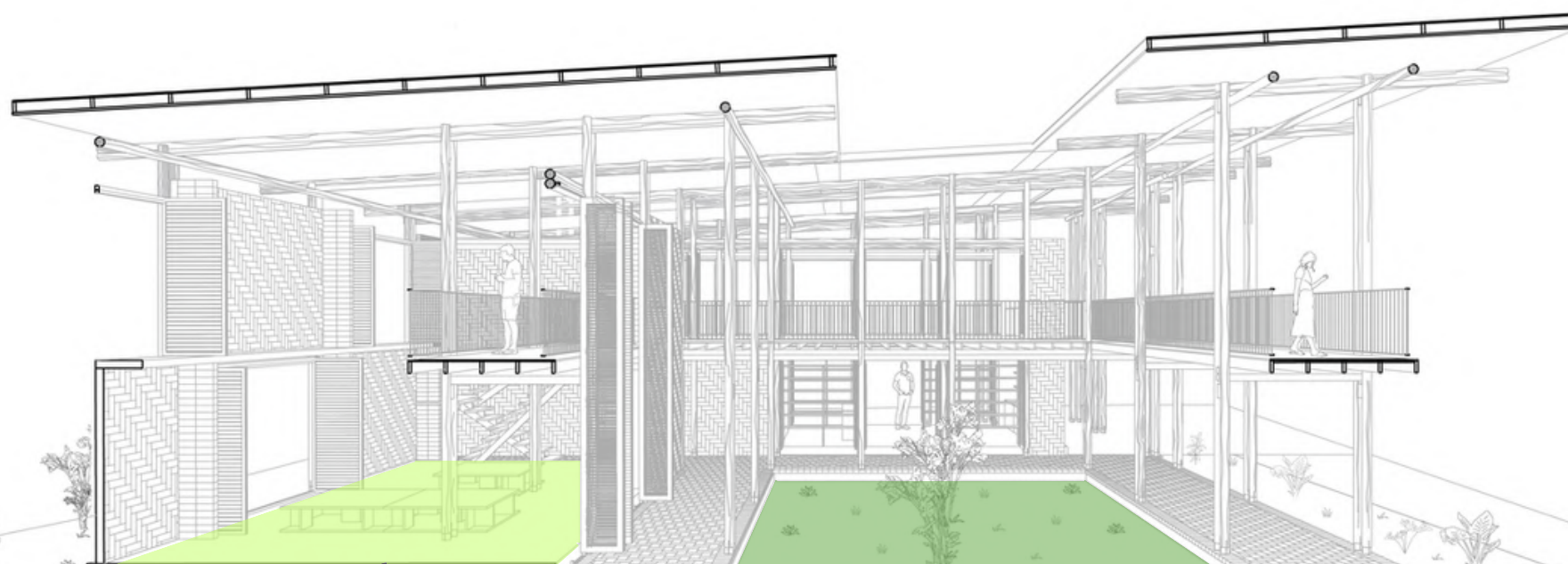


Figura 31: Centro Produtivo Comunitário Las Tejedoras - Térreo. Fonte: ArchDaily Brasil - com adaptações da autora.
 Figura 32: Centro Produtivo Comunitário Las Tejedoras - Primeiro pavimento. Fonte: ArchDaily Brasil - com adaptações da autora.
 Figura 33: Centro Produtivo Comunitário Las Tejedoras - Corte. Fonte: ArchDaily Brasil - com adaptações da autora.

Relação público x privado:

A importância da visibilidade nos espaços de uso coletivo

Um elemento de destaque desse projeto é a ligação entre os espaços internos e externos, as portas camarão em madeira, utilizadas tanto na fachada principal, quanto nas demais salas do térreo e do primeiro pavimento, além de controlar ventilação e iluminação natural permitem a conexão com o pátio arborizado e com a rua. Essa configuração do edifício está alinhada à ideia reforçada por Hertzberger (1999), que destaca a importância de planejar ambientes com uma certa visibilidade, com o objetivo de deixar evidente a intenção de ser um espaço de uso coletivo. O projeto em questão explora bem esse conceito, no sentido que em alguns ambientes foram projetados para ser mais visíveis e acessíveis, como os ambientes voltados para o pátio central, enquanto outros, como a parte posterior do edifício e o dormitório, apresentam menos essa visibilidade, garantindo maior privacidade e segurança para os usuários. Essa abordagem permite que o público entenda intuitivamente a organização dos acessos no edifício, atendendo às necessidades específicas dos usuários e contribuindo para uma melhor compreensão e percepção dos ambientes, de modo a reforçar sua natureza de espaço coletivo e contribuir para maximizar a sua funcionalidade.



Figura 34: Centro Produtivo Comunitário Las Tejedoras - Pátio interno.
Fonte: JAG Estudio.



Estudo de Viabilidade

Cap 3 - Estudo de Viabilidade

O seguinte capítulo visa detalhar o estudo de viabilidade essencial à concepção do projeto em questão. Nesse contexto, foram realizados o levantamento métrico e fotográfico da edificação da lavanderia, acompanhados pelo levantamento topográfico do terreno. Adicionalmente foram feitos estudos dos condicionantes físicos e climáticos do local, visando uma compreensão abrangente e considerando esses fatores como elementos influentes para o projeto, proporcionando uma base para a tomada de decisões durante a elaboração do projeto, promovendo, assim, uma abordagem alinhada com o contexto local.

Figura 35: Lavanderia. Fonte: Acervo da autora, 2023.



3.1 Localização

A proposta projetual em desenvolvimento para o centro comunitário busca repensar o atual espaço da lavanderia comunitária. A escolha desta localização na rua Alto Santana, uma via principal no quilombo, em um lote de esquina em frente a uma pequena praça, foi determinada a partir das demandas expressas pela própria comunidade. A lavanderia, historicamente marcada como um espaço importante na trajetória do quilombo, é reconhecida como um local onde relações foram estabelecidas e fortalecidas. Pretende-se transformar esse espaço, de modo a atender algumas demandas atuais da comunidade, criando um espaço de qualidade para atividades e convívio dos moradores, ao mesmo tempo em que se propõe a ser a sede permanente da AQAS. Dessa forma, busca-se fortalecer o senso de pertencimento com o local, contribuindo também para a identidade coletiva e os laços comunitários no quilombo.

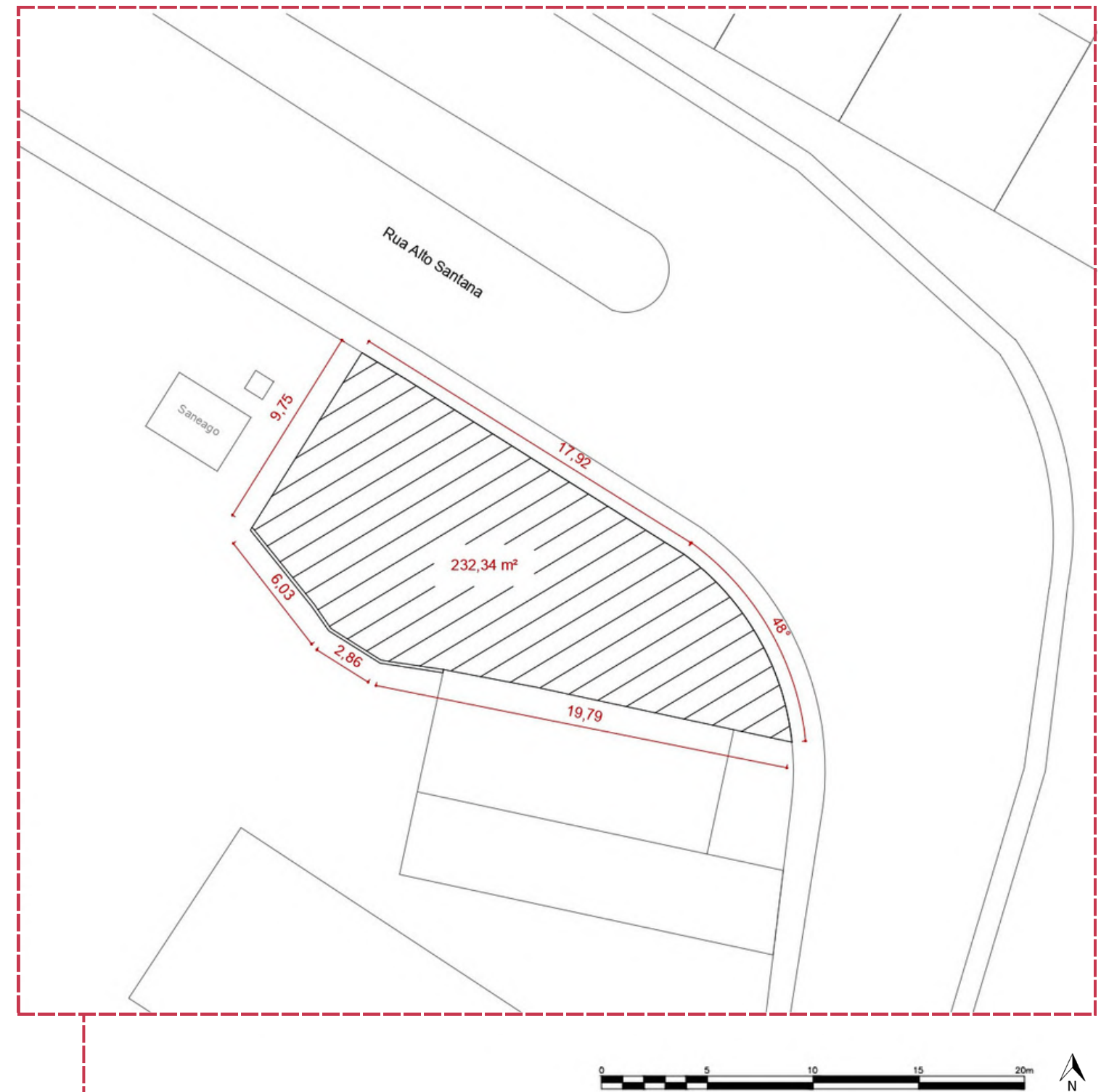
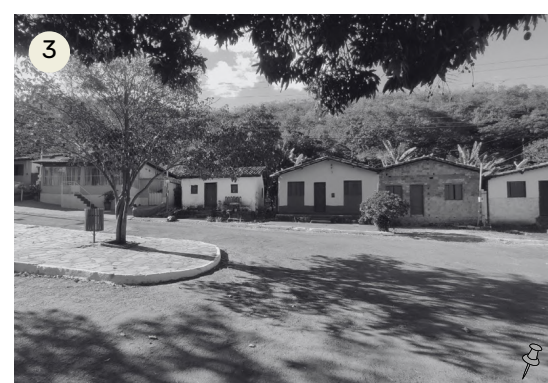


Figura 36: Planta de localização do Quilombo Alto Santana.
Figura 37: Terreno da lavanderia.



O lugar:

- 1: Acesso lavanderia
- 2: Vista do terreno
- 3: Vista para as casas em frente a lavanderia
- 4: Banheiro da lavanderia
- 5: Resíduos jogados na esquina da lavanderia
- 6: Vista da praça

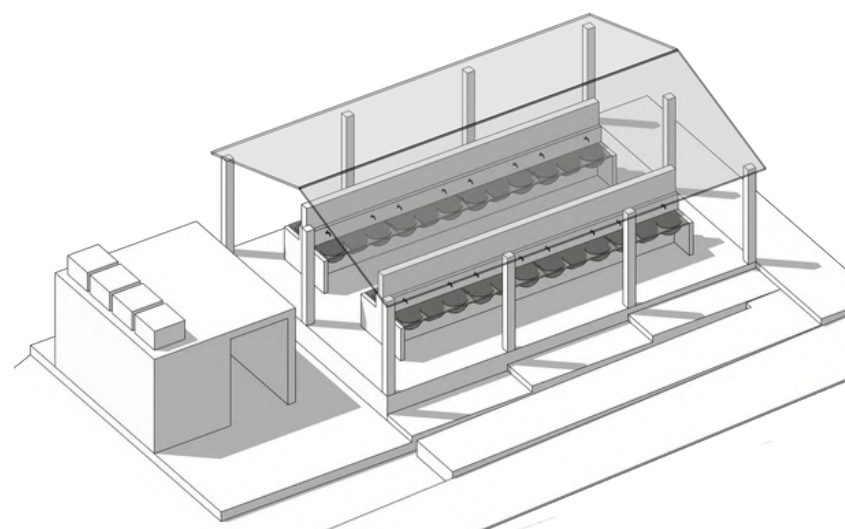
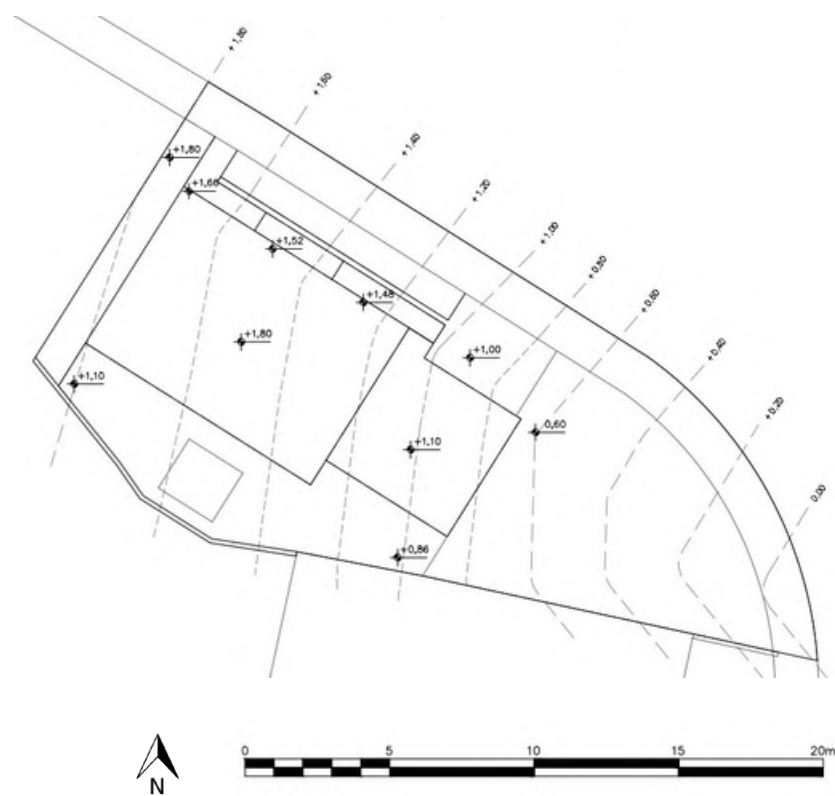
Pontos de referência:

- 7: Ateliê da Dona Xica
- 8: Casa da Sopa (Grupo espírita Chico Xavier)
- 9: Campinho de futebol

Figura 38: Vista satélite Quilombo Alto Santana. Fonte: Google Earth 2023 - com adaptações da autora.
 Figuras 39 a 47: Contextualizando o lugar. Fonte: Acervo da autora, 2023.

3.2 Levantamento métrico

Atualmente, o terreno exibe uma pequena elevação, apresentando um desnível de 1,80 metros. Na cota mais elevada do terreno, foi implementada a lavanderia comunitária, composta por 32 tanques dispostos em quatro fileiras. Adjacente a essa área, foi construído um platô que abriga o banheiro público.



3.3 Legislação

O Município de Goiás encontra-se em processo de elaboração do seu novo Plano Diretor, portanto está sendo considerado o Plano Diretor de Goiás vigente (Lei n. 206, de 29 de agosto de 1996), que define os seguintes parâmetros para edificações nas zonas compreendidas na área urbana e de expansão:

Índice de ocupação	50% (máx)
Índice de permeabilidade	30% (mín)
Gabarito	8m (máx)
Recuo frontal	5m (mín)
Recuo lateral	2m (mín)
Recuo de fundo	2m (mín)

O diagnóstico municipal para o novo Plano Diretor em 2023 aponta para uma realidade específica na região do Alto Santana, que ainda permanece situada fora do perímetro urbano legal da cidade de Goiás. Esta condição suscita reflexões críticas sobre suas implicações.

Primeiramente, ao estar fora do perímetro urbano, a região do Alto Santana encontra-se submetida a uma dinâmica urbanística distinta, sujeita a diferentes regulamentações. Essa peculiaridade impacta diretamente na forma como os lotes são divididos e os edifícios são implantados. É importante considerar que a ausência de uma infraestrutura urbana consolidada influencia diretamente na qualidade de vida dos residentes, bem como na acessibilidade a serviços públicos essenciais.

Além disso, nota-se que a atual construção da lavanderia não está em conformidade com os parâmetros estabelecidos pelo plano de 1996, portanto serão feitas algumas ponderações a respeito disso dada a pequena dimensão do terreno.

É crucial, portanto, reavaliar e adaptar os instrumentos urbanísticos a dinâmica específica do Alto Santana. A falta de conformidade com os parâmetros estabelecidos deve ser encarada como um reflexo de desafios estruturais que demandam soluções. Nesse contexto, é fundamental que o novo Plano Diretor adote uma abordagem proativa na revisão do planejamento urbano, considerando as particularidades de uma região fora do perímetro urbano.

Figura 48: Levantamento do terreno. Fonte: Elaborado pela autora.
 Figura 49: Vista isométrica lavanderia. Fonte: Elaborado pela autora.
 Tabela 01: Legislação incidente no município de Goiás (Lei n. 206, de 29 de agosto de 1996). Fonte: Goiás, 1996.

3.4 Condicionantes físicos e climáticos

Por estar localizado no Morro das Lajes, a região se caracteriza como uma área de encosta, marcada por uma topografia bastante acidentada, o que permite soluções e adaptações para que o projeto se integre à paisagem de forma harmônica. Além disso, por todo o bairro é perceptível a grande presença de vegetação, logo, será fundamental que o projeto se relacione com esse entorno natural, estabelecendo uma integração com a vegetação existente, o que permitirá uma conexão entre a arquitetura e a natureza ao seu redor. Aliado a isso, a presença de árvores de grande porte pode ser utilizada de modo a fornecer sombra e criar espaços agradáveis e acolhedores para os usuários do centro comunitário.

Além disso, o estudo das condições climáticas é essencial para o desenvolvimento do projeto arquitetônico, pois permite compreender melhor as características específicas do local para onde a edificação será proposta, a fim de buscar soluções adequadas para garantir um melhor aproveitamento de iluminação e ventilação natural, visando proporcionar conforto para os ocupantes. Portanto, foram feitas análises referentes às temperaturas e ventos predominantes, e um estudo de insolação.

Em geral, a região estudada é caracterizada por um clima predominantemente quente, com variações de temperatura entre uma máxima de 34 °C e mínima de 16 °C, sendo os meses de agosto a outubro a época mais quente, enquanto de novembro a fevereiro são mais frescos, e junho e julho corresponde a época mais fria. Ao analisar a temperatura média na cidade de Goiás ao longo do dia, observa-se que as temperaturas mais agradáveis são registradas durante a madrugada e a manhã, enquanto durante o restante do dia e noite predomina um clima mais quente (Spark, 2023).

Já em relação aos ventos predominantes, segundo dados do Spark (2023), pode-se afirmar que o vento mais frequente em Goiás vem do leste durante aproximadamente 8,3 meses do ano, e do norte durante cerca de 3,7 meses.

Figura 50: Temperatura média horária em Goiás. Fonte: Spark, 2023.

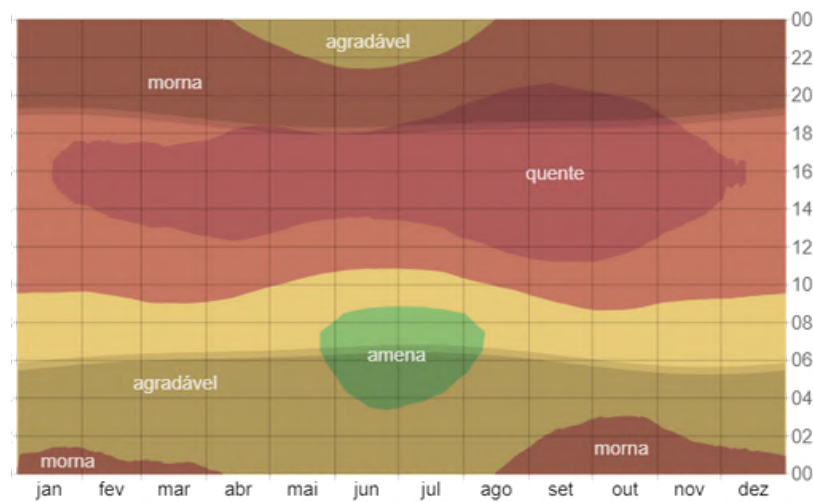


Figura 51: Direção do vento em em Goiás. Fonte: Spark, 2023.

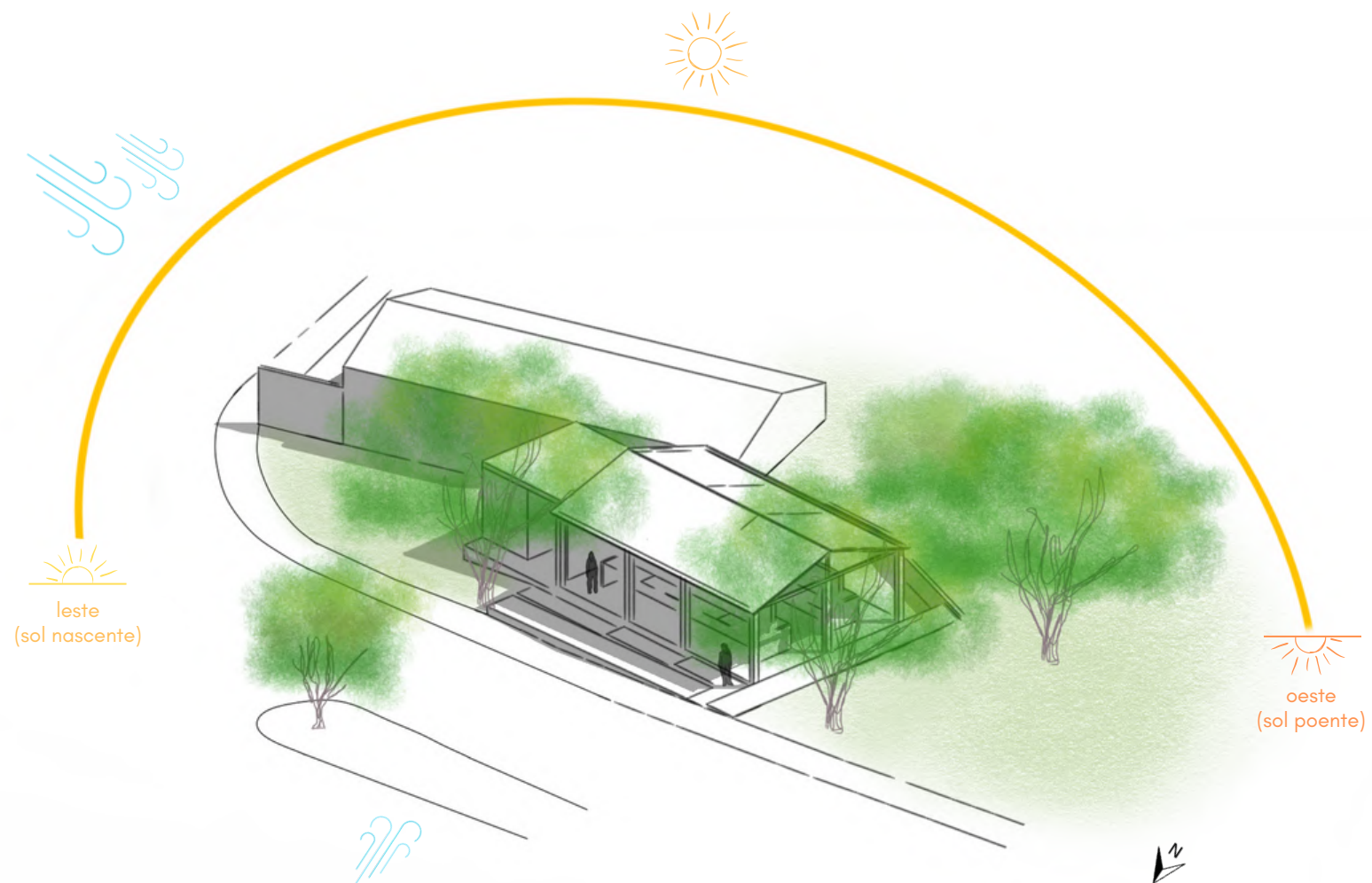
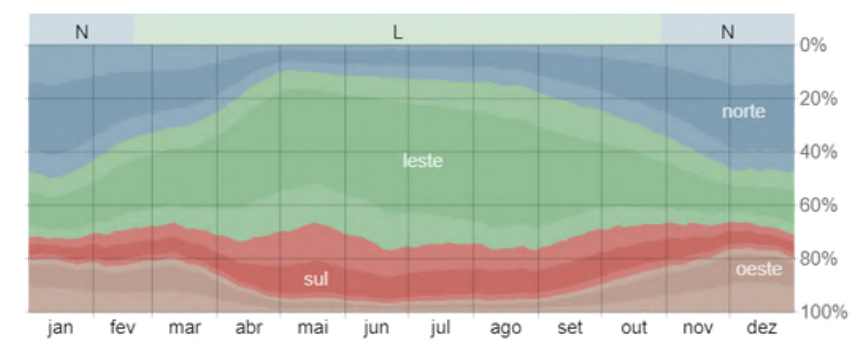



Figura 52: Diagrama ilustrado de insolação e ventilação. Fonte: Elaborado pela autora.



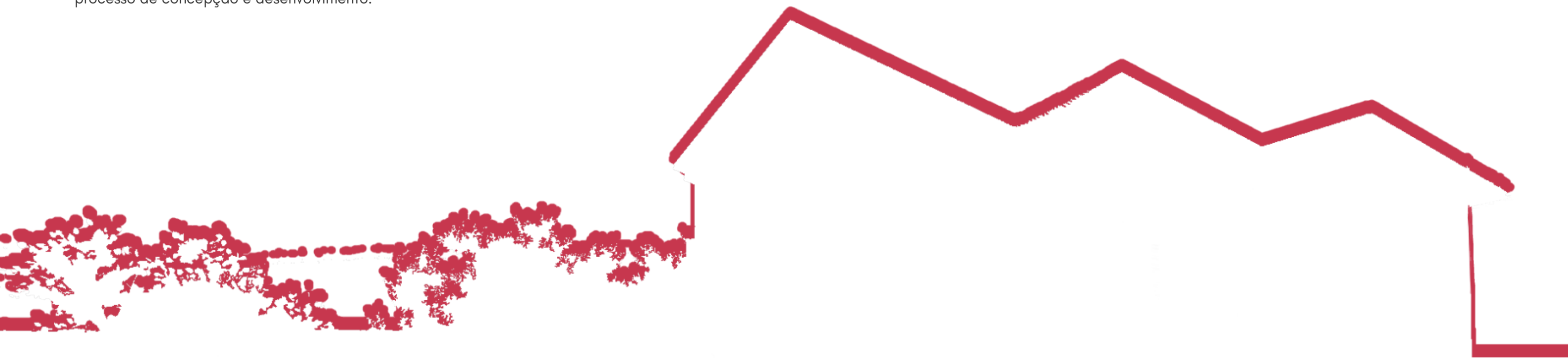
**Um Centro Comunitário
para o Quilombo**

Cap 4 - Um Centro Comunitário para o Quilombo

Este capítulo apresenta de maneira abrangente o projeto do Centro Comunitário, abordando desde a concepção inicial do programa de necessidades, que foi desenvolvido em colaboração com a comunidade, até os estudos de desenvolvimento do projeto arquitetônico que foram moldando as decisões projetuais. Destacam-se também os resultados da roda de conversas realizada na sede provisória da AQAS, onde a proposta foi apresentada e discutida com os membros da comunidade.

O capítulo abrange a evolução do projeto, desde a definição do conceito e partido arquitetônico, até a elaboração do projeto arquitetônico.

O equipamento é apresentado como um reflexo das necessidades e aspirações da comunidade, destacando a abordagem colaborativa e participativa que permeou o processo de concepção e desenvolvimento.





4.1 Nossa Casa Coletiva:

Construção do programa de necessidades

Para elaboração do programa de necessidades do projeto desenvolvido, foi essencial obter um entendimento a respeito das atividades já realizadas no quilombo e da relação da comunidade com o território, especialmente com o espaço da lavanderia, a fim de garantir que a proposta estivesse alinhada com as necessidades locais.

Nesse sentido, a aproximação com a comunidade por meio do projeto de extensão "Tem um Quilombo nas trilhas de Goiás", a participação em atividade promovida pelo evento de aniversário de 296 anos de Goiás - GO, onde foi realizada uma roda de conversa no Ateliê da Dona Xica entre a comunidade e a Equipe do Farol Antirracista de São Paulo, e demais idas ao quilombo realizadas para vivenciar o espaço, possibilitaram observações, análises e experiências significativas para uma melhor compreensão do lugar, permitindo também a contribuição direta de pessoas que vivenciam diariamente o espaço em questão. Por meio dessa interação, foi possível identificar os principais aspectos a serem considerados no projeto, garantindo que corresponda às reais demandas da comunidade, para assim desenvolver uma proposta adequada.

Segundo os moradores, a lavanderia atualmente ainda apresenta um uso frequente por algumas pessoas da comunidade, para pegar água, lavar roupas e utilizar o banheiro público. No entanto, foi ressaltado que apesar desse uso, o local se encontra em estado de abandono por parte dos órgãos públicos em relação a manutenção, a qual ocorre, quando necessária, por iniciativa dos moradores. Vale destacar que, atualmente, apenas alguns tanques são utilizados, mas que deve ser considerado manter parte desse uso, já que alguns moradores ainda recorrem ao local mediante as necessidades.

Desde os primeiros contatos com a comunidade foi ressaltado a necessidade de um espaço permanente para abrigar a sede da organização, onde possa ocorrer reuniões, oficinas, rodas de conversa, eventos e campanhas realizadas pela prefeitura e que contenha um local para expor as produções artesanais e guardar os itens que pertencem a comunidade. Além disso, durante as conversas com os moradores, foi ressaltada a importância de ter uma cozinha comunitária no projeto, atendendo à necessidade de preservar e promover às práticas culinárias locais. A implementação dessa cozinha visa não só proporcionar um espaço para o preparo de alimentos, mas também pretende ser um ponto de apoio para a continuidade das feiras, eventos que desempenham um papel vital na promoção da cultura quilombola.

Além disso, uma adição relevante ao projeto é a inclusão de uma pequena horta comunitária, que busca incentivar e fortalecer a prática da agricultura local, conectando diretamente o quilombo ao seu território, servindo também como um apoio a cozinha comunitária, e como um espaço educativo e de convívio, promovendo a consciência ambiental e o cultivo de produtos orgânicos.

4.1.1 Tabela do Programa de Necessidades

Ambiente	Quantidade	Descrição	Área total
Banheiros	02	Banheiro acessível fem./masc	7,58m ²
Cozinha comunitária	01	Espaço destinado às práticas culinárias com propósito de promover atividades coletivas e contribuir para a continuidade das feiras	14,56m ²
Depósito	01	Armazenamento em geral	9,29m ²
Escritório	01	Escritório administrativo para sede da AQAS	11,00m ²
Pátio central	01	Espaço para convivência, reuniões, apresentações culturais e demais eventos	64,51m ²
Espaço de memória	01	Ambiente para preservar e expor produções artesanais e objetos culturais importantes do Quilombo	13,23m ²
Salas de oficinas	02	Salas flexíveis para oficinas, reuniões, rodas de conversa, práticas de capoeira, artesanato e outras atividades	40,22m ²
Lavadeira	01	Espaço destinado a manter parte do atual uso local, com 4 tanques de 3 cubas cada	10,90m ²
Horta comunitária	01	Fomento a agricultura local e apoio a cozinha comunitária	26,62m ²

Tabela 02: Programa de necessidades. Fonte: Elaborado pela autora.

4.2 Processo

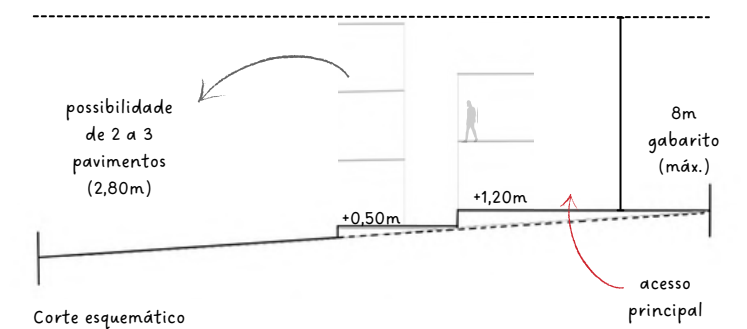
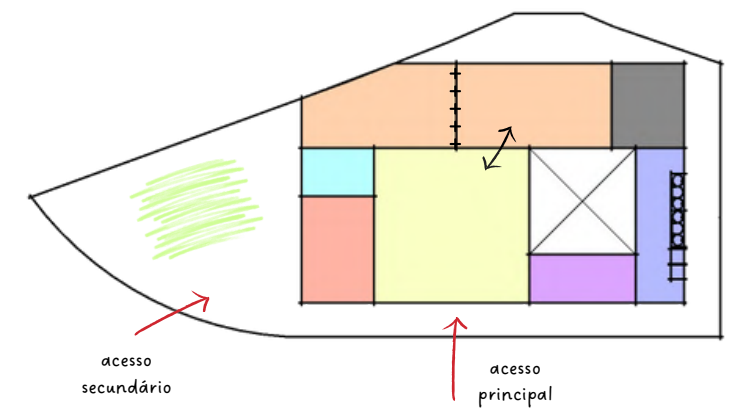
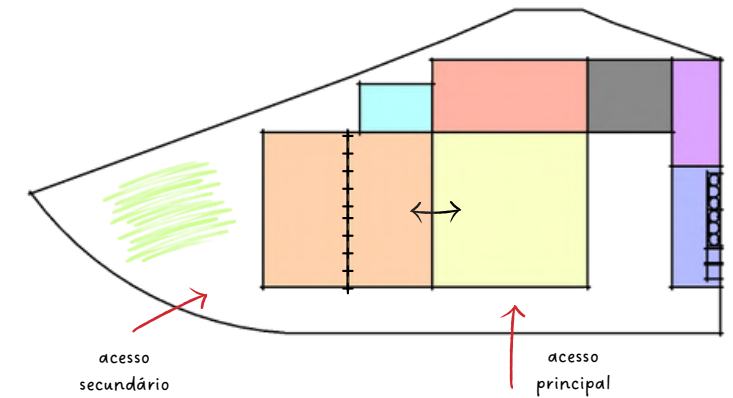
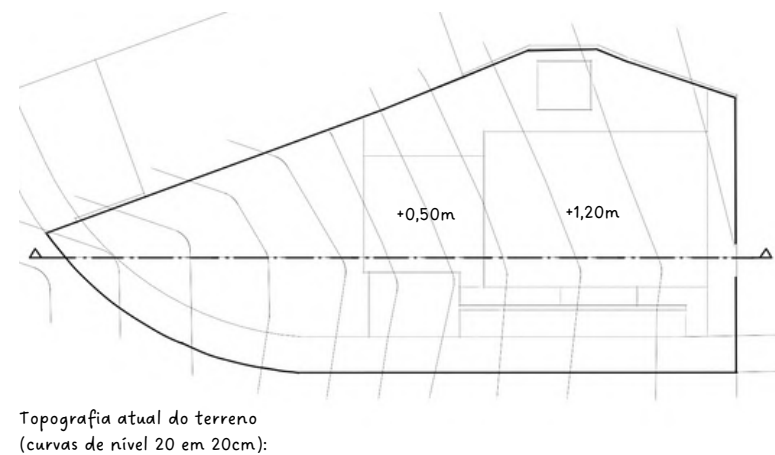
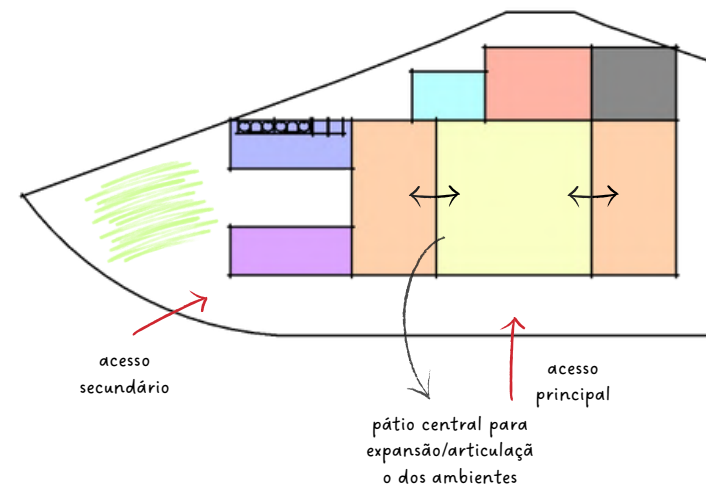
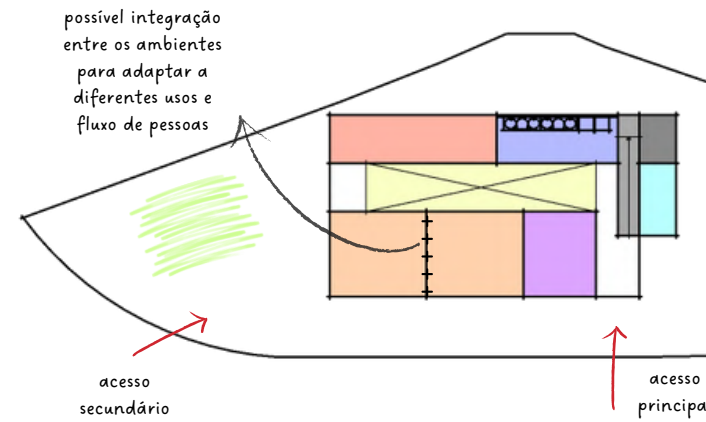
4.2.1 Estudos de pré-dimensionamento

Para desenvolver o pré-dimensionamento do programa de necessidades, foram realizados estudos iniciais indicando acessos e testando a disposição dos ambientes. Vale ressaltar, que a atual edificação da lavanderia não atende a todos os parâmetros de recuos estabelecidos pela legislação incidente no município, possivelmente devido ao local estar situado fora do perímetro urbano da cidade. Diante desse cenário, buscou-se estabelecer algumas ponderações em virtude das limitações do terreno, considerando os recuos já existentes.

O partido inicial para os estudos realizados foi a necessidade de planejar ambientes que ofereçam uma flexibilidade à planta baixa, possibilitando adaptar os espaços conforme as necessidades da comunidade.

Ao explorar a possibilidade de uma edificação totalmente térrea, optou-se por expandir a área do pátio, posicionando-o no centro do projeto. Considerando o ambiente como núcleo central da proposta, com os demais espaços dispostos ao redor desse pátio central.

A partir desses estudos, optou-se por projetar uma edificação com dois pavimentos, uma vez que a disposição térrea dos ambientes não proporciona um dimensionamento adequado e compromete os recuos do edifício. Essa escolha visa assegurar que os espaços possam ser dimensionados de maneira apropriada, sem comprometer suas funcionalidades e oferecendo uma melhor otimização do espaço disponível. Isso possibilitará a distribuição eficaz das diferentes áreas e atividades, garantindo uma utilização mais eficiente do espaço.



Legenda:

	Banheiro		Sala de oficina
	Cozinha		Lavanderia
	Depósito		Espaço de memória
	Pátio		Horta comunitária

Figuras 54: Estudos esquemáticos - térreo. Fonte: Elaborado pela autora.

Figura 55: Ilustração da atual topografia do terreno. Fonte: Elaborado pela autora.

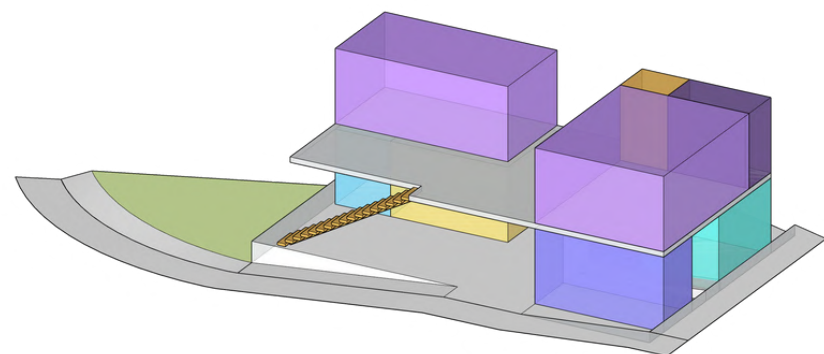
Figura 56: Corte esquemático. Fonte: Elaborado pela autora.

4.2.2 Estudos volumétricos

Com base no programa de necessidades e nos estudos esquemáticos de pré-dimensionamento, foram desenvolvidos alguns estudos de volumetria buscando a otimização do terreno e organização dos ambientes de forma adequada. No pavimento térreo, a prioridade foi alocar a cozinha, lavanderia, espaço de memória, depósito e o pátio central. O segundo pavimento, por sua vez, foi designado principalmente às salas de oficina, as quais possuem usos mais específicos, de forma a distribuir de maneira eficiente os fluxos e as atividades no espaço sem que haja conflitos entre eles.

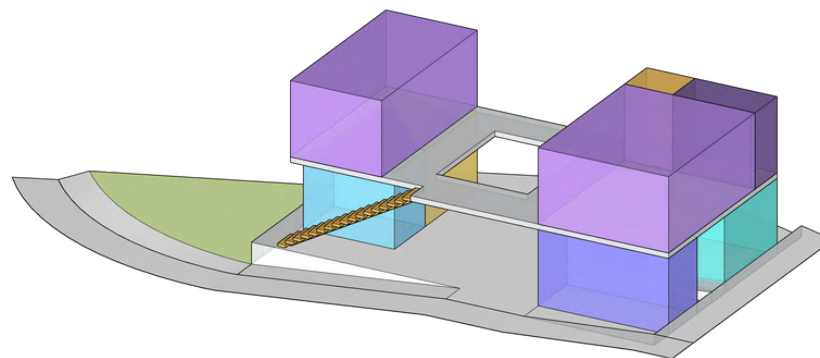
Estudo 01

Nesse primeiro estudo, propôs-se posicionar a cozinha e banheiro de maneira a estabelecer uma conexão com a extremidade do terreno, onde se idealizou a horta comunitária. No entanto, o pátio central assumiu uma configuração em formato de L, o que se torna desafiador para otimizar as atividades planejadas.



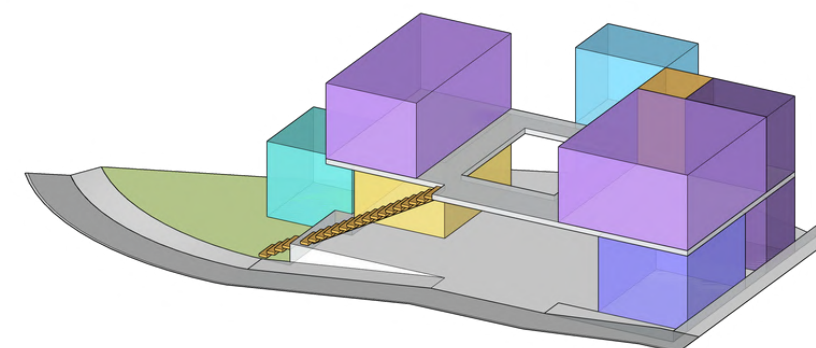
Estudo 02

No segundo estudo, o pátio central foi ampliado e centralizado no edifício, criando a possibilidade de um pé direito duplo. Essa modificação permitiu uma integração visual com o segundo pavimento, embora não tenha estabelecido uma conexão direta com a área da horta. Além disso, os banheiros permanecem exclusivamente no térreo.



Estudo 03

Na seguinte proposta, a lavanderia foi posicionada de forma para tirar proveito da topografia, ao lado da cozinha e adjacente a horta, possibilitando um acesso secundário mais direto pela rua. Essa mudança não apenas garantiu maior visibilidade, contribuindo para a preservação da memória local, mas também possibilitou a expansão do espaço de memória. Adicionalmente, introduziu-se uma torre de banheiros ao fundo do pátio que atende aos dois pavimentos e, desse modo, facilita a conexão entre o pátio central e a extremidade do terreno, onde serão situadas a lavanderia e a horta.



Legenda:

	Banheiro		Sala de oficina
	Cozinha		Lavanderia
	Depósito		Espaço de memória
	Pátio central		Horta comunitária
			Circulação vertical

Figura 57, 58 e 59: Estudos volumétricos. Fonte: Elaborado pela autora.



4.3 Roda de Conversa: Diálogo sobre a proposta projetual

Para avançar no desenvolvimento da proposta projetual, foi realizada uma roda de conversa na sede provisória da AQAS em 25 de novembro de 2023, envolvendo a comunidade. Com intuito de proporcionar uma compreensão mais abrangente da proposta, foi desenvolvida uma maquete volumétrica na escala de 1:75, destacando cada ambiente com blocos representativos e incluindo uma escala humana para referência.

Durante essa interação, foi apresentado o programa de necessidades, os fluxos e disposição planejada dos ambientes, buscando contribuições e apontamentos para dar continuidade ao desenvolvimento da proposta, enquanto avaliava-se a adesão da comunidade.

Como nem todos participantes estavam presentes durante a concepção do programa de necessidades, surgiu a sugestão de incluir um escritório administrativo em substituição a um dos depósitos. Além disso, propôs-se a inclusão de um fogão a lenha, preservando uma tradição cultural presente em muitas residências antigas do quilombo.

Também foram destacados elementos que enriquecerão a identidade da comunidade na materialidade do projeto. Algumas sugestões incluíram possibilitar que a comunidade realize grafites expressivos e adotar o uso do adobe como referência às técnicas vernaculares locais, exemplificado por uma parede de adobe no espaço de memória como um resgate cultural.

Além disso, incorporar esse material nas paredes da cozinha e ao redor dos pilares no pátio central como elemento de ornamentação foram algumas das propostas apresentadas. Um pedido importante foi a valorização do poço de água, permitindo o contínuo abastecimento de água no espaço.

A interação com a comunidade foi crucial para alinhar as demandas e valorizar o desenvolvimento da proposta. Como enfatizado por alguns presentes, é fundamental criar espaços nos quais todas as contribuições sejam acolhidas, garantindo que os membros se sintam verdadeiramente representados e ouvidos por meio de uma abordagem sensível às suas demandas.

Figura 60: Maquete física - blocos.

Figura 61: Roda de conversa. Fotografia: José Rodolfo P. Thiesen

Figura 62: Maquete física - disposição apresentada.

4.4 Conceito e partido

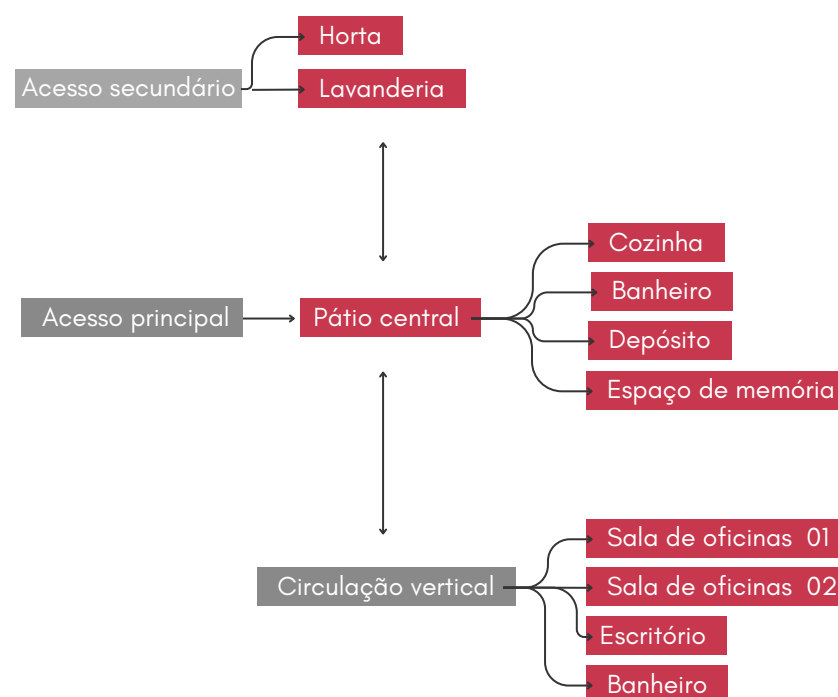
O Centro Comunitário representa uma resposta arquitetônica e social à rica tradição e identidade da comunidade quilombola que o abriga. O conceito central do projeto é intrinsecamente ligado à preservação e fortalecimento da cultura local, assim como a preservação das raízes históricas da comunidade, ao mesmo tempo em que oferece um espaço dinâmico e inclusivo para a comunidade se reunir, interagir e se fortalecer.

O intuito do projeto é ser concebido como uma expressão da identidade quilombola, fomentando um senso de pertencimento com o local. Para alcançar esse objetivo, destacam-se os momentos dedicados à interação com os moradores, nos quais foram identificadas suas demandas. Essa abordagem assegura que a proposta arquitetônica esteja alinhada de maneira precisa e sensível aos anseios e desejos da comunidade, valorizando ativamente a participação dos moradores durante o processo. Isso garante que as soluções arquitetônicas atendam às necessidades locais e se alinhem aos valores do Quilombo Alto Santana.

Em relação ao partido arquitetônico, o centro é projetado como um espaço multifuncional, capaz de acomodar uma variedade de atividades. As áreas são flexíveis, permitindo a fácil adaptação para eventos culturais, reuniões, atividades educacionais e iniciativas de empreendedorismo local. A disposição das salas e a circulação foram pensadas de maneira a incentivar a interação social e a troca de conhecimento, fortalecendo os laços comunitários.

4.5 Fluxograma

Com base no programa, nos estudos realizados e nos diálogos estabelecidos com a comunidade, apresentamos o seguinte fluxograma que organiza os percursos do edifício.



A decisão de colocar o pátio no centro do projeto, reflete a intenção de criar um núcleo central que sirva como ponto focal e organizador para toda a edificação. Ao considerar o ambiente como o coração da proposta, os demais espaços foram dispostos ao redor do pátio, proporcionando uma distribuição equilibrada dos ambientes, e estabelecendo uma conexão visual entre as áreas.

A centralidade do pátio promove a circulação natural de ar e luz, e também busca criar uma atmosfera acolhedora e convidativa para as pessoas. Essa escolha arquitetônica não apenas otimiza a funcionalidade do espaço, mas também realça a importância do aspecto social e comunitário, enfatizando o papel do pátio como elemento unificador na concepção do projeto.

4.6 Materialidade

Retomando os objetivos iniciais do projeto, orientado pela diretriz que preservar e fortalecer a memória e identidade da comunidade, optou-se por expressar isso também por meio da materialidade.

A estrutura principal adotada é de concreto armado e para a vedação, optou-se a alvenaria de adobe, com uma fiada de blocos de concreto impermeabilizados no embasamento do térreo. Isso foi feito para prevenir o contato direto do adobe com o solo, evitando problemas decorrentes da umidade, com intuito de contribuir para a durabilidade e preservação do edifício.

Quanto à cobertura, adotou-se uma estrutura de madeira para as tesouras, juntamente com o uso de telhas cerâmicas, alinhando-se ao estilo das residências circundantes ao edifício. Já para as principais esquadrias, optou-se por utilizar venezianas de madeira, de modo a proporcionar ventilação e iluminação controlada nos espaços internos e estabelecer uma harmonia visual com os demais materiais utilizados na edificação.

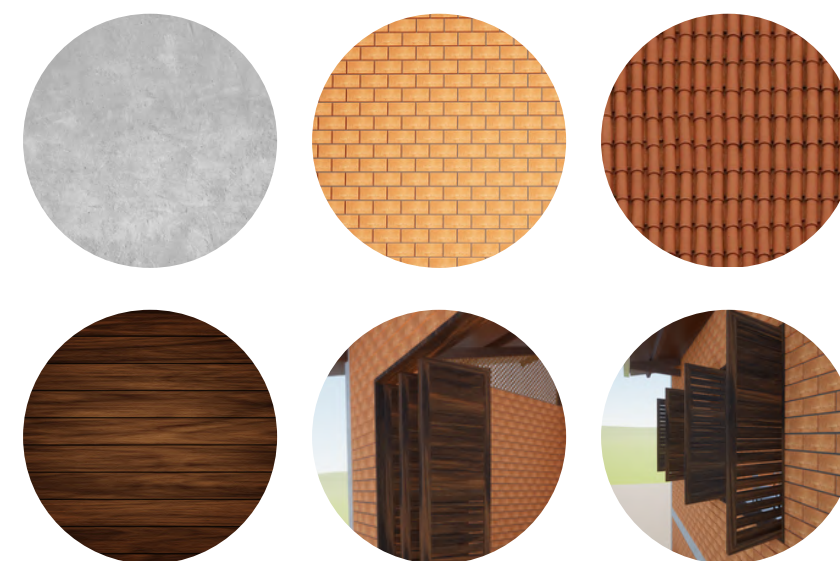


Figura 63: Fluxograma. Fonte: Elaborado pela autora.

Figuras 64 a 69: Materialidade. Fonte: Elaborado pela autora.



4.7
Projeto Arquitetônico



LOCALIZAÇÃO

ESCALA 1/3000



PLANTA DE SITUAÇÃO

ESCALA 1/250



UFG - Câmpus Goiás | Arquitetura e Urbanismo | TCC II | 2023.2

Centro Comunitário para o Quilombo Alto Santana

Orientanda: Isadora Souza Medeiros

Data: jan/2024

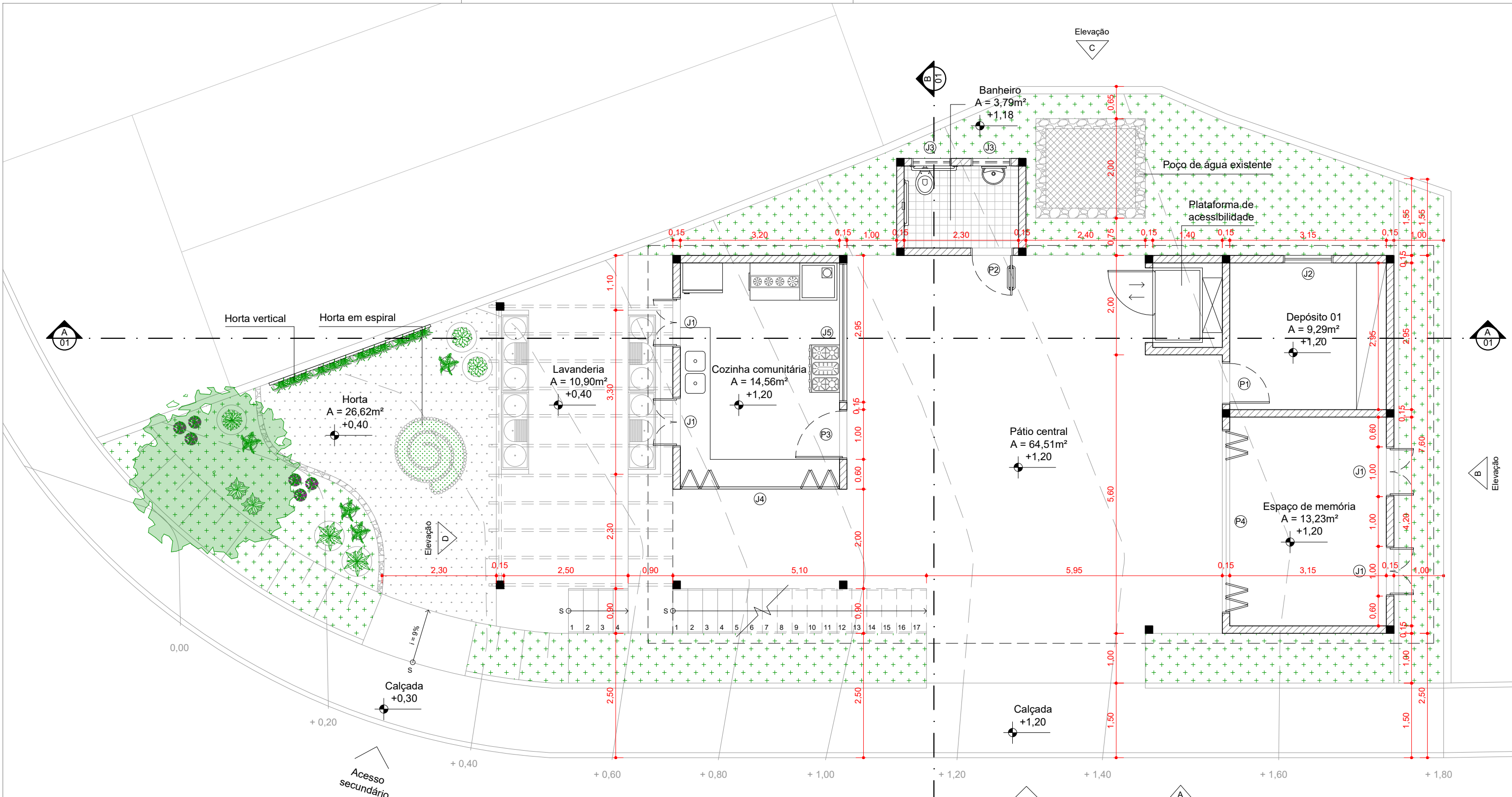
Orientador: Prof. Me. José Rodolfo Pacheco Thiesen

Folha:

Coorientador: Prof. Dr. João Paulo Oliveira Huguenin

Conteúdo: Localização e Planta de Situação

Escala: Indicada



PLANTA BAIXA - TÉRREO

ESCALA 1/75

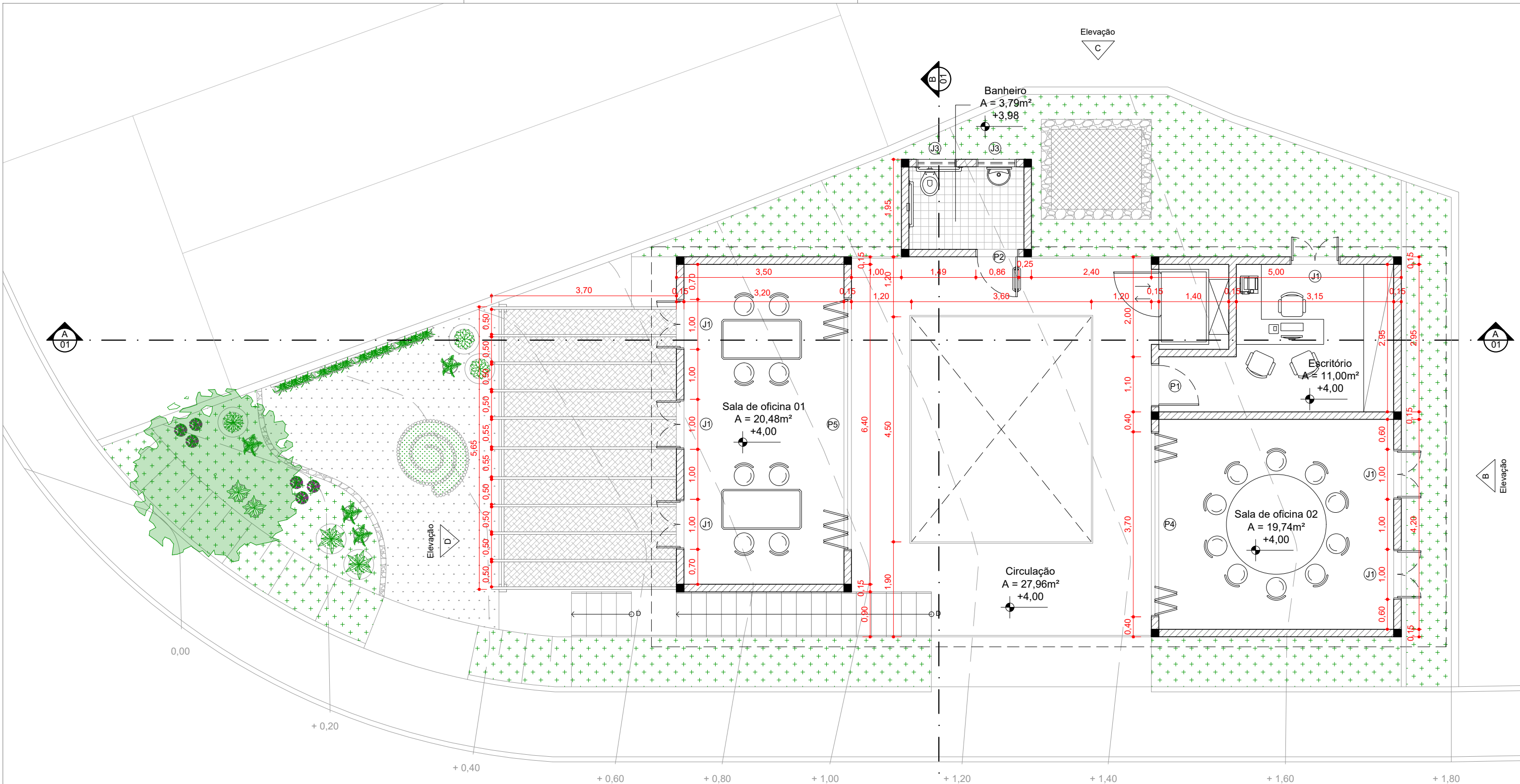


QUADRO DE ÁREAS	
Área do terreno	232,34m ²
Área térreo	140,08m ²
Área pav. superior	115,26m ²
Área total construída	255,34m ²
Área permeável	70,65m ²
Índice de permeabilidade	30,40%

QUADRO DE ESQUADRIAS - JANELAS				
Nº	QTD.	L x A	DESCRIÇÃO	
J1	10	1,00 x 1,40	Janela de madeira com veneziana - 2 folhas	
J2	01	1,00 x 1,00	Janela maxim ar de vidro - 1 folha	
J3	04	0,80 x 0,50	Janela basculante de vidro - 1 folha	
J4	01	3,20 x 1,40	Janela camarão de madeira com veneziana - 8 folhas	
J5	01	2,80 x 1,40	Janela de giro (vertical) - 1 folha	

QUADRO DE ESQUADRIAS - PORTAS			
Nº	QTD.	L x A	DESCRIÇÃO
P1	02	0,86 x 2,10	Porta de madeira - 1 folha
P2	02	0,86 x 2,10	Porta de madeira com barra de acessibilidade - 1 folha
P3	01	1,00 x 2,30	Porta de madeira - 1 folha
P4	01	3,70 x 2,30	Porta camarão de madeira com veneziana - 8 folhas
P5	01	5,00 x 2,30	Porta camarão de madeira com veneziana - 10 folhas

UFG - Câmpus Goiás Arquitetura e Urbanismo TCC II 2023.2	
Centro Comunitário para o Quilombo Alto Santana	
Orientanda: Isadora Souza Medeiros	Data: jan/2024
Orientador: Prof. Me. José Rodolfo Pacheco Thiesen	Folha:
Coorientador: Prof. Dr. João Paulo Oliveira Huguenin	
Conteúdo: Planta Baixa - Térreo	Escala: Indicada



PLANTA BAIXA - PAVIMENTO SUPERIOR

ESCALA 1/75



QUADRO DE ÁREAS

Área do terreno	232,34m ²
Área térreo	140,08m ²
Área pav. superior	115,26m ²
Área total construída	255,34m ²
Área permeável	70,65m ²
Índice de permeabilidade	30,40%

QUADRO DE ESQUADRIAS - JANELAS

Nº	QTD.	L x A	DESCRIÇÃO
J1	10	1,00 x 1,40	Janela de madeira com veneziana - 2 folhas
J2	01	1,00 x 1,00	Janela maxim ar de vidro - 1 folha
J3	04	0,80 x 0,50	Janela basculante de vidro - 1 folha
J4	01	3,20 x 1,40	Janela camarão de madeira com veneziana - 8 folhas
J5	01	2,80 x 1,40	Janela de giro (vertical) - 1 folha

QUADRO DE ESQUADRIAS - PORTAS

Nº	QTD.	L x A	DESCRIÇÃO
P1	02	0,86 x 2,10	Porta de madeira - 1 folha
P2	02	0,86 x 2,10	Porta de madeira com barra de acessibilidade - 1 folha
P3	01	1,00 x 2,30	Porta de madeira - 1 folha
P4	01	3,70 x 2,30	Porta camarão de madeira com veneziana - 8 folhas
P5	01	5,00 x 2,30	Porta camarão de madeira com veneziana - 10 folhas

UFG - Câmpus Goiás | Arquitetura e Urbanismo | TCC II | 2023.2

Centro Comunitário para o Quilombo Alto Santana

Orientanda: Isadora Souza Medeiros

Data: jan/2024

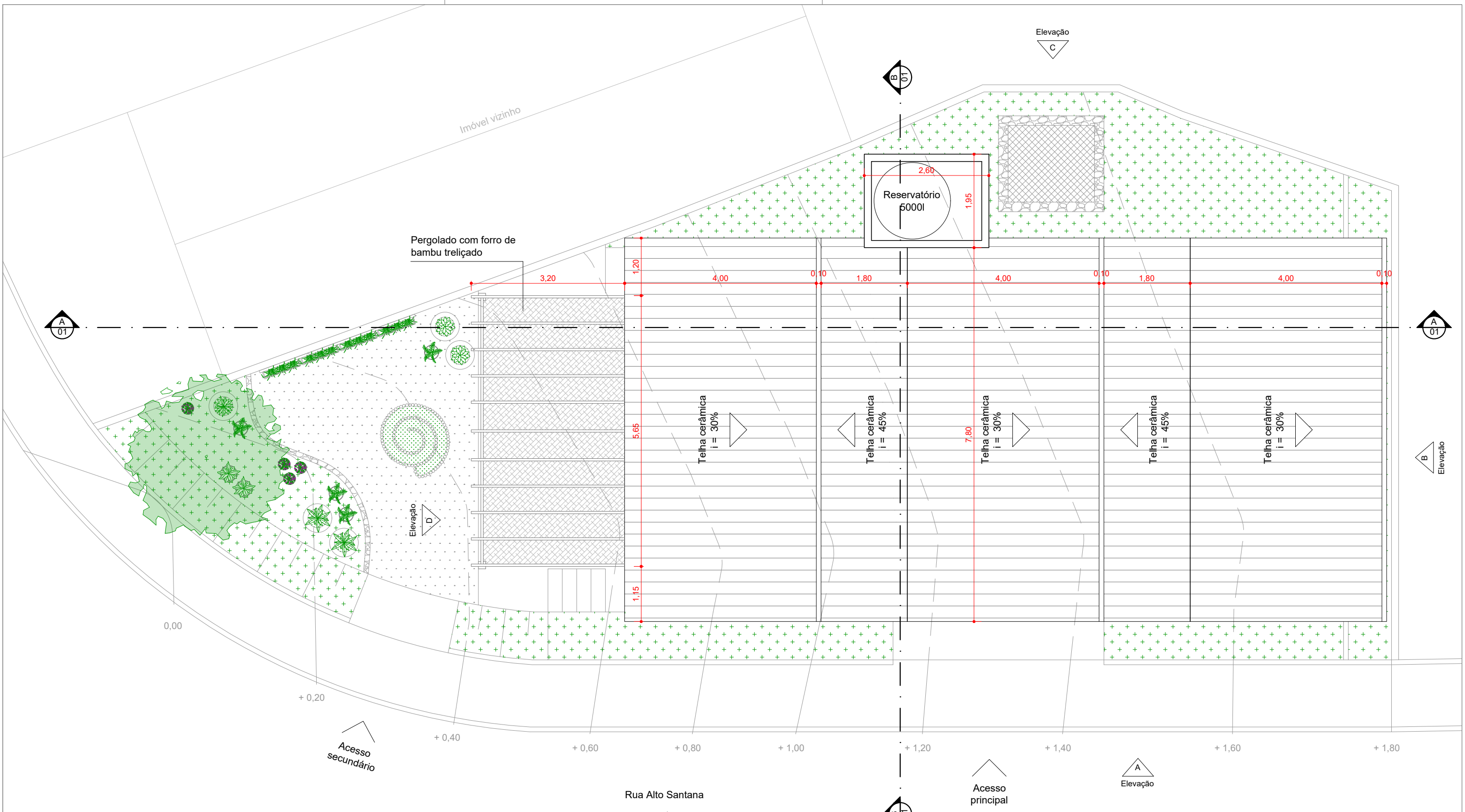
Orientador: Prof. Me. José Rodolfo Pacheco Thiesen

Folha:

Coorientador: Prof. Dr. João Paulo Oliveira Huguenin

Conteúdo: Planta Baixa - Pavimento Superior

Escala: Indicada

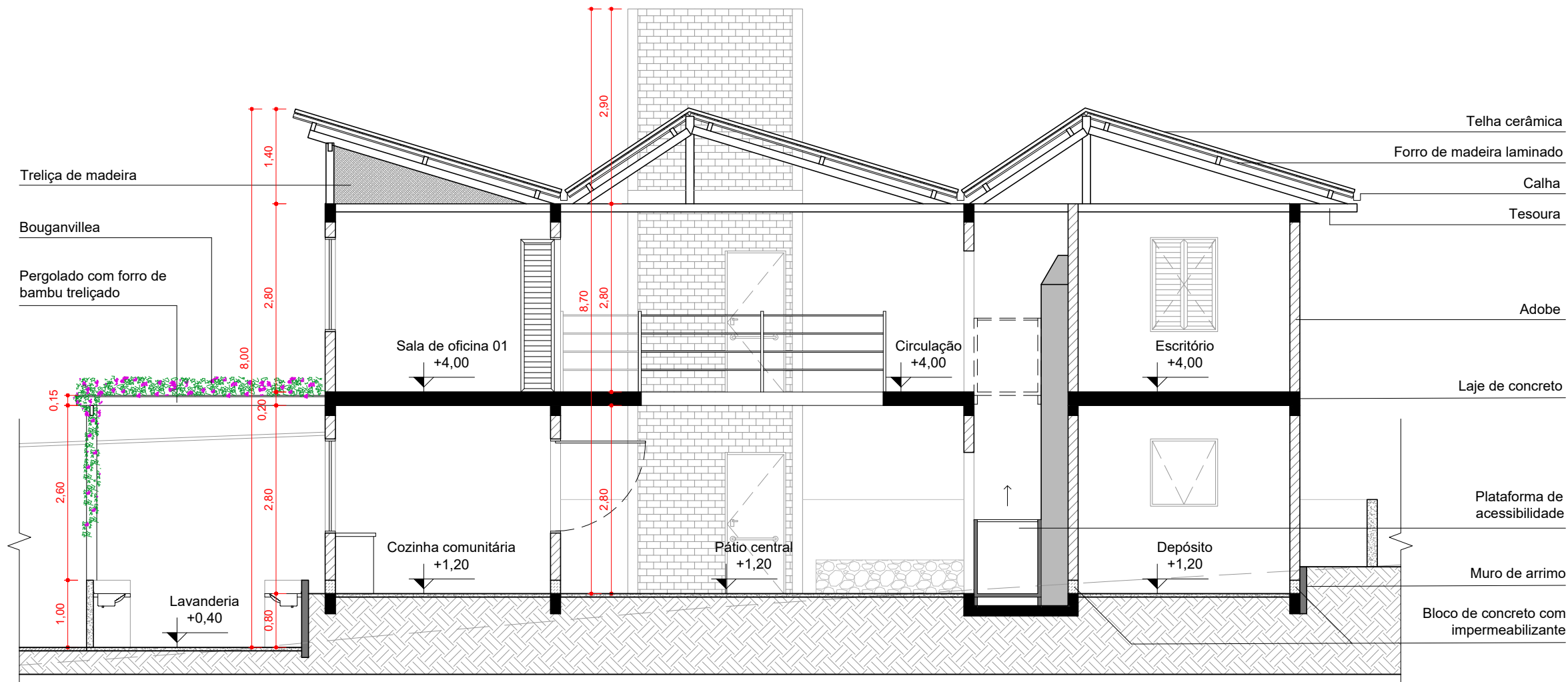


PLANTA DE IMPLANTAÇÃO COM COBERTURA

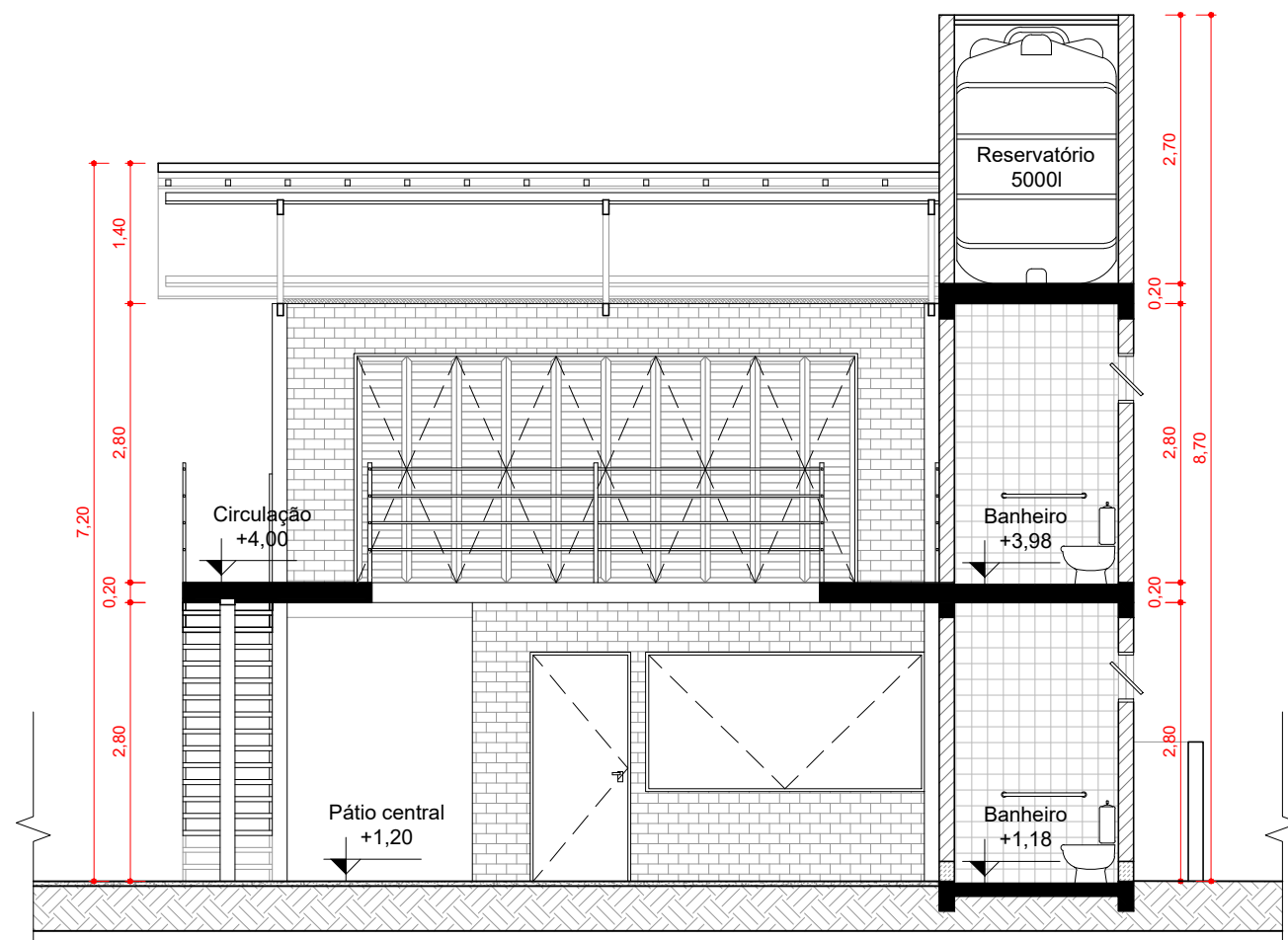
ESCALA 1/75



UFG - Câmpus Goiás Arquitetura e Urbanismo TCC II 2023.2	
Centro Comunitário para o Quilombo Alto Santana	
Orientanda: Isadora Souza Medeiros	Data: jan/2024
Orientador: Prof. Me. José Rodolfo Pacheco Thiesen	Folha:
Coorientador: Prof. Dr. João Paulo Oliveira Huguenin	4/7
Conteúdo: Planta de Implantação com Cobertura	

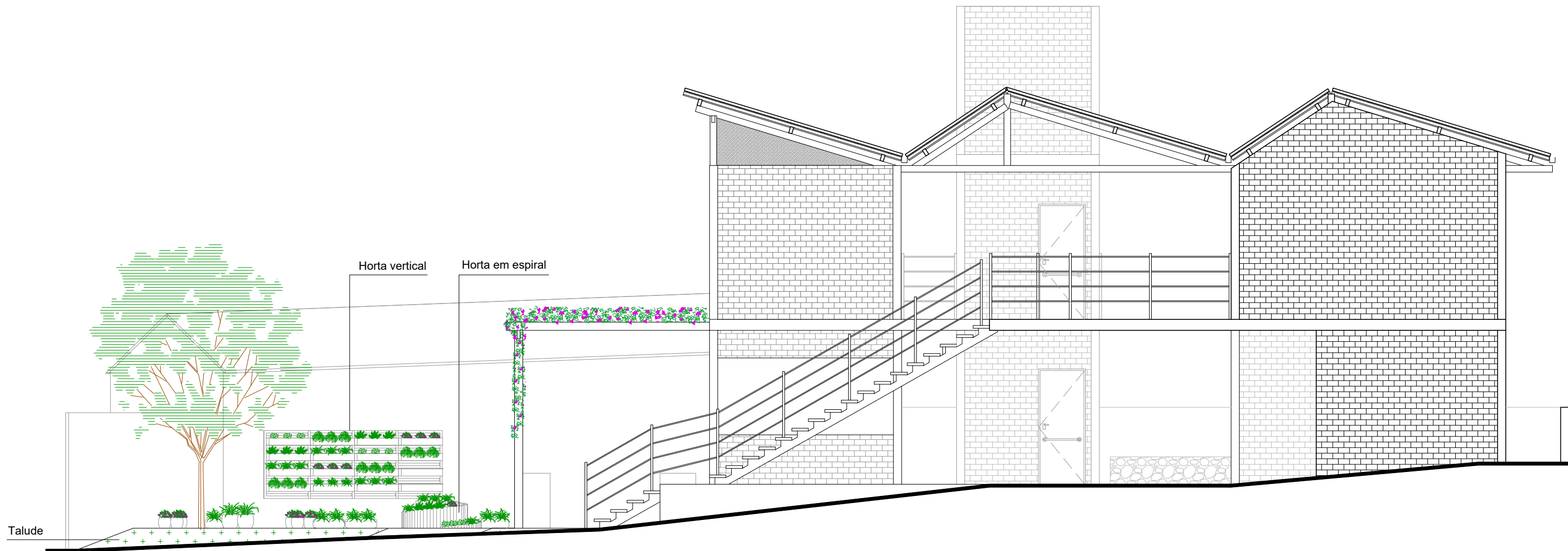


CORTE AA
ESCALA 1/75



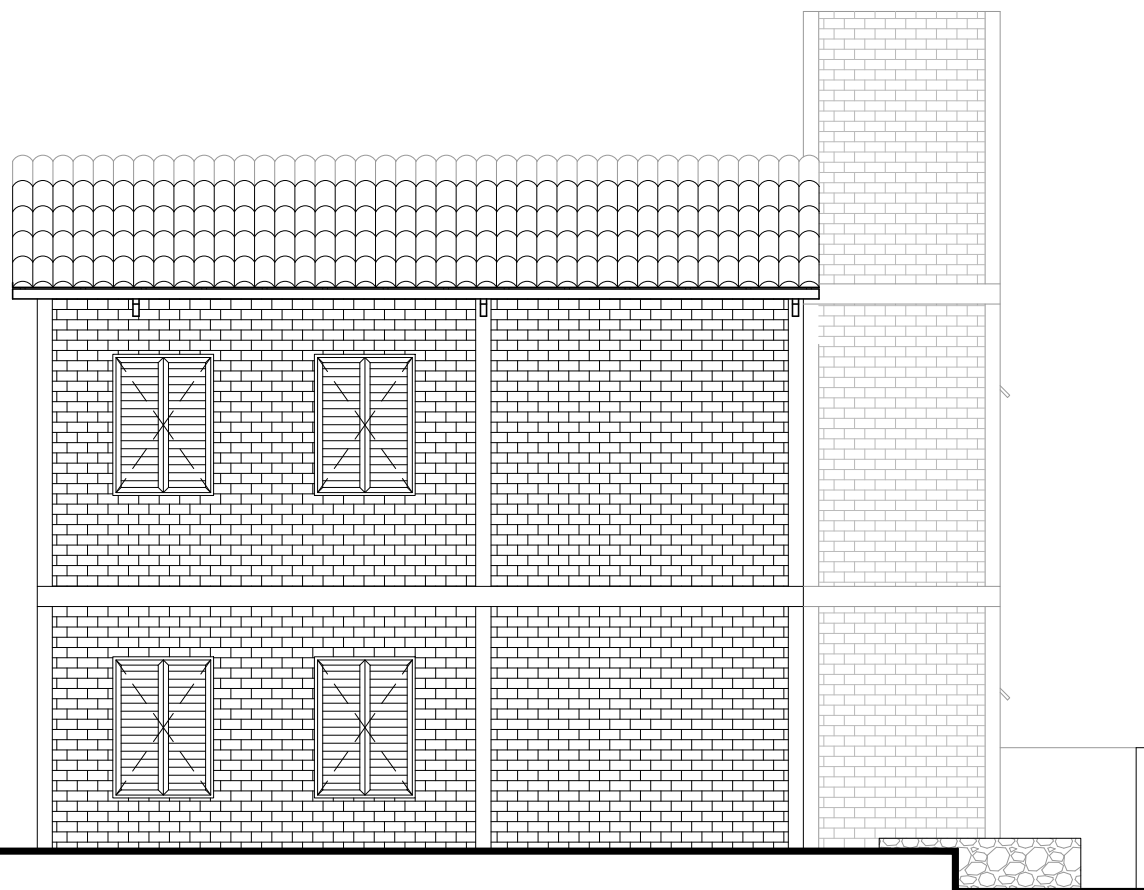
CORTE BB
ESCALA 1/75

UFG - Câmpus Goiás Arquitetura e Urbanismo TCC II 2023.2	
Centro Comunitário para o Quilombo Alto Santana	
Orientanda: Isadora Souza Medeiros	Data: jan/2024
Orientador: Prof. Me. José Rodolfo Pacheco Thiesen	Folha:
Coorientador: Prof. Dr. João Paulo Oliveira Huguenin	5/7
Conteúdo: Cortes	Escala: Indicada



ELEVAÇÃO A

ESCALA 1/75



ELEVAÇÃO B

ESCALA 1/75

UFG - Câmpus Goiás | Arquitetura e Urbanismo | TCC II | 2023.2

Centro Comunitário para o Quilombo Alto Santana

Orientanda: Isadora Souza Medeiros

Data: jan/2024

Orientador: Prof. Me. José Rodolfo Pacheco Thiesen

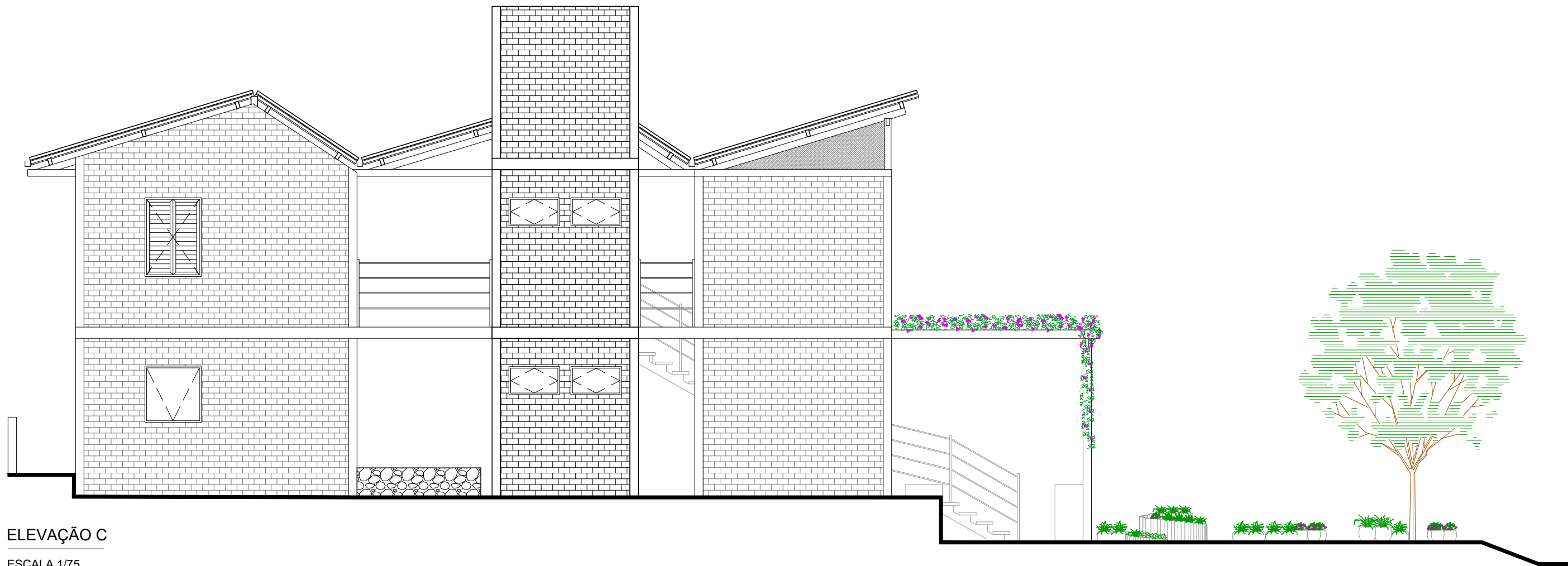
Folha:

Coorientador: Prof. Dr. João Paulo Oliveira Huguenin

6/7

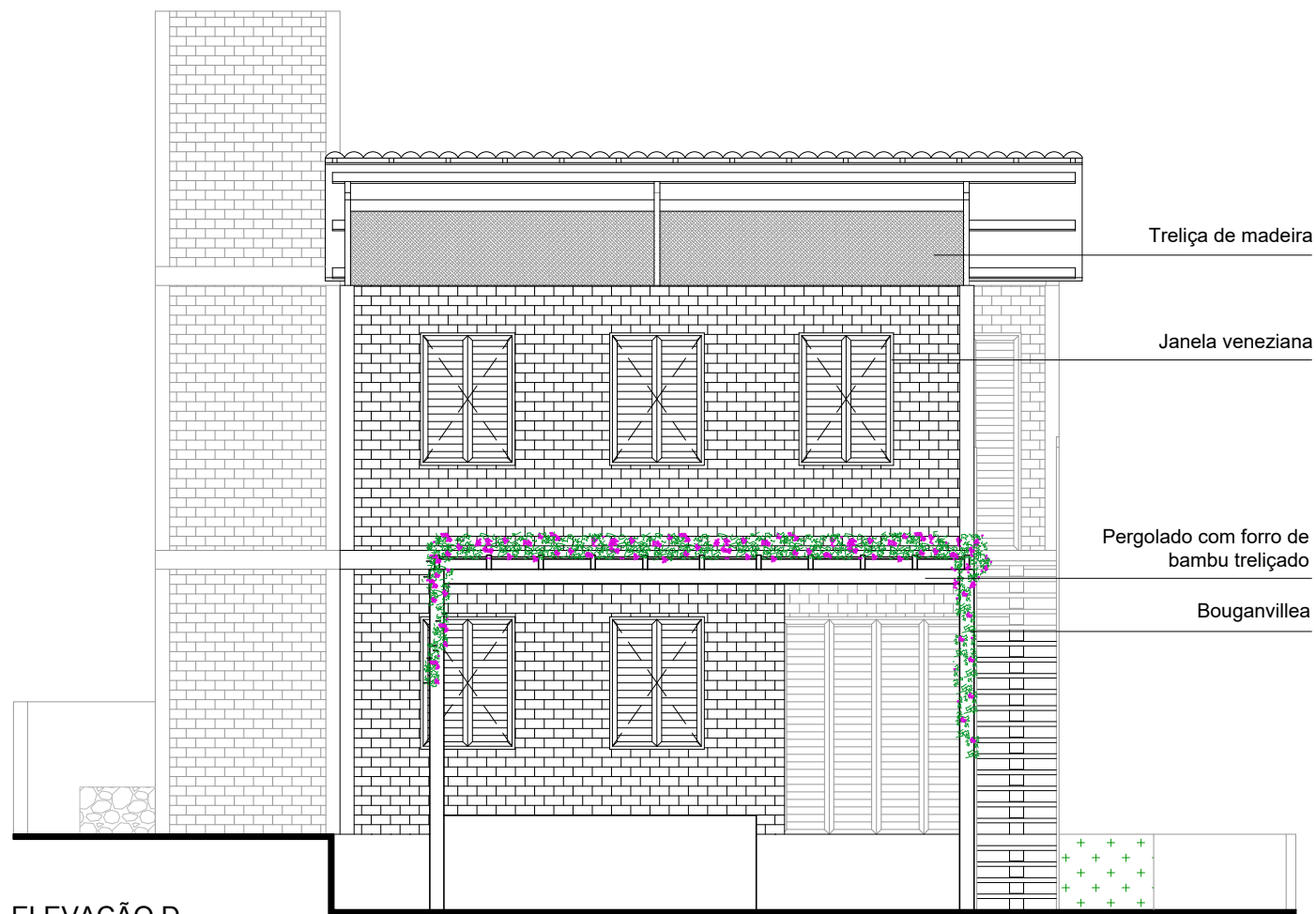
Conteúdo: Elevações

Escala: Indicada



ELEVAÇÃO C

ESCALA 1/75



ELEVAÇÃO D

ESCALA 1/75

UFG - Câmpus Goiás | Arquitetura e Urbanismo | TCC II | 2023.2

Centro Comunitário para o Quilombo Alto Santana

Orientanda: Isadora Souza Medeiros

Data: jan/2024

Orientador: Prof. Me. José Rodolfo Pacheco Thiesen

Folha:

Coorientador: Prof. Dr. João Paulo Oliveira Huguenin

7/7

Conteúdo: Elevações

Escala: Indicada



Figura 70: Perspectiva fachada frontal. Fonte: Elaborado pela autora.



Figura 71 : Perspectiva horta e lavanderia. Fonte: Elaborado pela autora.



Figura 72: Perspectiva pátio central. Fonte: Elaborado pela autora.

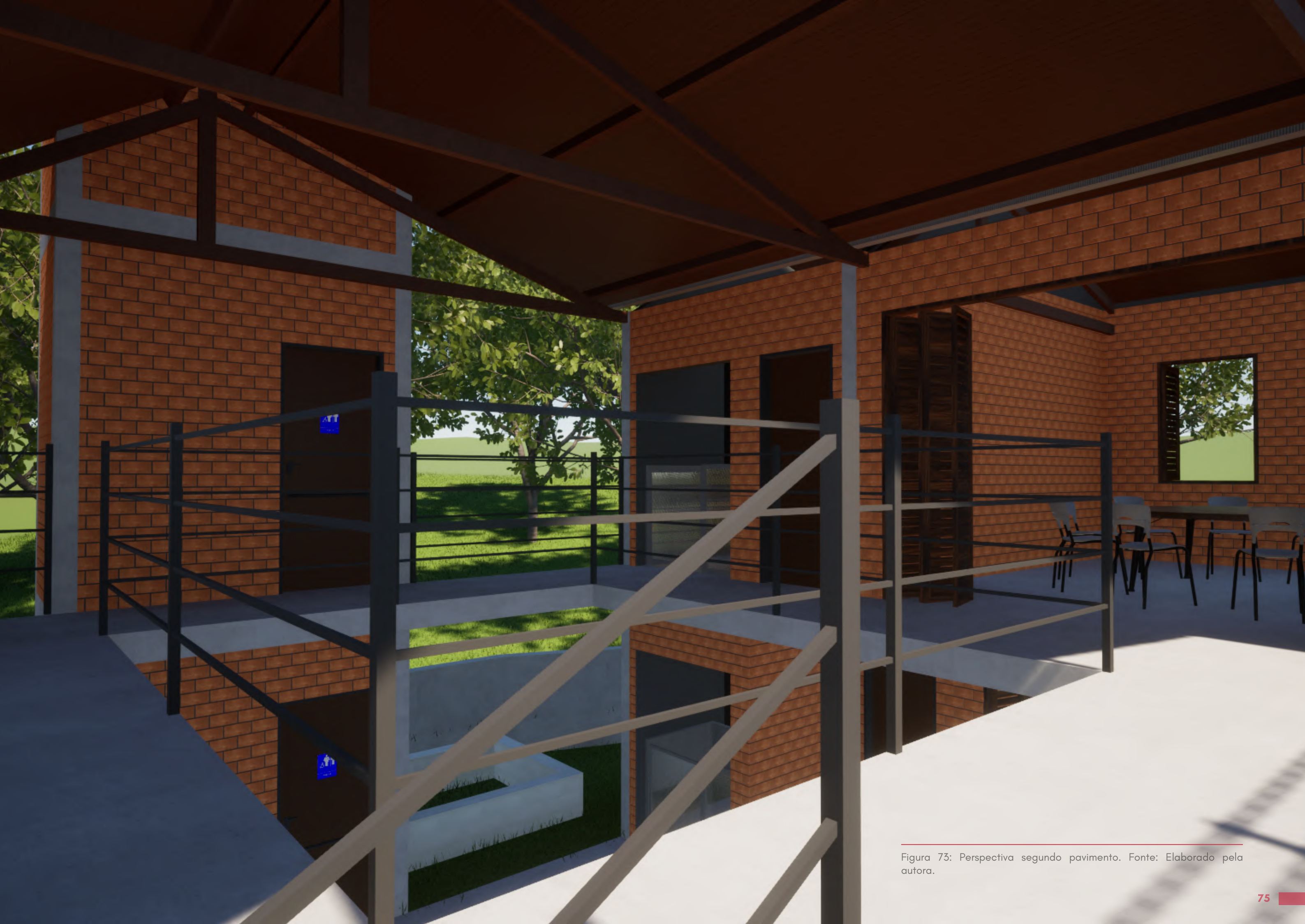


Figura 73: Perspectiva segundo pavimento. Fonte: Elaborado pela autora.

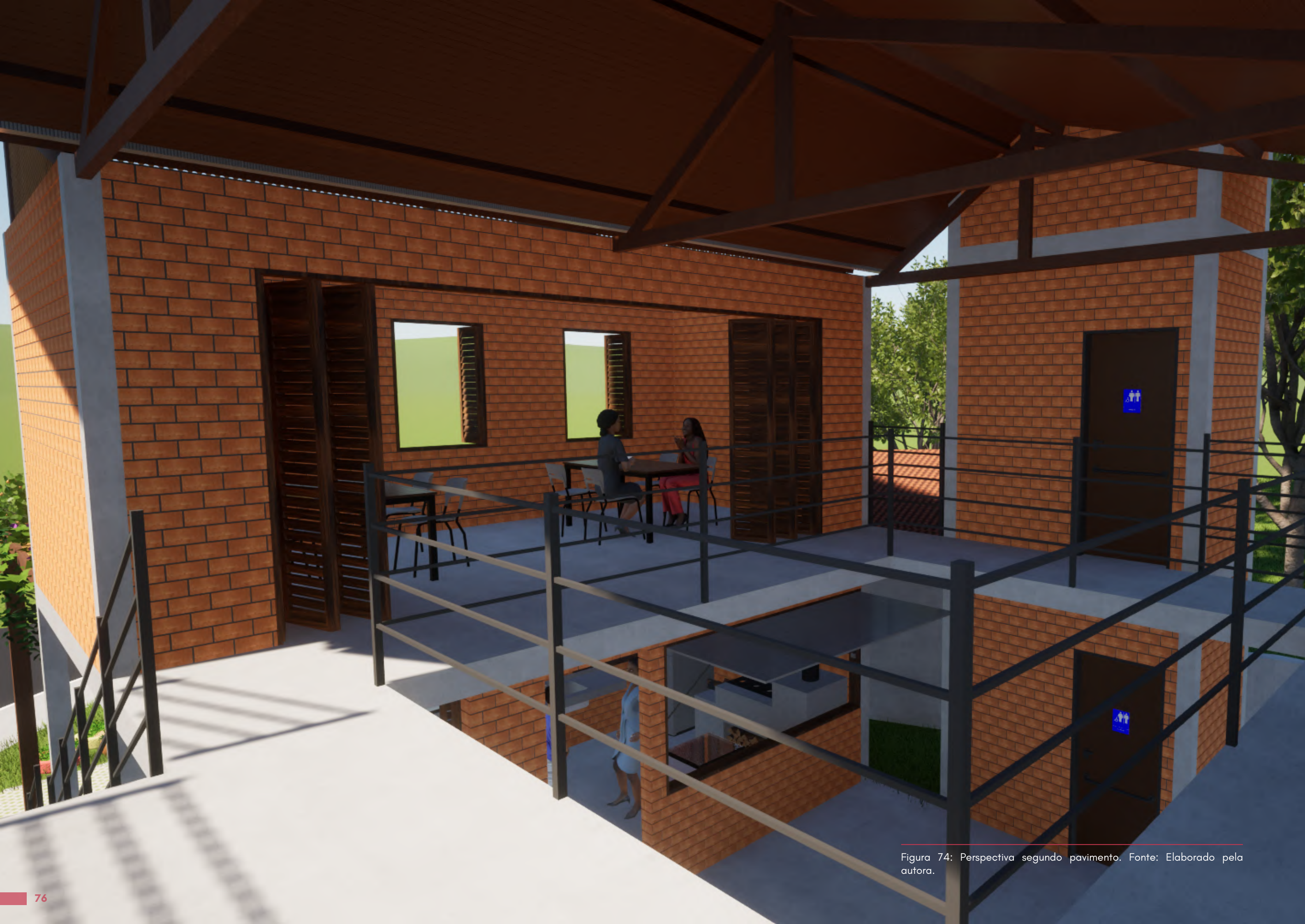


Figura 74: Perspectiva segundo pavimento. Fonte: Elaborado pela autora.

Considerações Finais

O presente trabalho de conclusão de curso registra um processo de aprendizado extremamente significativo, durante o qual pude aprofundar meus conhecimentos acerca de comunidades quilombolas e suas representações atuais, proporcionando uma visão mais sensível e aprofundada sobre suas identidades, bem como a importância do sentimento de pertencimento e a influência em que a arquitetura, especialmente os equipamentos comunitários, desempenham nesse contexto.

Através do desenvolvimento dos referenciais teóricos e projetuais, foi possível adquirir uma visão mais ampla e aprofundada sobre a importância desses espaços para as comunidades, bem como sua relevância no fortalecimento comunitário e no fomento a identidades coletivas. Além disso, foi possível reconhecer o papel crucial desses equipamentos na promoção de transformações socioespaciais positivas, uma vez que são capazes de gerar mudanças significativas nos âmbitos socioculturais, proporcionando um senso de pertencimento com o local e estimulando a participação ativa dos moradores nesses espaços.

A aproximação com o Quilombo Alto Santana, foi de suma importância para conhecer e compreender as relações ali

estabelecidas desde o início da ocupação do território, bem como os espaços de uso coletivo, que são parte de sua identidade. Essa aproximação foi essencial para adquirir um entendimento das particularidades da comunidade, permitindo assim alinhar elementos essenciais para desenvolver uma proposta significativa e alinhada com suas necessidades.

Essa abordagem participativa, que se manifestou por meio de troca de experiências, visitas à comunidade, momentos de diálogo, desempenhou um papel fundamental para compreender as nuances e particularidades que deveriam ser incorporadas à proposta arquitetônica. Esses elementos contribuíram para definição de soluções e estratégias no desenvolvimento do projeto, visando conceber uma proposta arquitetônica verdadeiramente significativa e relevante para a comunidade do Quilombo Alto Santana.

Em suma, o projeto visa contribuir para o fortalecimento do senso de pertencimento dos moradores, assim como a organização comunitária e a identidade coletiva do quilombo. Além disso, busca apoiar a articulação política da Associação Quilombola Alto Santana (AQAS) na criação de seu espaço comunitário.

Referências

BARBOSA, Ana; MOY, Emily; SILVA, Flavia. Comunidade Barroso (Camamu - BA) pós 2008: a certificação e a nova configuração de quilombo. **ODEERE**, v. 1, n. 1, p. 214-231, 2016.

BATISTA, Carolina. **Protagonismo das mulheres quilombolas: A luta pelo território Alto Santana**. Monografia (Bacharel em Direito) - Universidade Federal de Goiás, Goiás, 2021.

BRASIL. Decreto nº 4.887, de 20 de novembro de 2003. Regulamenta o procedimento para identificação, reconhecimento, delimitação, demarcação e titulação das terras ocupadas por remanescentes das comunidades dos quilombos de que trata o art. 68 do Ato das Disposições Constitucionais Transitórias. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/decreto/2003/d4887.htm. Acesso em: 01 de julho de 2023.

CASTELLS, Manuel. Paraísos comuns: Identidade e significado na sociedade em rede. In: **O poder da identidade**. 9. ed. Rio de Janeiro | São Paulo: Editora Paz e Terra, 2018. p.53-121.

CENTRO Comunitário Camburi / CRU! Architects. **ArchDaily Brasil**, 2023. Disponível em: <https://www.archdaily.com.br/br/906019/centro-comunitario-camburi-cru-architects>. Acesso em: 23 de julho de 2023.

CENTRO Étnico Educacional Walirumana / Salba. **ArchDaily Brasil**, 2022. Disponível em: <https://www.archdaily.com.br/br/980678/centro-etnico-educacional-walirumana-salba>. Acesso em: 23 de julho de 2023.

CENTRO Produtivo Comunitário Las Tecedoras / Natura Futura Arquitectura + Juan Carlos Bamba. **ArchDaily Brasil**, 2023. Disponível em: <https://www.archdaily.com.br/br/999763/centro-productivo-comunitario-las-tejedoras-natura-futuraarquitectura-plus-juan-carlos-bamba>. Acesso em: 23 de julho de 2023.

DE ALMEIDA, M. G. Territórios de quilombolas: pelos vãos e serras dos Kalunga de Goiás - patrimônio e biodiversidade de sujeitos do Cerrado. **Ateliê Geográfico**, Goiânia, v. 4, n. 1, p. 36-63, 2010. Disponível em: <https://revistas.ufg.br/atelie/article/view/16682>. Acesso em: 28 de junho de 2023.

ENCONTRO Comunitário discute Segurança Alimentar e Nutricional no Quilombo do Jatimane. **SASOP**, 2021. Disponível em: <https://sasop.org.br/2021/09/encontro-comunitario-discute-seguranca-alimentar-e-nutricional-noquilombo-do-jatimane/>. Acesso em: 20 de julho de 2023.

ENTREGA da Restauração da Lavanderia do Alto Santana. **Prefeitura Municipal de Goiás**, 2017. Disponível em: <http://www.prefeituradegoias.go.gov.br/versao1/2017/11/30/entrega-da-restauracao-da-lavanderia-do-alto-santana/>. Acesso em: 18 de julho de 2023.

FARIA, Barbara. **Do outro lado do rio: Narrativas Negras na Leitura da Vila Lions**. Trabalho de Conclusão de Curso (Bacharel em Arquitetura e Urbanismo) - Universidade Federal de Goiás, Goiás, 2020.

FARIAS, Nuri. Centro Comunitário Cambury. **Galeria da Arquitetura**, 2023. Disponível em: https://www.galeriadaarquitetura.com.br/projeto/cru-architects_/centro-comunitario-cambury/5373. Acesso em: 23 de julho de 2023.

FAUSTINE, Luciane. Comunidade do Barroso Inaugura Centro Quilombola do Barroso. **Observatório Quilombola e Territórios negros**, 2021. Disponível em: <https://kn.org.br/oq/2021/12/20/comunidade-do-barroso-inaugura-centroquilombola-do-barroso/>. Acesso em: 20 de julho de 2023.

FUNDAÇÃO CULTURAL PALMARES. **Certidões Expedidas às Comunidades Remanescentes de Quilombos (CRQS)**. 22 de agosto de 2022. Disponível em: <https://www.palmares.gov.br/sites/mapa/crqs-estados/crqs-go22082022.pdf>. Acesso em: 08 de maio de 2023.

FUNDAÇÃO CULTURAL PALMARES. **Certificação Quilombola: Comunidades certificadas**. Março de 2023. Disponível em: <https://www.gov.br/palmares/pt-br/departamentos/protecao-preservacao-e-articulacao/certificacaoquilombola>. Acesso em: 01 de julho de 2023.

FUNDAÇÃO CULTURAL PALMARES. **Portaria N° 57, de 31 de março de 2022**. Institui o Cadastro Geral de Remanescente dos Quilombos e estabelece os procedimentos para expedição da Certidão de autodefinição na Fundação Cultural Palmares - FCP. Disponível em: <https://www.gov.br/palmares/pt-br/midias/arquivos-menudepartamentos/dpa/comunidades-certificadas/portaria-57-2022-certificacao.pdf>. Acesso em: 01 de julho de 2023.

GOIÁS. Lei n. 206, de 29 de agosto de 1996. Estabelece a política urbana, o perímetro, a preservação do patrimônio histórico e patrimônio natural, a locação das atividades. O parcelamento do solo. Normas para as edificações e posturas no município de Goiás. Disponível em: https://goias.go.gov.br/publicacoes/leis//plano_diretor.pdf. Acesso em: 12 de julho de 2023.

HABITAR A CIDADE. **ATHIS - Ass. Quilombola Ana Laura de Piracanjuba**. Disponível em: <https://www.habitaracidade.com/athissobre>. Acesso em: 16 de julho de 2023.

HERTZBERGER, Herman. **Lições de Arquitetura**. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1999. p. 272

IASI, Maiári. Concurso Nacional de Projeto Quilombola, CAU/GO. 2021. Disponível em: <https://www.caugo.gov.br/wpcontent/uploads/2021/11/R.S.19-I-A-VI.pdf>. Acesso em: 6 de julho de 2023.

INCRA. **Comunidade Quilombola Galvão**. Coleção Terras de Quilombos, São Paulo, 2021. Disponível em: <https://www.gov.br/incra/pt-br/assuntos/governanca-fundiaria/galvao.pdf/view>. Acesso em: 20 de julho de 2023.

LAGE, Roberta. Secretaria de Agricultura e Abastecimento investe R\$ 11 milhões em 26 comunidades quilombolas paulistas e beneficia mais de duas mil famílias. **CATI**, 2019. Disponível em: <https://www.cati.sp.gov.br/portal/imprensa/noticia/secretaria-de-agricultura-e-abastecimento-investe-r-11-milhoes-em-26-comunidades-quilombolas-paulistas-e-beneficia-mais-de-duas-mil-familias>. Acesso em: 20 de julho de 2023.

MORAIS, Lucinete. (Org.). **Os devotos de São Sebastião da pedreira, o Santo Fúvão de Goiás**. 1ed. Goiânia: Luppá Criativa, 2018.

MOREIRA NETO, E. (2022). Métodos de pesquisa para a profissão arquitetônica: uma resenha crítica: AKSAMIA, Ajla. **Research methods for the architectural profession**. 32. ed. Nova Iorque: Routledge, 2021. p.10.

NANBIWÍ. **Quilombo do Barroso**, 2022. Disponível em: <https://www.quilombodobarroso.com>. Acesso em: 20 de julho de 2023.

NASCIMENTO, Beatriz. Quilombo e memória comunitária: um estudo de caso. In: RATTI, Alex. J. P. **Eu sou Atlântica: Sobre a Trajetória de Vida de Beatriz Nascimento**. 1. ed. São Paulo: Imprensa Oficial / Instituto Kuanza, 2007. [1982]. p.109-115.

NASCIMENTO, Beatriz. O conceito de quilombo e a resistência cultural negra. In: RATTI, Alex. **Eu sou Atlântica: Sobre a Trajetória de Vida de Beatriz Nascimento**. 1. ed. São Paulo: Imprensa Oficial / Instituto Kuanza, 2007. [1985]. p.117-125.

NOELLE, Marina. **ATHIS | Associação Quilombola de Piracanjuba "Ana Laura"**, 2023. 1 vídeo (7'32"). Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=bAsrkyEK13o>. Acesso em: 16 de julho de 2023.

NUNES, Débora. **Pedagogia da participação: trabalhando com comunidades**. Débora Nunes; tradução: Ciro Sales; Salvador: UNESCO/ Quarteto, 2002. 130p.

OLIVEIRA, F. e D'ABADIA, M. Territórios quilombolas em contextos rurais e urbanos brasileiros. **Élisée - Revista de Geografia da UEG**, Anápolis, v.4, n.2, p.257-275, jul. /dez. 2015. Disponível em: <https://www.revista.ueg.br/index.php/elisee/article/view/3712>. Acesso em: 01 de julho de 2023.

OLIVEIRA, Karine. **Parâmetros urbanísticos e a preservação do Conjunto Arquitetônico e Urbanístico da cidade de Goiás**. Dissertação (Mestrado) - Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, Mestrado Profissional em Preservação do Patrimônio Cultural, Rio de Janeiro, 2014.

Plano Diretor Cidade de Goiás. **Diagnóstico do Município**, março de 2023. Disponível em: <https://goias.go.gov.br/planodiretor/arquivos/>. Acesso em: 08 de maio de 2023.

QUILOMBOS: Secretaria realiza pré-conferências na Caçandoca e Fazenda. **Prefeitura Municipal de Ubatuba**, 2022. Disponível em: <https://www.ubatuba.sp.gov.br/noticias/preconferenciasfazendacacandoca/>. Acesso em: 20 de julho de 2023.

QUILOMBUSBR. **Centro Comunitário #Quilombo da Caçandoca**, 2022a. 1 vídeo (7'29"). Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=rlxHHlv7XEU>. Acesso em: 20 de julho de 2023.

QUILOMBUSBR. **LUTA SEM FIM - Quilombo da Caçandoca Sua Terra e História**, 2022b. 1 vídeo (10'44"). Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=CoTtfzltfMQ>. Acesso em: 20 de julho de 2023. RÁDIO E TV JUSTIÇA. Documentário - Quilombos do século XXI, 2019. 1 vídeo (25'04"). Disponível em: <https://youtu.be/CNhqvWJjGII>. Acesso em: 01 de julho de 2023.

RATTI, Alex. A Terra é o meu quilombo: Terra, território, territorialidade. In: **Eu sou Atlântica: Sobre a Trajetória de Vida de Beatriz Nascimento**. 1. ed. São Paulo: Imprensa Oficial / Instituto Kuanza, 2007. p.51-59.

Relatório Antropológico e Histórico da Comunidade Alto Santana. Comunidade Quilombola do Município de Goiás-GO. Fundação Cultural Palmares. Processo 72020.001575/2023-17. 29 de maio de 2017.

RODRIGUES, Manoela; SANTOS, Fernanda; JESUS, Elenízia; LIMA, Nayara; ARAÚJO JÚNIOR, Ramiro; PRADO, Renato ; BARBOSA, Rodrigo. Feira do quilombo Alto Santana: processos de criação em comunidade como forma de vida e empoderamento. **Revista Nós - Cultura, Estética e Linguagens**. v.6, n.2. Dossiê: África e sua diáspora: pensamentos e linguagens. Publicado em 15/12/2021.

SEDS|GO. Secretaria de Estado de Desenvolvimento Social. Governo do Estado de Goiás. Comunidade Tradicionais. 2020. Disponível em: politizar.ufg.br/n/134790-comunidade-tradicionais: Acesso em: 01 de julho de 2023.

SERRA, Geraldo Gomes. Modelos na pesquisa. In: **Pesquisa em Arquitetura e Urbanismo: Guia prático para o trabalho de pesquisadores em pós-graduação**. São Paulo: Edusp: Mandarim, 2006. p. 89-104.

SERRA, Geraldo Gomes. Tipos de pesquisa. In: **Pesquisa em Arquitetura e Urbanismo: Guia prático para o trabalho de pesquisadores em pós-graduação**. São Paulo: Edusp: Mandarim, 2006. p. 75-88.

SPARK, Weather. **Clima e condições meteorológicas médias em Goiás no ano todo**. 2023. Disponível em: <https://pt.weatherspark.com/y/29864/Clima-caracteristico-em-Goiás-Brasil-durante-o-ano>. Acesso em: 12 de julho de 2023.

UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS. **Projeto Político-Pedagógico do Curso de Arquitetura e Urbanismo da Regional Goiás da Universidade Federal de Goiás (PPC-CAU)**. Cidade de Goiás, 2017. Disponível em: Acesso em: 25 de maio de 2023.

VILLAMIL, I. P. **Resistência negra Afrodescendente em Goiás: a associação Quilombola Ana Laura no município de Piracanjuba/GO**. Dissertação (Mestrado em Ambiente e Sociedade) - Câmpus Sudeste - Sede: Morrinhos, Universidade Estadual de Goiás. Morrinhos - GO. p. 90. 2018.

